

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
Instituto de Ciências Humanas – ICH
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – PPCIR

Cristianismo rima com Nihilismo:
Um estudo sobre a questão do nihilismo em Nietzsche

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Religião como
requisito parcial à obtenção
do título de mestre em
Ciência da Religião por
Giuliano César Mattos de
Almeida Orientador: Prof.
Dr. Paulo Afonso de Araújo

Juiz de Fora
2006

Dissertação defendida e aprovada, em 30 de agosto de 2006, pela banca constituída por

Presidente: Prof. Dr. Eduardo Gross

Titular: Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro

Orientador Prof. Dr. Paulo Afonso de Araújo

Agradeço aqui, necessariamente, à UFJF, instituição que por tanto tempo me apoiou e incentivou, ao Departamento de Ciência da Religião, meu orientador Prof. Dr. Paulo Afonso de Araújo, pela dedicação e acompanhamento neste trabalho, e a meus pais que souberam compreender meu empenho nessa árdua tarefa.

Podeis criar um Deus? Então calai-vos de uma vez por todas a respeito de todos os deuses! Mas bem podeis criar o Super-homem. (...) Não mais querer, não mais avaliar, não mais criar! Ah! Sempre fique longe de mim esse grande cansaço!

Assim Falava Zaratustra, “Nas Ilhas Bem Aventuradas”.

Sumário

Introdução.....	09
Capítulo 1 – O niilismo – Um hóspede inoportuno.....	13
1) O niilismo na obra de Nietzsche.....	15
2) Desvalorização dos valores e a crise do sentido.....	19
3) As formas do niilismo.....	25
a) Niilismo passivo.....	30
b) Niilismo ativo.....	34
Capítulo 2 – <i>Décadence</i> e Niilismo.....	40
1) O niilismo como problema fisiológico.....	47
2) <i>Décadence</i> e cristianismo.....	55
Capítulo 3 – Cristianismo é niilismo	61
1) Moral Cristã e ressentimento.....	61
2) Raízes do cristianismo.....	70
a) A raiz judaica.....	73
b) O papel de Jesus.....	78
c) A “invenção” do cristianismo.....	81
3) Modernidade e valores cristãos.....	83
a) A filosofia moderna.....	85
b) Movimentos revolucionários.....	87
c) A ciência.....	90
Conclusão	93
Bibliografia	101

Resumo

Pretendemos neste trabalho entender por que Nietzsche (1844-1900) identifica o cristianismo ao niilismo. Seguiremos nosso objetivo buscando uma compreensão do que é o niilismo, quais as formas como ele se apresenta e as possibilidades de superá-lo. A partir do conceito de *décadence*, compreender a inversão dos valores realizada pela interpretação judaico-cristã da existência, como uma vontade de poder habitada pelo negativo, que conserva e faz crescer as forças decadentes. O cristianismo, entendido aqui como fenômeno moral norteador do processo civilizatório ocidental, será analisado em sua moral, raízes históricas e continuidade nas idéias modernas para estabelecer o vínculo necessário que o identifica ao niilismo.

Com ênfase nas obras *A Genealogia da Moral*, *Crepúsculo dos Ídolos* e *O Anticristo*, nosso trabalho quer seguir com Nietzsche em sua crítica para vislumbrar sua proposta de transvaloração de todos os valores.

Abstract

We have the intention in this paper to try to understand why Nietzsche (1844-1900) identifies Christianity with Nihilism. We will keep on our research trying to understand what nihilism is, in which ways it is presented and the possibilities to surpass it. From the concept of decadence, the comprehension of the inversion of the values realized by the interpretation Jewish – Christian of the existence, like a will of power habituated for the negative, that conserves and makes the declining forces grow up. The Christianity, studied here as a moral phenomenon that guides the process of civilization of the West, will be analyzed in its moral, its historical basis, and continuity in the modern ideas to establish the necessary bond, that identifies it with nihilism.

Emphasis in the workman's hands *The Genealogy of the Morals*, *Twilight of the Idols* and *The Antichrist*, our work will share with Nietzsche the same thought in his critique to glimpse his proposal of transvaluation of all values.

Lista de abreviações em ordem alfabética das obras de Nietzsche citadas neste estudo

- A – Aurora, 1881.
- AC – O Anticristo, 1895.
- BM – Além do Bem e do Mal, 1886.
- CI – Crepúsculo dos Ídolos, 1889.
- CW/NW – O caso Wagner, 1888 / Nietzsche contra Wagner, 1895.
- EH – Ecce Homo, 1908.
- FF – Fragmentos Finais, 1885-89.
- GC – A Gaia Ciência, 1882.
- GM – Genealogia da moral, 1887.
- HDH – Humano, Demasiado Humano, 1878.
- NT – O Nascimento da Tragédia, 1872.
- Z – Assim Falava Zaratustra, 1883-85.

INTRODUÇÃO

Quando nos propusemos a estudar o niilismo na obra de Nietzsche, sabíamos que a tarefa não seria fácil e que os resultados poderiam nos levar a respostas bem diversas do que se diz a respeito do cristianismo. Um simples contato com a obra *O Anticristo* já revela que a posição do autor quanto ao cristianismo é polêmica. Sua crítica a essa religião passa por outros caminhos que no levam para além de uma destruição das verdades e dogmas professados por essa fé. Nos levam a questionar que tipo de avaliação está por trás das valorações da moral cristã.

Assim, procurando entender o niilismo que se manifesta como pano de fundo no pensar nietzscheano, sua complexidade e ambigüidades, por meio dos quais se explicita a compreensão de mundo do autor, nos entregamos à árdua – e também prazerosa – tarefa de recolher em suas obras o modo como o filósofo compreende o niilismo e como consegue identificá-lo com o cristianismo. Utilizamos também comentadores como Araldi¹ que centra sua análise na questão do niilismo para afirmar que o pensamento de Nietzsche “se move entre dois extremos: da perspectiva da negação da vida – de seus sentidos e valores – à perspectiva da suprema afirmação do mundo e da vida” e Barros², que nos mostra que o filósofo trata de investir contra um modo de vida que precisa negar o mundo e a natureza, apontando a transvaloração dos valores e apresentando um programa inédito de tarefas redimido do ideal de se criar e reproduzir seres humanos condicionados unicamente a obedecer. Também nos servimos da análise de Giacóia³, segundo o qual Nietzsche entende a vida como vontade de poder, como um jogo de forças presente na luta constante de

¹ ARALDI, C. L. *Niilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*, p. 33.

² BARROS, F. M. *A Maldição Transvalorada – o problema da civilização em O Anticristo de Nietzsche*, p. 26-29.

³ GIACOIA Jr, Oswaldo. *Nietzsche & Para além de bem e mal*, p. 32.

afirmação e domínio dos impulsos e instintos. Daí a necessidade da transvaloração de todos os valores.

O niilismo, para Nietzsche, é um capítulo de nossa civilização, pois designa o momento histórico em que se desvalorizaram os valores supremos. Momento em que se perdeu qualquer ilusão sobre a chance de se estabelecer verdades definitivas sobre as coisas. A perda da confiança em Deus, pela supressão da crença no “mundo verdadeiro”, originário da metafísica clássica e do cristianismo, fenômeno característico do século XIX. Para buscar a resposta para essa desvalorização, Nietzsche voltará a sua origem, no pensamento socrático-platônico e seu desenvolvimento posterior, chegando à conclusão de que o niilismo apresentado no séc. XIX é resultado de toda a história do pensamento ocidental.

Iniciamos nosso trabalho descrevendo o modo como o termo niilismo participa do pensamento ocidental, antes de tratar diretamente do que o próprio Nietzsche pensa a respeito desse tema. Nesse ponto, nos foi de grande valia o trabalho de Volpi⁴ sobre o niilismo, o que nos permitiu uma rápida exposição e caracterização do tema. Sendo assim, no primeiro capítulo, situamos o niilismo no pensamento de Nietzsche compreendido como a desvalorização de todos os valores. Ainda neste capítulo olharemos as formas nas quais este niilismo se apresenta (passivo ou ativo) e as possibilidades de se superá-lo.

No segundo capítulo, procuramos descrever o que Nietzsche entende por *décadence* e como, com este operativo teórico, analisa a evolução da civilização ocidental, suas relações com o organismo social e a degeneração fisiológica imposta a esse organismo. Também dedicamos nossa atenção à compreensão do cristianismo como *décadence*, ao entender que o sacerdote asceta se revela como formação típica da vontade de poder habitado pelo negativo, cujo paradoxo consiste em transformar essa negatividade em condição de triunfo e conservação da existência. O que essencialmente está em jogo na interpretação ascética do mundo é sua perspectiva de valor diante de tudo aquilo que faz parte da vida: a natureza, o mundo, o devir. Aqui, a vida vale como ponte para uma outra existência...

A partir dessa compreensão buscamos entender porque o autor identifica o niilismo ao cristianismo e a necessidade de uma transvaloração de todos os valores.

⁴ VOLPI, Franco, *O niilismo*, trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Dedicamos o terceiro capítulo à apresentação de como o filósofo interpreta o cristianismo, não como uma religião que deve ser combatida em seus dogmas, mas enquanto fenômeno moral que guia toda a formação do processo civilizatório ocidental. O solo que tornou possível o crescimento de tal planta – a Grécia de Sócrates e Platão e também o povo judaico de onde se originou o cristianismo – serão apresentados como um olhar cansado e ressentido para com a vida. Uma inversão de forças que conduz à *décadence*. O trabalho de Valadier⁵ sobre o cristianismo foi uma ferramenta importante para a compreensão da *boanova* de Jesus e de seu posterior desenvolvimento por seus discípulos e especialmente Paulo, a quem Nietzsche chamará de inventor do cristianismo. Ainda aqui, passaremos à interpretação nietzscheana das *idéias modernas*, entendidas como uma continuidade dos valores cristãos, mesmo secularizados e querendo-lhes ser uma oposição. A *ordem moral universal*, as revoluções operárias, o advento da ciência são vistos como continuidade e/ou consequência do processo civilizatório iniciado pelo cristianismo em todo o ocidente.

Um exaustivo caminho que, sem dúvida, não tem a pretensão de encerrar a discussão sobre o tema, mas oferecer subsídios para a compreensão da teoria nietzscheana sobre o cristianismo e o adoecimento do animal homem. Sabemos que Nietzsche tem se tornado um filósofo muito popular e nem sempre os temas e questões por ele levantado são vistos como um experimento que visa a saúde deste “animal”. Às vezes tomado apenas como simples afronta à tradição e ressentimento contra a religião em que foi educado (assim o querem Fink⁶ e outros pesquisadores apresentados no estudo de Ledure⁷), o intento do autor em alcançar a *grande saúde* se perde, para estes autores, na tentativa de salvar o que sobrou da fé nesta religião. Nessa perspectiva, o filósofo é acusado de querer “ofender, insultar a tradição, «transvaliar» criando valores anticristãos”⁸, como se fechar os olhos para a doença fosse sinal de cura.

Para entender Nietzsche, pretendemos seguir com ele em seu pensamento, certos de que seus exageros são sinais de um estilo que quer “cutucar a ferida” para obter, senão uma resposta, pelo menos o incômodo de ruminar a questão. Sendo assim, não devemos

⁵ VALADIER Paul, *Nietzsche Y La Critica Del Cristianismo*, trad. Eloy Rodríguez Navarro, Madrid: Ediciones Cristandad, 1982.

⁶ FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche*, p. 146.

⁷ LEDURE, Yves. *O pensamento cristão face à crítica de Nietzsche*, p. 56-66. In: *Nietzsche e o cristianismo* org. Claude Geffré e Jean Pierre Jossua, revista Concilium/165, Paris: Teologia Fundamental, 1981.

⁸ FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche*, p. 146.

mascarar, e sim clarear, o diagnóstico apresentado para que novos trabalhos possam verificar a receita que o autor apresenta para a *grande saúde*.

A possibilidade da *grande saúde* anunciada pelo autor como uma afirmação trágica da realidade – uma vitória do “sim” dionisíaco sobre a realidade frente à negação instaurada pelo cristianismo – é onde pretendemos chegar após as páginas que se seguem.

CAPÍTULO 1- O NILISMO – UM HÓSPEDE INOPORTUNO

O termo niilismo vem do latim *nihil* (*nada*) e se caracteriza por uma redução a nada, uma descrença total. Foi Turgueniev, escritor russo do séc XIX, o primeiro a popularizar o termo no romance “*Pais e Filhos*” (1862), conforme nos relata Franco Volpi¹. O conceito aqui se refere ao homem que nada respeita, que tudo examina do ponto de vista crítico. “O niilista é o homem que não se curva perante nenhuma autoridade e que não admite como artigo de fé nenhum princípio, por maior respeito que mereça”.²

A utilização do termo já aparece em outros autores anteriores a Turgueniev, pois, a filosofia não pode prescindir do nada. Para buscar o ser como ser, ela o deve distinguir de seu oposto essencial, o nada. Neste caso podemos encontrá-lo em filósofos como Górgias, Fridegísio de Tours (*De substantia nihili et tenebrarum*), Mestre Eckhart, Dionísio Areopagita, São João da Cruz, Ângelo Silesio, Charles de Bovelles (*Líber de nihilo* (1509)), Leonardo da Vinci (*Codex Atlanticus*), Francisco Sanches (*Quod nihil scitur*), Leibniz (*Príncipes de la Nature et de la Grace*). Leopardi diz em *Zibaldone*, “o principio das coisas, inclusive de Deus é o nada”.

Até mesmo Agostinho já havia utilizado o termo taxando os “não-crentes” de niilistas e na variante nihilianismus ele aparece numa obra de Valter de São Vitor.³

Somente no final do séc. XVIII e XIX, porém, que o termo começa a se configurar como um problema filosófico. Em 1829 o romântico N. I. Nadezdin escreve um artigo *A reunião dos Niilistas*, e os define como “os que nada sabem e de nada entendem”.⁴ Também M. N. Katkov usa o termo para indicar “gente que não acredita em nada”.⁵ Isso

¹ VOLPI, Franco. Op. Cit, p. 14.

² TURGUENIEV, I. (1863:31) apud. ARALDI, Clademir L. *Niilismo, criação e aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*, p. 57.

³ Cf. VOLPI, Franco. Op. Cit, p. 9-14.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

antes de Turgueniev. Karl Ferdinand Gutzkow escreve uma novela em 1853 *Die Nihilisten*. Na sua forma exata, nihilismus, já aparece em 1733 no título de um tratado de F. L. Goetzius, *De nonismo et nihilismo in theologia*. Na cultura francesa da revolução, classificava-se de niilista quem não era nem a favor, nem contra a revolução.⁶

A manifestação do niilismo acontece na cosmologia moderna com a concepção de natureza como *res extensa*, mero espaço vazio e matéria. Essa nova concepção vai causar um estranhamento metafísico no homem, que já não sente mais a força vinculadora da transcendência e sente-se abandonado a si mesmo. O homem está só consigo mesmo numa imensidão infinita dos espaços, diante do silêncio eterno das estrelas... Na falta de um sentido, quando o “porquê” não tem resposta, o niilismo certamente aparece.⁷

O uso filosófico do conceito niilismo aparece no nascimento do idealismo, em debates contrapondo o idealismo ao realismo e ao dogmatismo. Caracteriza a operação filosófica pela qual o idealismo pretende anular na reflexão o objeto do senso comum, para mostrar como ele não passa do produto de uma atividade invisível e inconsciente do sujeito. Jacobi combate como niilismo a forma pela qual se introduz Deus na reflexão filosófica, de Spinoza a Schelling. Também nessa época, Schlegel e Jean Paul falam de niilismo. O primeiro, apesar de utilizar o conceito com diversos significados, ajuda a engrossar as fileiras daqueles que se valem dele para polemizar contra o idealismo e o realismo, enquanto o segundo também traz para a cena os românticos a quem chama de *niilistas poéticos*. Até mesmo Hegel defende que o niilismo da filosofia transcendental é um passo metodológico inevitável, e ao mesmo tempo, relativo e incapaz de alcançar o pensamento puro em que se supera a oposição ao ser. “Dever primeiro da filosofia” e “obrigação do niilismo” é chegar a “conhecer o nada absoluto”, isto é, atingir o “acabamento do verdadeiro nada”.⁸

No correr do séc. XIX, o sentido da palavra niilismo se desloca dessa esfera especulativo-filosófica e assume conseqüências sociais e políticas, resultando nas últimas décadas do século em uma concepção de niilista como um “livre pensador” contrário a

⁶ Ibidem, p. 16.

⁷ Ibidem, p. 16-17.

⁸ Idem.

todos os pressupostos, preconceitos, condições estabelecidas, a todo e qualquer valor tradicional.

1- O niilismo na obra de Nietzsche

Friedrich Nietzsche foi quem diagnosticou o niilismo como a “doença do século” e o tomou como eixo temático e problema capital expresso na “morte de Deus”. Para responder o que é o niilismo, explica: “Falência de uma avaliação das coisas, que dá a impressão de que nenhuma avaliação seja possível”.⁹ “Niilismo: falta a meta; falta a resposta ao “por que?”; o que significa niilismo? – que os valores supremos se desvalorizam”.¹⁰

Visto como um longo processo, o niilismo alcança seu auge na “*morte de Deus*”, e marca o momento de constatação da perda de sentido e validade por parte dos valores superiores da cultura no Ocidente. Representa assim, o fracasso de uma interpretação da existência que por muito tempo auxiliou o homem a suportar a dor.

Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo possuíra sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue?... Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens... Os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos.¹¹

A morte de Deus é a constatação do niilismo da modernidade, é o diagnóstico da ausência cada vez maior de Deus no pensamento e nas práticas do Ocidente moderno. O homem moderno é o responsável pela perda da confiança em Deus, pela supressão da crença no “mundo verdadeiro”, originário da metafísica e do cristianismo. Ao substituir a teologia pela ciência, o sonho teológico pelo sonho antropológico, o ponto de vista de Deus pelo ponto de vista do homem, provocou-se uma ruptura com os valores absolutos, com as essências, com o fundamento divino. É quando se percebe que toda verdade que se acreditou até então não passa uma de ilusão. Isso é o niilismo, o esvaziar o mar, a esponja

⁹ FF, 5 (57), p.49.

¹⁰ Idem, 9 (35), p. 54.

¹¹ GC, 125. p. 148.

que apaga o horizonte, o romper a corrente que liga esta terra ao sol. Na consciência do europeu do final do século XIX, já se vive a morte de Deus. E o que Nietzsche constata à frente de seus contemporâneos é que essa morte implica também a desvalorização dos valores morais: o fim do Deus cristão desencadeia o fim da moral por Ele sancionada e de todos os substitutos secularizados do cristianismo.

O niilismo, enquanto desvalorização dos valores, faz surgir o niilismo enquanto desvalorização da existência. A existência é apenas dor, e dor sem sentido. É este fenômeno que Nietzsche consegue ler no pessimismo filosófico do século XIX. O homem do niilismo será agora uma consciência infeliz: ele sabe que o mundo, tal como deveria ser, não existe, e sente que o mundo que existe não deveria ser.

Aqui podemos entender porque Nietzsche se intitula o primeiro “niilista completo” da Europa. Se por um lado o niilismo é a falência dos valores que sustentaram nossa civilização, a morte de Deus abre um oceano de possibilidades para a existência que não podia ser vislumbrado antes.

O maior acontecimento recente – o fato de que “Deus está morto”, de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras na Europa (...) – e tudo quanto irá desmoronar, agora que esta crença foi minada, porque estava sobre ela construído, nela apoiado, nela arraigado: toda nossa moral européia, por exemplo. (...) De fato, nós, filósofos e “espíritos livres” ante a notícia de que “o velho Deus morreu” nos sentimos como iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa – Enfim o horizonte nos aparece novamente livre, embora não esteja limpo, (...) o mar, o nosso mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto “mar aberto”.¹²

O anúncio da morte de Deus representa muito mais que o devaneio de um *louco* em combate com a religião. É expressão da constatação do grande erro trilhado pela cultura ocidental e que, como o escorpião picado pelo próprio ferrão, se auto-aniquila. Esse erro que sempre quis ser “a verdade” não consegue mais se sustentar e leva junto com ele todas as “verdades”, como se nenhum outro sentido fosse possível. Mas, mesmo diante do *em vão* que quer a todo custo se ancorar em nosso horizonte, podemos contemplar também um enorme oceano que se abre novamente diante de nós. Em outras palavras, se a morte de Deus é a falência do sentido e dos valores que até hoje acreditamos, podemos supor que nenhum sentido seja possível, ou podemos criar outro sentido e novos valores. Esta

¹² GC, 343. p. 234.

superação do niilismo não será equivalente ao encontro de uma nova "meta da existência", um novo "sentido" para o sofrimento. Não será uma reedição do cristianismo. A verdadeira superação do niilismo será antes de tudo o desenraizamento daquilo que tornava o cristianismo desejável: a apreensão da existência como sendo uma fonte de sofrimento¹³.

Por isso o autor de Zaratustra entende que a morte de Deus é apenas um capítulo de uma história bem mais longa: a morte do “mundo-verdade”, ou seja, o fim do platonismo. “O pior, mais persistente e perigoso dos erros até hoje foi um erro dogmático: a invenção platônica do puro espírito e do Bem em si”.¹⁴ Esse “Bem” ideal concebido por Sócrates existiria em um mundo supra-sensível, no “verdadeiro mundo”, inacessível ao conhecimento dos sentidos, os quais só revelariam o aparente e irreal. A teoria socrático-platônica dá início a uma verdadeira mutação no entendimento da existência. “Com Sócrates inaugura-se a época da razão e do homem teórico, quando se estabelece a distinção entre dois mundos, pela oposição entre essencial e aparente, verdadeiro e falso, inteligível e sensível.”¹⁵ A filosofia aqui se coloca como tarefa, “julgar a vida”, opondo a ela valores pretensamente superiores como o “Divino”, o “Verdadeiro”, o “Belo”, o “Bem” medindo-a por eles, impondo-lhe limites, condenando-a.

Esses mais sábios dos homens, em alguma coisa coincidem *fisiologicamente*, para situar-se – ter de situar-se – negativamente perante a vida. Juízos, juízos de valor sobre a vida, contra ou a favor, nunca podem ser verdadeiros, afinal; eles têm valor como sintomas, são considerados apenas enquanto sintomas. Em si, tais juízos são bobagens. É preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa *finesse* [finura], a de que o *valor da vida não pode ser estimado*. Não por um vivente, pois ele é parte interessada, até mesmo objeto da disputa, e não juiz; e não por um morto, por um outro motivo.¹⁶

O marco inicial deste processo, o germe de onde nasce esse niilismo será a teoria socrático-platônica e sua tarefa de transformar a razão em juíza da vida, como se algo que vive pudesse julgar a vida. Por transformar a razão em dominadora dos afetos e única fonte para corrigir os erros da existência, e assim, garantidora do convívio social, Sócrates e Platão são considerados tipos decadentes, como sintomas de declínio, cansados da vida. “Até mesmo Sócrates falou, ao morrer: ‘Viver – significa há muito estar doente: devo um

¹³ Mais a frente dedicamos um capítulo para essa discussão sobre o cristianismo e a forma como essa religião encara a existência.

¹⁴ BM, prólogo. p. 8.

¹⁵ Disponível em <www.mundodosfilosofos.com.br/nietzsche> acesso em 20 ago 2006.

¹⁶ CI, II, 2. p. 18.

galo a Asclépio, o salvador’ Mesmo Sócrates estava farto. – O que prova isso? O que indica isso?”¹⁷

O que Nietzsche pretende mostrar com sua crítica à teoria socrático-platônica é que ela traz o germe do niilismo ao inventar um mundo real e condenar este mundo das aparências como mundo de ilusões e que a verdade pode ser encontrada em outro lugar, no mundo das idéias. Se esse mundo das coisas em si não existe, toda a filosofia desenvolvida em nome dele é um erro e termina por chegar ao niilismo do homem moderno. Esse caminho começa com o julgamento do mundo que existe, que não deveria ser assim, e vai até a constatação de que o mundo como deveria ser, não existe. Com a morte de Deus, sucumbe toda interpretação moral do mundo e da vida, o niilismo se radicaliza após esse evento.

Para Nietzsche, o processo de desvalorização dos valores é a marca mais profunda da evolução histórica do pensamento europeu, que é assim, a história de uma decadência. O ato gerador dessa decadência tem sua base na doutrina dos dois mundos de Sócrates e Platão, vale dizer, na proposta de um mundo ideal, transcendente, em si, que como mundo verdadeiro, está subordinado ao mundo sensível, considerado mero mundo aparente.¹⁸

Se Nietzsche entende a morte de Deus como o momento de uma crise da cultura, cabe então investigar todo o processo de desenvolvimento dessa cultura niilista para compreender o sentido a que esses valores apontavam e o que lhes dava sustentação. O niilismo do homem moderno é fruto de um erro da filosofia... O erro da crença na verdade! A morte de Deus marca o fim da metafísica. O fim da concepção de realidades imutáveis que fornecem a chave para a compreensão do mundo em geral. Tal concepção se assenta “na pressuposição da igualdade das coisas, da identidade de uma mesma coisa em diferentes pontos do tempo”¹⁹, reconhece “cada objeto em si, em sua própria essência, como um objeto idêntico a si mesmo, portanto existente por si mesmo e, no fundo, sempre igual e imutável, em suma, como uma substância”²⁰. A metafísica se tornou a ciência dos erros fundamentais do homem, como se esses fossem verdades fundamentais. A moral atuou como antídoto ao niilismo, apoiando-se no ideal de verdade. “Não passa de um

¹⁷ CI, II, 1. p. 17.

¹⁸ VOLPI, Franco. *O Niilismo*, p. 56.

¹⁹ HDH, 11. p. 21.

²⁰ HDH 18. p. 28.

preconceito moral que a verdade tenha mais valor que a aparência”.²¹ A morte de Deus marca o fim do dualismo entre mundo sensível e supra-sensível, e o mundo que sobrou parece falso e sem valor. Ao eliminar o “mundo-verdade” a morte de Deus põe fim também ao “mundo das aparências” e ao mais longo erro da humanidade. Se o mundo verdadeiro não existe, tudo o que se acreditou era uma mentira, a vontade do homem moderno é uma vontade que quer o nada. A morte de Deus cria um vazio que pode ser acentuado pelo último homem, para quem não há mais valor, ou preenchido pelo super-homem²², produto da criação de novos valores.

2- A desvalorização dos valores e a crise do sentido

Ao se perguntar pelo sentido do ideal ascético, Nietzsche constatará que esse foi o único sentido para o animal homem até hoje, e que qualquer sentido é melhor que nenhum. O homem é um animal que sofre com a ausência de sentido. E para fugir dessa falta de sentido inventou os valores superiores.

Porém, no fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu *horror vacui* [horror ao vácuo]: ele precisa de um objetivo – e preferirá querer o nada a nada querer. – Compreendem?... Fui compreendido?... “*Absolutamente não, caro senhor!*” – então comecemos do início.²³

A grande pergunta de Nietzsche é qual o sentido da vida, do mundo, do homem. E sua resposta: não tem sentido. "Se a existência tivesse algum [objetivo], então ele já deveria ter sido alcançado".²⁴ O homem é um animal cansado da vida e precisa encontrar um alívio... Transfere suas esperanças para um outro mundo, que não esse daqui, onde poderá gozar a felicidade que parece impossível aqui. Prefere o nada à falta de sentido algum. O que adoce o homem é a falta de um motivo para o sofrer e não o sofrer mesmo. O que essencialmente está em jogo na interpretação ascética do mundo é sua perspectiva de valor diante da “vida” e de tudo aquilo que dela faz parte: a natureza, o mundo, o devir. Aqui, a

²¹ BM, 34. p. 41.

²² Considero aqui “super-homem” para traduzir “Übermensch” pois além de o termo já ter o uso consagrado na língua portuguesa, segundo Roberto Machado é o que melhor parece indicar que o sentido de “super-homem” é dado pelo *processo* de auto-superação. Além de ser uma possibilidade correta de tradução.

²³ GM, III, 1. p. 87, 88.

²⁴ FF, 5 (71). p. 49.

vida vale como uma ponte para uma outra existência... “A longa história da moralização surge de uma vontade que se volta contra a vida e contra si mesma, tendo como conseqüência a doença, a perda de sentido, o niilismo”.²⁵

Por isso a grande tarefa de nosso autor é desmontar toda a filosofia ocidental e sua busca pela verdade. Mostrar que toda verdade é uma ilusão, que os valores morais do Ocidente são juízos de homens esgotados da vida, cansados da existência, uma busca doentia por salvação. O homem moderno é um animal domesticado e doente que não tem forças para suportar a vida. Esses últimos homens, esgotados, só querem a felicidade, o repouso, o que não é difícil, já não são capazes de criar. Faltam-lhes a força e o vigor para encarar a vida de frente em toda sua crueldade e sofrimento. O homem é um animal doente. A religião da compaixão domesticou o homem com o argumento de civilizá-lo²⁶, e hoje ele espera pela morte e sua redenção... No nada!

Tomava-se o *valor* desses “valores” como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao “bom” valor mais elevado que ao “mau”... E se o contrário fosse a verdade? E se no “bom” houvesse um sintoma de regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que *às expensas do futuro*?... De modo que precisamente a moral seria culpada de que jamais se alcançasse o *supremo brilho e potência* do tipo homem? De modo que a moral seria o perigo entre os perigos?...²⁷

Interpretando a vida como vontade de poder, a multiplicidade do mundo como um jogo de forças, Nietzsche percebe que ela poderia ser um movimento ascendente ou poderia ser descendente. Através dessa perspectiva, o filósofo irá fazer uma crítica dos valores vigentes, na esfera da religião, da moral, da ciência, da teoria do conhecimento, da arte, da filosofia e da política.

Toda essa crítica se funda, como afirma Giacóia²⁸, numa hipótese global de interpretação da existência: o conceito de vontade de poder. E numa teoria do conhecimento que dele decorre, o perspectivismo. Pensada desse modo, a natureza é uma infinita multiplicidade de forças em relação, como um incomensurável campo de forças, cuja essência consiste em sua efetivação integral, a cada instante. Partindo dessa interpretação global de existência – a vontade de poder, entendida como a luta infundável

²⁵ ARALDI, Clademir L. *Niilismo, criação e aniquilamento. Nietzsche e a filosofia dos extremos*, p. 77.

²⁶ Cf. AC, XXII, p. 55.

²⁷ GM, Prólogo 6, p. 13.

²⁸ Cf. GIACÓIA Jr, Oswaldo. *Nietzsche e Para Além de Bem e Mal*, p. 30-32.

entre os impulsos, como condição de todo o acontecer – Nietzsche quer avaliar em que medida as interpretações morais, como sintomas de um instinto dominante, expressam uma decadência fisiológica.

Com o perspectivismo, articula a desconstrução sistemática de toda pretensão à objetividade, toda pretensão dogmática de apreender a estrutura ontológica do real. A verdade é como a pele, mostra algo na superfície e ao mesmo tempo encobre uma profundidade que dissimula e subtrai o olhar. Ou seja, toda perspectiva é injusta por que como um campo de visão, nunca consegue apreender o todo, mas somente aquilo que está em mira. Portanto, toda pretensão de dar conta da realidade como um todo é ilusão. Assim, tomará toda avaliação como uma interpretação – ocasionada por uma pressão organizadora de uma perspectiva decorrente do indelneável feixe de impulsos em batalha no corpo – dessa eterna peleja que se expressa e se faz conhecer em nossas próprias apreciações valorativas como um sintoma de plenitude ou de decréscimo da vontade de poder. Pois, a vida é aquilo que deve sempre superar a si mesma, onde há vida há vontade – vontade de poder!

O que valem os nossos juízos de valor e as nossas tabelas de valores como tais? O que decorre de sua dominação? Para quem? Em relação a quê? – Resposta: para a vida. Mas o que é a vida? Aqui se torna necessária, portanto, uma nova versão, melhor definida, do conceito “vida”: minha fórmula para isso reza: vida é vontade de poder. O que significa o próprio ajuizar valores? Aponta ele para um outro mundo metafísico, por trás ou por cima? Assim como Kant ainda acreditava (o qual se localiza antes do grande movimento histórico). Em suma: onde surgiu isso? Ou não surgiu? Resposta: a avaliação moral é uma exegese, um modo de interpretar. A própria exegese é um sintoma de determinados estados fisiológicos, assim como de determinado nível espiritual de juízos dominantes. Quem interpreta? – Nossos afetos.²⁹

Negar que os valores existiram desde sempre é retirar deles a causa imaginária de sua origem e investigar sob que condições e circunstâncias nasceram tais valores e como se desenvolveram e se modificaram. Se os valores são uma invenção humana, ao dizer “isto é bom” ou “isto é mal”, cada avaliação revela uma postura ou posição diante do próprio existir. Se todo valor nasce de uma perspectiva que avalia, Nietzsche vai então distinguir que em toda avaliação moral, duas perspectivas diversas e até mesmo opostas podem ser encontradas como formas de se colocar perante a vida: a *moral dos senhores* e a *moral dos escravos*. Essas duas grandes óticas valorativas observadas remontam a tempos

²⁹ FF, 2 (190). p.109.

inmemoriáveis e formam o pano de fundo para se investigar criticamente a proveniência dos valores morais. Não significam aqui concebê-las como signo de diferença entre classes sociais predeterminadas, mas como diferentes maneiras de avaliar a existência: “enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante dizer *Sim* a si mesma, já de início a moral escrava diz *Não* a um ”fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este *Não* é seu ato criador”.³⁰ Entende, portanto, que a tarefa do *filósofo do futuro* é estabelecer uma hierarquia dos valores; a questão que deve ser colocada nas mais diversas perspectivas: o que valem esta ou aquela tábua de valores, esta ou aquela moral? O que querem esses valores? Obstruir ou promover o crescimento do homem?

A moral é uma interpretação da vida e indica nessa mesma interpretação uma *qualidade do querer*: uma afirmação ou uma negação da vida. Uma vida que ascende ou que se degenera.

A perspectiva de avaliação senhoril atribui o valor *bom* apenas a si mesmo, às suas vitórias e conquistas e que encontra sua felicidade no sentimento “de que uma resistência foi superada”.³¹ Como elemento derivado, posterior e subsidiário da noção de *bom* aparece então o conceito de *ruim*, como aquilo que deve ser desprezado. Na perspectiva dos escravos, acontece o contrário, o que o homem despreza é que possui estatuto fundador. Seu primeiro movimento, sua noção primordial é *mau*, conferida primeiramente ao senhor, e posteriormente a todo não-eu que poderia maltratá-lo, e em decorrência desta concepção de *mau*, “elabora como imagem equivalente, um “*bom*” – ele mesmo!”³² Retomaremos a essas formas de avaliação mais adiante para compreender a virada dos valores de escravos na avaliação moral, aqui nos interessa discutir o valor da moral e o valor da verdade.

Afirmar a vida é se insurgir contra a possibilidade de um julgamento da vida a partir de um critério de verdade. A criação de valores superiores, como “bem” e “verdade”, expressa um tipo específico de vontade de poder: uma vontade negativa, que pode ser reduzida a juízo de homens esgotados. A crença no valor absoluto e no parentesco entre a verdade e a divindade é o que faz Platão negar todo esse mundo em que vivemos em favor de um outro mundo, imaginário, mas que será tido como “verdadeiro” por comportar as

³⁰ GM, I, 10. p. 29.

³¹ AC, 2. p. 39.

³² GM, I, 10. p. 31.

idéias perfeitas e imutáveis, que servirão de raiz para toda a filosofia posterior. “O caráter errôneo do mundo onde acreditamos viver é a coisa mais firme e segura que o nosso olho pode apreender”.³³

Portanto a crítica ao ideal de verdade, ao valor da verdade, constitui o essencial da crítica aos valores morais dominantes que tem origem na metafísica socrático-platônica e na religião judaico-cristã. A partir daqui não cabe mais buscar uma verdade que explique o mundo, mas apenas interpretar – a partir da relação de forças – se afirmam à vida ou a negam, se fazem crescer ou diminuir a vontade de vida, a vontade de poder. Em *Nietzsche e a Verdade*, Roberto Machado afirma que “o ideal de verdade é uma negação da vida”.³⁴ Como todo valor, a verdade pressupõe uma instância de avaliação. O valor da verdade é relativo à instância de avaliação que a constitui como pretensamente incondicional. A verdade é valor em relação à vida, meio de conservação e incremento da vida. Sendo assim, condicionada por interesses, por desejo de conservação e crescimento, por vontade de poder, a reflexão sobre a origem da verdade como valor incondicional aponta a falsidade presente em sua própria origem. Restando, portanto, não mais oposição entre verdade e aparência, mas apenas diferença de graus, nas palavras de Nietzsche – “*valeurs*, como dizem os pintores”³⁵ – graus de aparência, como sombras e tonalidades do aparente, matizes mais claros ou mais escuros... Isso significa que a verdade a todo preço, o incondicionado na verdade, é fachada, superfície apenas.

Para Nietzsche, essa objetividade dos valores não passa de uma criação. A vida humana é estabelecimento de valores. Sendo assim, todos os valores são criação humana, não existe valor “em si”, imutável, eterno, transcendente: “Talvez a palavra *Mensch* (*Manas*) expresse ainda algo desse sentimento de si: o homem (*mensch* em alemão) designava-se como o ser que mede valores, valora e mede, como o animal avaliador”.³⁶ Nesse sentido, os valores são entendidos como estimativa manifestadora de sua própria condição de existência. Os valores constituem estimativas por meio das quais um grupo avalia um bem, uma ação, designando-o como bom ou mal segundo a perspectiva de sua condição de vida, portanto, o valor dos valores não pode ser o mesmo para todos os grupos,

³³ BM, 34, p. 40.

³⁴ MACHADO, Roberto, *Nietzsche e a Verdade*, p. 106.

³⁵ BM, 34, p. 41.

³⁶ GM, II, 8, p. 59.

já que as condições de vida não são as mesmas para todos os homens. É preciso levar em conta que, ao dizer “isto é bom” ou “isto é mal”, cada grupo estaria denunciando sua postura perante o próprio existir. A força da vida consiste em expressar nessa avaliação a vontade de poder, e a fraqueza em voltar-lhe as costas. Daí Nietzsche ter sido tomado de “assalto” pela mais terrível suspeita: “de que tudo que até esse momento se chamava filosofia, religião e moral não passaria de um envenenamento da vida”.³⁷

O homem moderno se encontra cansado da vida, sua perspectiva de avaliação aponta uma vontade que quer o nada, um esgotamento da vontade, um grande cansaço. Se a morte de Deus representa a falência desses valores, o homem se encontra sem sentido e com a vontade fraca para mudar de perspectiva, para ousar criar novos valores e superar o niilismo que ronda sua porta. É um decadente e não percebe. O imperativo que constitui a moral não lhe permite questionar para onde esses valores estão lhe levando: ele está cada vez mais envenenado e moribundo, o tipo superior de homem está cada vez mais longe e o solo está cada vez mais pobre para que se plante a semente do homem superior. “O Ocidente inteiro não tem mais os instintos de que nascem as instituições, de que nasce o futuro”.³⁸

Se todo valor nasce de uma perspectiva que avalia e não de um valor absoluto, essa perspectiva que avalia revela uma vontade, uma *qualidade de querer* por trás de cada avaliação. A morte de Deus abre para o questionamento: “*qual o valor desses valores?*” Que tipo de homem essa moral quer construir? Até esse acontecimento, toda moral era divina, devia-se aceitar e obedecer, nunca questionar. A desvalorização desses valores abre as portas para o niilismo, a falta de sentido da existência, e o homem mergulha no *tudo é vão*, onde nenhuma avaliação é mais possível... Mas também abre espaço para a criação de novos valores, um oceano de possibilidades nunca antes imaginadas, somente possíveis agora, depois desse grande acontecimento: A morte de Deus!

³⁷ FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche*, p. 141.

³⁸ CI, IX, 39. p. 90.

3- As formas do niilismo

Nietzsche, ao narrar *como o mundo verdadeiro se transformou numa fábula*, deixa expresso o processo desse niilismo.³⁹ As grandes interpretações da história humana (platonismo, cristianismo, positivismo, pessimismo), são apenas metamorfoses e disfarces de um processo de declínio. Todas as tentativas antigas, medievais e modernas de fornecer um sentido à existência e ao mundo sucumbem e ao sucumbirem, mostram ser a ausência de sentido a condição inevitável do homem que pautou sua existência em valores morais. Compreendido como processo que move a história do ocidente, o niilismo se radicaliza, à medida que o homem experimenta o vazio de sentido decorrente da ruína dos valores superiores transcendentais ou, nas palavras de Nietzsche, a morte de Deus.

“– *Como o “Mundo Verdadeiro” se Tornou Finalmente Fábula.* (História de um erro)

1 – O mundo verdadeiro, alcançável para o sábio, o devoto, o virtuoso – ele vive nele, *é ele.* (*A mais velha forma da idéia, relativamente sagaz, simples, convincente. Paráfrase da tese: “eu Platão, sou a verdade”.*)”⁴⁰

Nietzsche identifica a raiz do niilismo numa avaliação desesperada e mortalmente cansada – surge quando o homem não encontra sentido para o seu sofrimento e inventa um “verdadeiro mundo” para justificá-lo. O mundo se tornou falso devido às propriedades que constituem sua realidade: mudança, devir, multiplicidade, antítese, contradição, guerra; o “verdadeiro mundo”, para o qual se procura o caminho, não pode estar em contradição consigo mesmo, não pode mudar, não pode vir a ser, não tem origem e não tem fim. Somente o espírito puro pode alcançar esse mundo ideal. Os sentidos, o corpo falsificam a realidade por só verem mudanças, devir, apenas aparências. Negando a realidade em prol de uma convicção, a filosofia platônica trás em si o germe do niilismo. Em nome do Ideal, nega-se a vida. Ao negar o devir como aparente e falso, o filósofo inventa o ideal de mundo verdadeiro, atribuindo valor supremo à verdade. A filosofia se torna a busca da verdade a qualquer preço.

³⁹ Deve-se entender aqui processo como um jogo de forças (sem finalidade intrínseca), e não como um movimento logicamente determinado.

⁴⁰ CI – IV. p. 31, 32.

“2 – O verdadeiro mundo, inalcançável no momento, mas prometido para o sábio, o devoto, o virtuoso (“para o pecador que faz penitência”). (*Progresso da Idéia: ela se torna mais sutil, mais ardilosa, mais inapreensível – ela se torna mulher, torna-se cristã...*)”⁴¹

Neste segundo momento, o cristianismo desenvolve as idéias platônicas e as converte em reino de Deus. Um mundo supra-sensível que se encontra depois desta vida como *recompensa prometida* ao pecador que faz penitência, que se tornou o virtuoso, o sábio... Uma grande ruptura entre mundo sensível e mundo ideal se anuncia aqui, visto que o mundo ideal é apenas uma promessa, inatingível por ora. O niilismo aqui significa a negação da vida em nome de uma outra vida, uma vida melhor; a negação do mundo em nome de outro mundo: o “verdadeiro mundo”. Se a religião judaico-cristã e a metafísica socrático-platônica são por natureza niilistas é porque julgam e desvalorizam a vida temporal a partir do mundo supra-sensível e eterno, considerado verdadeiro. Ao transferir o eixo da vida para o depois da vida, criou a fórmula para todas as calúnias contra o “aqui e agora” e para todas as mentiras do além. Somente quem sofre com a realidade precisa crer em um mundo melhor, mesmo que não seja esse aqui, que se encontre depois dessa vida de sofrimentos... No nada.

“3 – O mundo verdadeiro, inalcançável, indemonstrável, impossível de ser prometido, mas, já enquanto pensamento, um consolo, uma obrigação, um imperativo. (*O velho sol, no fundo, mas através de neblina e ceticismo; a Idéia tornada sublime, pálida, nórdica, Königsberguiana.*)”⁴²

O niilismo como "estado psicológico", surge à medida que os valores tradicionais começam a perder o sentido. O princípio organizador do mundo, baseado nas categorias Verdade, Finalidade, Unidade, introduzido para dar um sentido ao vir-a-ser, mostra-se corroído pela suspeita. A armadilha kantiana, o imperativo categórico, que alimenta a ilusão de uma “ordem moral do mundo” combinado com a descrença num mundo metafísico, ou pelo menos sua incognoscibilidade, transforma o homem num autômato do “Dever”, sem prazer, livre de uma necessidade interior, dependente em tudo de uma disposição moral que pode ser reconhecida pela razão. Agora não mais se precisa de

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

garantia divina, a razão pode reconhecer o bem da humanidade – o “verdadeiro mundo” mesmo reduzido a uma simples hipótese, continua a se impor como um imperativo. A verdade como um valor supremo fornece um sentido ao homem, afastando de si a ameaça niilista do *em vão*. Para escapar da falta de sentido, a razão prática especifica os casos em que devemos deixar a razão de lado e ouvir a voz da moral, a sublime exigência “tu deves”. Uma disposição moral guiada pela tendência da humanidade para o “Bem”.

“4 – O mundo verdadeiro –alcançável? De todo modo, inalcançado. E enquanto não alcançado também *desconhecido*. Logo, tampouco salvador, consolador, obrigatório: a que poderia nos obrigar algo desconhecido?... (*Manhã cinzenta. Primeiro bocejo da razão. Canto de galo do positivismo.*)”⁴³

Se em Platão, no cristianismo e em Kant há uma relação positiva com o mundo verdadeiro, o positivismo será um momento de ruptura com os valores decorrentes da crença no “verdadeiro mundo”, é o niilismo incompleto. Os antigos valores são colocados em questão, destruídos seus ideais, mas em seu lugar são erigidos outros tão ascéticos quanto os anteriores. A distinção entre mundo verdadeiro e mundo aparente não desaparece e continua a alimentar uma crença. Se após a constatação da incognoscibilidade do mundo verdadeiro ele é desprezado e descartado, em seu lugar são colocados outros ídolos como o Nacionalismo, a Ciência, o Bem da Humanidade, o Socialismo, e outros ideais onde persiste a urgência da “verdade”. O sentido de verdade tão difundido pelo cristianismo se volta contra o Deus cristão, por toda falsidade e hipocrisia contida na interpretação cristã do mundo e da história. A instauração e autodestruição do “mundo verdadeiro” e dos valores morais conduzem ao niilismo propriamente dito.

“5 – O “mundo verdadeiro” – uma idéia que para nada mais serve, não mais obriga a nada – idéia tornada inútil, *logo* refutada: vamos eliminá-la! (*Dia claro; café da manhã, retorno do bon sens [bom senso] e da jovialidade; rubor de Platão; algazarra infernal de todos os espíritos livres.*)”⁴⁴

Niilismo completo se caracteriza pela destruição dos valores antigos e pela impossibilidade de novos valores ascéticos; excluindo todo principio organizador e toda transcendência. O mundo se torna um eterno fluir e vir-a-ser desprovido de sentido e de

⁴³ Idem.

⁴⁴ Idem.

valor. Esse niilismo completo desdobra-se em duas formas distintas: O niilismo passivo que se revela como incapacidade do processo de destruição de valores seguir em frente; e o niilismo ativo, como uma força ativa capaz de acelerar o processo de destruição dos valores, dando lugar a novas formas de valoração. Enquanto o niilismo passivo demonstra um esgotamento do poder do espírito, enquanto aspiração ao nada, onde predominam os sentimentos de compaixão e de desprezo, no niilismo ativo há uma intensificação do poder enquanto força de destruição, na forma de destruir de aniquilar e de ultrapassar o mundo dos valores arruinados.

“6 – Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O aparente, talvez?... Não! Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente! (Meio-dia; momento da sombra mais breve; fim do longo erro; apogeu da humanidade. INCIPIT ZARATUSTRA [começa Zaratustra].)”⁴⁵

Por fim temos a radicalização do niilismo. Esse niilismo extremo ou radical é última expressão do niilismo ativo. Radicalizar o niilismo ativo é transformar o niilismo de um conceito negativo em positivo, de um niilismo que nega o mundo para a suprema afirmação deste mundo. O niilismo tem essa conotação negativa de falta de sentido, de negação da vida e dos valores. Mas o que Nietzsche propõe para superá-lo é justamente a radicalização deste niilismo que assume assim a forma de uma suprema afirmação: um dizer sim à vida, de novo, e de novo e de novo. O Eterno Retorno é a radicalização desse niilismo. Quer o Eterno Retorno é afirmar essa vida, afirmar o niilismo que se inverte aqui em algo muito positivo. Por isso ele precisa de uma transvaloração de todos os valores, quando se admite a mais terrível de todas as hipóteses possíveis: o Eterno Retorno.⁴⁶

Radicalizando o niilismo ativo, a destruição dos valores arruinados, abre-se o caminho do criador. Somente aqui o niilismo pode ser superado. A dimensão da realidade está num recriar, numa renovação constante; os valores estão em jogo permanente, os valores estão sempre criando novos valores de acordo com a diversificação e a intensidade de sua força, isso é, na capacidade de se introduzir nos atos humanos mais acréscimos de força, mais movimentação, mais criatividade, pois é a vontade de poder que dá ao homem o sentido ativo da arte. Quando critica e descreve o niilismo na modernidade como um

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Cf. FF, 5(71) 6. p. 49, 50.

movimento de negação da vida, Nietzsche quer apontar o movimento oposto de intensificação e aumento de poder, desde uma atitude afirmativa.

Não é de maneira alguma a questão primeira saber se estamos satisfeitos conosco, porém se estamos de um modo geral satisfeitos com alguma coisa. Caso dissermos Sim a um único instante, então diremos Sim não só a nós mesmos, mas a toda a existência. Pois nada está aí para si, nem em nós mesmos e nem nas coisas: e se apenas uma única vez a nossa alma vibrou e ressoou de alegria como uma corda musical, então todas as eternidades foram necessárias para condicionar esse único evento – e, nesse um único instante do nosso dizer Sim, toda eternidade foi aprovada, redimida, justificada, confirmada e reafirmada.⁴⁷

Mas o niilismo completo também abre espaço para um niilismo passivo. O niilismo visto como negação do mundo e negação da liberdade, que implicou na visão da metafísica e na moral cristã, uma vez deixada para trás, pode trazer um homem cansado e angustiado pela falta de sentido da existência, guiado por um *em vão* que não suporta mais essa vida.

O niilista filosófico está convencido de que todo acontecer é vão e sem sentido; e não deveria haver um ser sem sentido e gratuito. Mas de onde tal: não deveria? Mas de onde se apanha *esse “sentido”*?, *Essa medida?* – o niilista quer dizer, no fundo, que a visão de um tal ser vazio e inútil atuaria sobre o filósofo de um modo insatisfatório, vazio, desesperador; tal visão contradiz a nossa mais refinada sensibilidade como filósofos. Acaba levando à absurda postulação: o modo de a existência ser *deveria agradar ao filósofo*, caso ela ainda quisesse ter algum direito de subsistir...

Agora é fácil entender que agrado e desagrado no âmbito do acontecer somente podem ter o sentido de meios: seria desnecessário perguntar se “sentido” e “finalidade” sequer *poderiam* ser vistos, se a questão da falta de sentido ou de seu contrario é irresolúvel para nós. –⁴⁸

O que Nietzsche pretende, demonstrando essa ambigüidade existente no niilismo (ativo-passivo), é pensar sua manifestação como doença e declínio do homem ocidental. E quem poderá suportar esse terrível pensamento que parece tornar a existência insuportável? *O Super-homem*. Aquele que supera o homem ocidental na medida em que põe de lado as atitudes, as crenças e os valores desse último homem e tem a capacidade de criar novos valores.

⁴⁷ FF, 7 (38). p. 52, 53.

⁴⁸ FF, 11 (97). p. 57.

a) O Nihilismo Passivo

Até aqui vimos o niilismo em sua forma incompleta culminando na morte de Deus, descrita nas quatro primeiras proposições de *como o “verdadeiro mundo” se tornou uma fábula*, o niilismo enquanto negação do mundo pela suposição de um outro mundo e seu ápice a morte de Deus. Mas como bem lembrado pelo *homem louco*⁴⁹, fomos nós que o matamos, mas ainda não chegou aos ouvidos dos homens, é preciso tempo para as ações mesmo quando foram efetuadas, serem vistas e entendidas. O niilismo completo, excluindo todo princípio organizador e toda transcendência, torna o mundo um eterno fluir e vir-a-ser desprovido de sentido e de valor. Como fica o poder do ideal ascético, a vontade de verdade, quando Deus mesmo se revela nossa mais longa mentira? O valor da verdade, posto em questão, destrói não só os antigos valores, como também, a possibilidade de novos valores acéticos. “Nada é mais necessário do que a verdade, e em relação a ela tudo o mais é de valor secundário”.⁵⁰

Que sentido teria nosso ser, senão o de que em nós essa vontade de verdade toma consciência de si mesma como problema?... Nesta gradual consciência de si da vontade de verdade – disso não há dúvida – perecerá doravante a moral: esse grande espetáculo em cem atos reservados para os próximos dois séculos da Europa, o mais terrível, mais discutível e talvez mais auspicioso entre todos os espetáculos...⁵¹

Nietzsche chama de niilismo completo, quando se percebe que o lugar desses valores superiores é que morreu junto com Deus. “A apavorante *catástrofe* de uma educação para a verdade que dura dois milênios, que por fim se proíbe *a mentira de crer em Deus*”⁵². Deus, a verdade divina, Deus a verdade, o garantidor da superioridade dos valores supremos.

Agora o homem crê experimentalmente ora num, ora noutro valor, para depois esquecê-lo. Cada vez mais os valores vão sendo superados e esquecidos, uma crescente percepção de vazio e pobreza de valores. Esse é o niilismo passivo, quando nos damos conta de que *tudo é vão*, nada faz sentido... O que Zarathustra chamaria o *último homem* sobre a face da terra.

⁴⁹ GC, 125. p. 147,148.

⁵⁰ GC, 344. p. 235.

⁵¹ GM, III-27. p. 148.

⁵² Idem.

Se Deus criou o homem, depois da morte de Deus vivemos o tempo do último homem. Chama de *o último homem* – aquele que não sabe o que é amor, o que é criação, o que é ardente desejo, mas que diz ter descoberto a felicidade por abandonar as regiões duras de se viver, reduzir o trabalho a um passatempo, desistir do que é penoso, conquistar segurança e conforto, considerando que todos são iguais e vivendo para pequenos prazeres. Esse último homem esgotado, desiludido, sem força, desprezível, terá perdido toda esperança de elevação da humanidade. É uma época de enfraquecimento da potência do espírito. A dissolução no Nada. No longo processo de desvalorização dos valores, a evolução histórica do pensamento europeu, é encarada como a história de uma decadência.

A manifestação do niilismo passivo se faz como período dos grandes afetos – compaixão e desprezo. O afeto da compaixão expressa uma vida fraca e decaída que não consegue mais criar valores após o ocaso da interpretação moral cristã ocidental. Aparece como um pessimismo da fraqueza. O homem se encontra sozinho, com a vida depreciada, num mundo sem sentido. Esse empobrecimento da vida quer quietude, mar liso, embriaguez, entorpecimento, convulsão. “O que mais sofre, o mais pobre de vida necessita ao máximo de brandura, paz, bondade, tanto no pensar como no agir, e se possível, de um deus que é propriamente um deus para doentes, um salvador”.⁵³ O pessimismo da época moderna é compreendido como sendo a expressão da atrofia dos instintos humanos fortes. Uma conseqüência do cansaço da vida, expressão do esgotamento dos impulsos. O último homem viverá a própria existência do niilismo passivo, passará pela ausência de valor transcendente, de um fundamento metafísico, de uma condição humana para o valor ou sentido da vida, pela descrença de metas e ideais. Em vão!

O niilismo passivo se expressa como decadência e regressão do poder do espírito: como um sinal de fraqueza, a força do espírito está cansada, esgotada, de maneira que as metas e os valores até hoje existentes são inadequados, não encontram mais crédito. Representa uma impotência para se colocar novamente uma meta, um por quê? Uma crença. Tudo o que acalma, cura, restaura, anestesia aparece em primeiro plano, sob disfarces morais, religiosos, políticos ou estéticos. A vontade voltada para o nada se apoderou da vontade voltada para o viver. Suas palavras de ordem: “isso não deveria ser” ou “isso não poderia ter sido”. São frutos da fraqueza, ou da incapacidade de lidar com o

⁵³ CW/NW, Nós, antípodas. p. 60.

sofrimento. Mal nasceram e já começam a morrer e a suspirar por doutrinas do cansaço e da renúncia, proclamando: a vida está refutada, insensato é quem continua vivo, a vida é só sofrimento, é preciso ter compaixão.

Para mim tratava-se do valor da moral... do valor do não-egoísmo, dos instintos de compaixão, abnegação, sacrifício, que precisamente Schopenhauer havia dourado, divinizado, idealizado, por tão longo tempo que afinal eles lhe ficaram como “valores em si”, com base nos quais ele disse não à vida e a si mesmo. Mas precisamente contra esses instintos manifestava-se em mim uma desconfiança cada vez mais radical, um ceticismo cada vez mais profundo! Precisamente nisso enxerguei o grande perigo da humanidade, sua mais sublime sedução e tentação – a que? Ao nada? – precisamente nisso enxerguei o começo do fim, o ponto morto, o cansaço que olha para trás, a vontade que se volta contra a vida, a última doença anunciando-se terna e melancólica: eu compreendi a moral da compaixão cada vez mais se alastrando, capturando e tornando doentes até mesmo os filósofos, como o mais inquietante sintoma dessa nossa inquietante cultura européia; como o seu caminho sinuoso em direção a um novo budismo? A um budismo europeu? A um – niilismo?...⁵⁴

Ao se perguntar pelo valor da moral, o que Nietzsche quer saber é para onde apontam esses valores, que tipo de homem eles descrevem, qual a *qualidade do querer* desse sujeito que valora. “São indício de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?”⁵⁵ A religião da compaixão se transforma na modernidade em moral da compaixão, ganha estatuto de “valor em si” – até mesmo os filósofos, aqui ele se decepciona com Schopenhauer, posto que justamente sobre o não-valor da compaixão, os filósofos estavam até agora de acordo. “Platão, Spinoza, La Rochefoucauld e Kant, quatro espíritos tão diversos quanto possível um do outro, mas unânimes em um ponto: na pouca estima pela compaixão”.⁵⁶ – esses valores apontam para o grande cansaço, indica um querer o nada, uma negação da vida. De modo que a moral seria o perigo entre os perigos. O perigo de uma vida guiada pela vontade de nada!

A piedade é deprimente, pois enfraquece as paixões revigorantes que aumentam a sensação de viver. O homem perde o poder quando é contagiado pelo sentimento de piedade, e esta dissemina todo sofrimento. Às vezes, ela pode conduzir a um total sacrifício da vida e da energia vital – uma perda totalmente desproporcional diante da magnitude da causa (o exemplo da morte do Nazareno). A piedade opõe-se completamente a lei da evolução, lei da seleção natural. Ela luta ao lado dos condenados da vida. A humanidade

⁵⁴ GM, prólogo, 5. p. 11.

⁵⁵ GM, prólogo 3. p. 9.

⁵⁶ GM, prólogo 5. p. 12.

aprendeu a chamar a piedade de virtude, quando em todo o sistema moral superior ela é considerada como fraqueza.⁵⁷

É justamente dessa perspectiva de avaliação cansada, que Nietzsche desconfia do valor da moral que se baseia nesse afeto. Os valores dos fracos e doentes sem cura corroeram a vida; perigosamente envenenam e questionam a confiança na vida, no homem, em nós. Demonstra isso na luta da moral dos escravos contra os valores aristocráticos. Há nesta luta uma inversão de perspectiva, o que é bom para o senhor é mau para o escravo, e nessa luta o povo venceu... A moral dos escravos derrubou os valores aristocráticos.

Os judeus realizaram esse milagre da inversão dos valores, graças ao qual a vida na terra adquiriu um novo e perigoso atrativo por milênios – os seus profetas fundiram “rico”, “ateu”, “mau”, “violento” e “sensual” numa só definição, e pela primeira vez deram cunho vergonhoso à palavra “mundo”. Nessa inversão dos valores (onde cabe utilizar a palavra “pobre” como sinônimo de “santo” e “amigo”) reside a importância do povo judeu: com ele começa a rebelião escrava na moral.⁵⁸

A moral do homem comum venceu, e Nietzsche toma essa vitória como um retrocesso da humanidade. Um envenenamento, uma condição doentia do homem. O maior triunfo dessa rebelião foi introduzir na consciência dos felizes sua própria miséria, toda a miséria! A ponto de eles começarem a envergonhar-se da sua felicidade, a duvidar do seu *direito à felicidade*. “*É uma vergonha ser feliz! Existe muita miséria!...*”⁵⁹

Nasce o grande nojo ao homem e a grande compaixão pelo homem e da união deles sua última vontade, sua vontade do nada, o niilismo. Essa degeneração e diminuição do homem, até torná-lo o perfeito animal de rebanho, sua mediocrização e rebaixamento de valor, o apequenamento e nivelamento do homem encerra um grande perigo, pois essa visão cansa... No niilismo passivo temos um tipo de homem onde o *dizer não* e o *fazer não* são tidos como instintos mais valiosos e fortes que a vontade de afirmar a vida. Mas nessa negação se expressa o nada para o qual aponta o cansaço, a enfermidade do homem moderno. Constitui para Nietzsche “nossa aversão ao homem”.⁶⁰ “A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não isso?... Estamos cansados do homem...”.⁶¹

⁵⁷ AC, VII. p. 41.

⁵⁸ BM, 195. p. 95.

⁵⁹ GM, III – 14. p. 114.

⁶⁰ GM, I – 11. p. 34.

⁶¹ GM, I – 12. p. 35.

b) O Niilismo Ativo

A outra possibilidade também aberta por esse niilismo completo Nietzsche anuncia como aquela que superará as oposições terreno-extraterreno, sensível-espiritual, corpo-alma; que superará a ilusão metafísica do mundo do além e se voltará para a terra, para dar valor à terra. Apressando a destruição desses valores para a criação de novos valores, o niilismo ativo é um poderio potencializado do espírito.

Ele pode ser um sinal de vigor: a força do espírito pode ter crescido tanto que as metas até hoje existentes (“convicções”, artigos de fé) são-lhe inadequadas... o seu **maximum** de força relativa ele alcança como força violenta da **destruição**: como niilismo ativo. A sua antítese seria o niilismo cansado, que não agride mais: a sua mais famosa forma, o budismo: como niilismo mais passivo.⁶²

O niilismo ativo significa a intensificação do poder do espírito enquanto força de destruição, na forma de vontade de destruir, de aniquilar e de ultrapassar o mundo dos valores arruinados. O afeto que se manifesta com essa forma de niilismo é a destruição. A destruição compreendida como afeto, pathos ou instinto em que predomina o não, um não ativo, que quer se superar num *Dionisíaco dizer sim à vida*. Em Nietzsche, esse afeto da destruição se volta contra a Razão, o Estado, a Ciência, as formas de organização sociais modernas, por domesticarem o homem, anulando seu instinto e criatividade. Seu *Super-Homem* aposta no rejuvenescimento cultural, na vida instintiva, na intensificação dos sentidos, no prazer. Não uma vida com ideais depois da vida, mas uma vida que flui para todos os lados, sem rotinas, enraizada no presente e aberta ao devir, ao futuro. A eterna novidade do futuro, o movimento sempre incerto de onde jorra a vida.

O niilismo ativo é uma negação de todo o passado para afirmar um novo futuro; a afirmação de que a “vontade é a destruidora de todos os túmulos”⁶³ trás uma nova perspectiva, uma nova visão de redenção. Se o passado e o presente são niilistas, a vontade pode querer o futuro. O futuro passa a ser a possibilidade de superação de uma vida niilista. Para Nietzsche, a criação do *super-homem* como a mais elevada expressão da vontade de potência, como aquele capaz de suportar e querer o eterno retorno do mesmo, seria uma criação que se coloca como contrapartida ao niilismo do *último homem* que decai e que se

⁶² FF, 9 (35). p. 54.

⁶³ MACHADO, Roberto. *Zaratustra tragédia Nietzscheana*, p. 100.

auto-anula no niilismo passivo. Superar esse *último homem* em suas crenças e valores é sua tarefa. Sua preocupação em liquidar o “mundo verdadeiro”, condenando-o como o mais perigoso atentado contra a vida, se dá por que o “mundo verdadeiro” reduz o valor do mundo em que vivemos, seus valores apontam para a difamação da vida.

Ao criticar e descrever o niilismo na modernidade como um movimento de negação da vida, o filósofo alemão tem em vista o movimento oposto de intensificação e aumento de poder, desde uma atitude afirmativa. Se entre 1880 e 1885 há uma ênfase no advento do niilismo como o evento necessário e fatídico da História do ocidente, a partir de 1886, há um distanciamento, uma tentativa de pensar o niilismo e, por meio dele, compreender toda a história do homem e, mais do que isso, ir além da história marcada pela instauração e declínio de valores.⁶⁴

Aprofundar o declínio desses valores até sua destruição é o que faz Nietzsche mover “*Guerra* a todos os pressupostos a partir dos quais se tem fingido um mundo verdadeiro. Desses pressupostos faz parte que *os valores morais são os superiores*”⁶⁵, toda avaliação moral, reconhecida como ilusão, não teria mais o direito de condenar, a partir de si mesma, a aparência. Todo julgamento da vida a partir de um critério de verdade, expressaria um tipo específico de vontade de potência: uma vontade negativa, que pode ser reduzida a juízo de homens esgotados.

A história da filosofia é um rancor secreto contra os pressupostos da vida, contra os sentimentos de valor da vida, contra o tomar partido a favor da vida. Os filósofos (...) acreditavam nas “verdades” morais, eles encontravam nelas os valores supremos, - o que lhes restava se não, quanto mais entendiam a existência tanto mais dizer não a ela?... Pois essa existência é imoral... E esta vida aqui repousa sobre pressupostos imorais: e toda moral renega a vida -⁶⁶

Ao afirmar que a arte possui mais valor do que a verdade o filósofo atribui à arte o estatuto de ser uma contrapartida ao niilismo, à vontade de negar a vida. A superioridade da arte se dá pela ilusão que ela representa e por querer ser apenas ilusão. O valor da verdade, quando posto em questão, revela que a verdade é uma ilusão que não se aceita enquanto mera ilusão. A verdade, para Nietzsche, não é o valor supremo, mas somente uma espécie de erro necessário à vida, uma determinação ativa da vontade de poder.

“A vontade voltada para a verdade” teria de ser, então, examinada psicologicamente: não se trata de uma força moral, mas de uma forma de vontade voltada

⁶⁴ ARALDI, Claudemir Luis. *Niilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*, p. 108.

⁶⁵ FF, 14 (103) 2. p. 59.

⁶⁶ FF, 14 (134). p. 82-83.

para o poder. Isso seria demonstrável com o fato de ela utilizar-se de tudo quanto é meio *imoral*: a começar pela metafísica.”⁶⁷

A vontade de verdade é o desejo de que tudo se torne o que pode ser pensado, e sentido pela perspectiva humana. Uma vontade de tornar pensável todo o existente, de adequar a vida ao pensamento humano. Uma vontade de projetar sobre o mundo, sobre a vida, valores humanos estabelecidos em termos de bem e mal. Ao colocar a vida como vontade de poder, o que Nietzsche pretende é que ela seja o único critério de avaliação: “a vida mesma nos força a estabelecer valores;”⁶⁸ a própria vida avalia através de nós, quando instituímos valores, a avaliação da vida está além de qualquer avaliação em termos de Bem e Mal humanos. Por isso o niilismo ativo deve ser aquele destruidor de valores numa perspectiva para *Além de Bem e Mal*. O caminho da destruição leva à criação de novos valores e passa pela única instância que aprova a aparência, joga com a ilusão, contornando assim, a vontade de verdade. E esse caminho é a arte, o caminho do criador!

Destruir valores é demolir verdades, abrir espaço para criar novos valores, novas formas de avaliação, onde a vida, enquanto vontade de poder, é o critério de avaliação para a *qualidade do querer* que expressa esses valores. Reavaliar os aspectos da existência destacando aquilo que neles efetivamente diz sim, mais vida... Vontade de Poder!

Algum dia, porém, num tempo mais forte do que esse presente murcho, inseguro de si mesmo, ele virá, o homem redentor, o homem do grande amor e do grande desprezo, o espírito criador cuja força impulsora afastará sempre de toda transcendência e toda insignificância, cuja solidão será mal compreendida pelo povo, como se fosse fuga da realidade – quando será apenas sua imersão, absorção, penetração na realidade, para que, ao retornar à luz do dia, ele possa trazer a redenção dessa realidade: sua redenção da maldição que o ideal existente sobre ela lançou. Esse homem do futuro, que nos salvará não só do ideal vigente, como daquilo que dele forçosamente nasceria, do grande nojo, da vontade de nada, do niilismo, esse toque de sino do meio dia e da grande decisão, que torna novamente livre a vontade, que devolve à terra sua finalidade e ao homem sua esperança, esse anticristão e antiniilista, esse vencedor de Deus e do nada – ele tem que vir um dia...⁶⁹

Se o niilismo ativo é destruição e afirmação do futuro, ainda resta como problema o sentido deste futuro. Como dizer que todo passado e presente é vão e confiar que o futuro será diferente? Resta nesse caso uma nova compreensão do tempo: com a oposição

⁶⁷ FF, 14 (103) 3. p. 59.

⁶⁸ CI, V, 5. p. 37.

⁶⁹ GM, II, 24. p. 84.

passado–futuro a vontade fica presa, ao não poder querer para trás, nas correntes do “foi assim”! A compreensão de uma redenção pelo futuro é insuficiente. Daí Nietzsche pretender uma radicalização do niilismo, o niilismo extremo: O Eterno retorno! Uma forma de redimir o passado transformando todo “foi assim” em “assim o quis”.

“Assim foi”: eis como se chama o ranger de dentes e a mais solitária aflição da vontade. Impotente contra o fato, a vontade é para todo o passado um malévolos espectador.

A vontade não pode querer para trás: não pode aniquilar o tempo e o desejo do tempo é a sua mais solitária aflição. ...

Todo “foi” é fragmento e enigma e espantoso azar, até que a vontade criadora acrescente: “Mas eu assim o quero! Assim o hei de querer”.⁷⁰

O que Nietzsche propõe para superar o niilismo é justamente a radicalização deste niilismo que assume assim a forma de uma suprema afirmação, um dizer sim à vida, de novo, e de novo, eternamente. O Eterno Retorno é a radicalização desse niilismo. Querer o eterno retorno é afirmar essa vida, afirmar o niilismo que se inverte aqui em algo muito positivo. Por isso ele precisa de uma transvaloração de todos os valores. Reverter a virada dos valores dos escravos. Os valores afirmativos são criados pela espécie “mais nobre de homens”, os valores da decadência, negadores da vida, provêm dos fracos. Nos fracos a vontade de nada prevalece sobre a vontade de vida. Os fracos amaldiçoariam o eterno retorno. Por isso só os homens superiores seriam criadores.

“Minha nova concepção do *pessimismo* como busca voluntária dos lados terríveis e problemáticos da existência... Tal pessimismo *poderia desembocar* na forma de uma afirmação dionisíaca do mundo como ele é: até o desejo de seu absoluto retorno e sua eternidade: com o que surgiria um novo ideal de filosofia e de sensibilidade”.⁷¹

Com a compreensão do eterno retorno, um tempo circular, que não tem início nem fim, o tempo é eterno e as forças (vontades) que atuam nesse tempo, por serem finitas, repetirão eternamente as mesmas combinações. Tudo o que já aconteceu tornará a acontecer novamente... A perda do valor do mundo e a ausência de sentido da vida humana se apresentam para todos os homens. Em sua configuração mais extrema, tal situação se revelaria como o eterno retorno do sem sentido e da ausência de valor.

⁷⁰ Z, Da Redenção. p. 115.

⁷¹ FF, 10 (3). p. 56.

Pensemos esse pensamento em sua mais terrível forma: a existência como ela é, sem sentido e nem finalidade, mas retornando inevitavelmente, sem um *Finale* na direção do nada: “o eterno retorno”.

Essa é a forma mais extremada do niilismo: o nada (o “sem sentido”) eternamente!

Forma européia do budismo: energia do saber e da força obriga a uma tal crença. É a mais científica de todas as hipóteses possíveis. Negamos metas finais: se a existência tivesse alguma, então ela já deveria ter sido alcançada.⁷²

O “mundo” pensado como eterno retorno é uma realidade em constante mudança, sem causas nem finalidades, sem forças ou deuses que lhe imponham uma direção definida, à exclusão de outras. Com o eterno retorno, o “mundo” é pensado como entregue ao jogo infinito do tempo e à sucessão caótica de suas forças em luta por afirmação. Dado que o tempo é infinito e as formas de existência que a realidade é capaz de assumir são finitas, pode-se conceber que estas se repetirão indefinidamente e, portanto, retornarão perpetuamente, não importa quão grande seja sua diversidade e número. Dado o eterno retorno do mesmo, cada ocorrência particular de nossa existência supõe todas as ocorrências anteriores. Suposto o eterno retorno, tanto nossas experiências positivas como negativas não poderiam deixar de ocorrer senão da maneira que ocorreram. Neste caso não podemos seriamente desejar ou aprovar qualquer aspecto de nossa existência sem desejar igualmente todos os seus antecedentes.

Desejar que parcelas de nossa existência tivessem sido diferentes é desejar que o curso da realidade tenha sido distinto do que é ou foi. Isso seria desejar o impossível. Negar a realidade. Desejar o eterno retorno é desejar viver cada momento de nossas vidas como se ele fosse retornar... Eternamente.

A mais extremada forma de niilismo seria: que toda crença, todo tomar-por-verdadeiro é necessariamente falso: por que um **mundo verdadeiro** *nem sequer existe*. Portanto: uma *aparência perspectivista*, cuja origem reside em nós mesmos (na medida em que temos constantemente *necessidade* de um mundo mais estreito, estrito, restrito, simplificado)

- que a medida da força é o quanto nós conseguimos suportar a aparentabilidade, a necessidade da mentira sem irmos a pique com isso.

Nessa medida, niilismo, como degeneração de um mundo veraz, de um ser, poderia ser uma divina maneira de pensar: - - -⁷³.

Nietzsche não trata o niilismo somente como um momento ou fenômeno a retornar eternamente no mundo dionisíaco da vontade de poder; ele necessita assumir o

⁷² FF, 5(71) 6. p. 50.

⁷³ FF, 9(45). p. 165.

niilismo como movimento necessário de negação/destruição radical, para, a partir dele, engendrar um novo sentido de criação. Para a consecução de tal sentido de criação, no entanto, ele recorre ao “homem futuro”, que vencerá o niilismo extremo, a saber, a *Zaratustra* e, no limite, ao *super-homem*, cume mais elevado da auto-superação humana.

Entender os aspectos até agora renegados da existência não apenas como necessários, mas como desejáveis; e não apenas desejáveis em vista dos aspectos até agora afirmados (digamos como seu complemento e condição prévia), porém por causa deles mesmos como os aspectos existenciais mais poderosos, fecundos, verdadeiros, nos quais a sua vontade se manifesta do modo mais nítido.

Reavaliar os aspectos da existência que até agora só foram aprovados; destacar aquilo que aí efetivamente diz sim (por um lado, o instinto dos sofredores; por outro, o instinto do rebanho, e aquele terceiro instinto: o instinto da maioria contra o sujeito excepcional)⁷⁴.

A radicalização do niilismo para Nietzsche traz como tarefa uma transvaloração de todos os valores. Saber que qualidade do querer expressa os valores aceitos até então, se afirmam ou negam a vida, e constatados que por trás deles o que se esconde é uma vontade de nada e uma negação da vida, transmutar o sentido e o valor de toda valorização, para a vontade, que cria e institui todo valor. Se os valores sobre os quais se assentam nossos processos civilizatório são os valores cristãos, então a tarefa de transvaloração, de reversão de todos os valores, para fazer surgir o *super homem*, deve ser realizada pelo *Anticristo*. E Nietzsche vai se assumir o *Anticristo* para dar início a essa tarefa. Desvelar o que querem os valores cristãos e apontar valores que indiquem um acréscimo de vida, em suas palavras, *A Grande Saúde*, já que os valores cristãos serão tomados como sinal de enfermidade e degeneração fisiológica.

⁷⁴ FF, 10 (3). p. 56.

CAPÍTULO 2 – DÉCADENCE E NIILISMO

A radicalização do niilismo para Nietzsche mostra que a raiz desse fenômeno está na interpretação moral da existência, como consequência dos valores até aqui existentes. Parte dessa raiz a pretensão do homem de se opor ao mundo. Essa cisão homem-mundo, durante muito tempo nos deu uma interpretação falsa e mentirosa de acordo com uma necessidade, suportar a vida.¹ É essa necessidade que faz o homem avaliar a vida e criar valores que lhe dão um sentido. Criar, a partir do conflito de vontades de poder, uma hierarquia de valores que conservam e fazem crescer uma complexa organização vital.

A modernidade é compreendida como uma época de crise e de questionamento do sentido da existência, do mundo e da interpretação moral de ambos, o que desembocou no niilismo e na morte de Deus. Por isso, Nietzsche se esforçará numa ousada reflexão do tipo-histórico cultural constitutivo do homem moderno, utilizando como operador teórico o conceito de *décadence*.

Como se caracteriza a decadência literária? Pelo fato de a vida não mais habitar o todo. A palavra se torna soberana e pula fora da frase, a frase transborda e obscurece o sentido da página, a página ganha vida em detrimento do todo – o todo já não é um todo. Mas isto é uma imagem para todo estilo da *décadence*: a cada vez, anarquia dos átomos, desagregação da vontade, “liberdade individual”, em termos morais – estendendo à teoria política, “direitos iguais para todos”. A vida, a vivacidade mesma, a vibração e exuberância da vida comprimida nas mais pequenas formações, o resto pobre de vida. Em toda parte paralisia, cansaço, entorpecimento ou inimizade e caos: uns e outros saltando aos olhos, tanto mais ascendemos nas formas de organização. O todo já não vive absolutamente: é justaposto, calculado, postiço, um artefato.²

Esse conceito, colhido por Nietzsche dos estudos em literatura francesa, foi desenvolvido por Paul Bourget (1852-1935), crítico literário e ensaísta francês que

¹ Cf. GC, 346. p. 239, 240.

² CW/NW, 7, p.23.

desenvolve sua teoria da *décadence* social e literária comparando a sociedade e a língua com um organismo vivo.

“Dá-se a decadência da sociedade quando os indivíduos que a compõem se tornam independentes e os organismos que compõem o organismo total deixam de submeter sua energia à energia do todo, e a anarquia que se instaura constitui a decadência do conjunto”.³

Nietzsche insere os temas tomados de Bourget na sua interpretação pessoal do niilismo como lógica da história ocidental. Interpreta o niilismo não como uma causa, mas como a própria lógica da *décadence*: nela se efetiva a dissolução de uma organização, um processo de degeneração cuja estrutura e coesão consiste na hierarquia das forças que a constituem. A *décadence* se caracteriza pela dissolução fisiológica do organismo e pela desagregação das partes que se separam do todo para se fazerem independentes.

Uma formação *décadent*⁴, isto é, “Uma totalidade posta sobre o império de um movimento de inversão, de reversão violenta de fins e propósitos, cujo ser e operar põem em movimento a destruição de determinada estrutura hierarquizada de forças em relação. Esta destruição é, no entanto, um evento natural do mundo orgânico”.⁵

Partindo da interpretação global da existência como uma pluralidade de forças em combate umas com as outras, uma complexa formação de domínio será dita *décadent* quando despreza seus sentidos, quando prefere o que lhe é prejudicial, quando o vencedor do combate são aquelas forças que querem negar, querem aniquilar as condições de sustentação dessa mesma complexa formação vital. Esse processo de *décadence* determina-se no nível das relações entre forças e se expressa como crise dos valores, já que valores são condições de conservação e crescimento de complexas formações vitais, de duração relativa, no interior do devir. A *décadence* promove a desagregação das forças. Na eternidade do tempo um jogo incessante de ascensão e declínio no rearranjo das forças. A decadência de um povo ou cultura está ligada à ascensão de outro povo ou cultura mais fortes, com maior poder de organização e domínio. A *décadence* pertence a todas as épocas da humanidade.⁶

³ BOUGET, P. (1993:14) apud. VOLPI, F. *O Niilismo*, p. 47.

⁴ Sobre o desenvolvimento do conceito de decadência na obra de Nietzsche ver ARALDI, C. L. *Niilismo, criação e aniquilamento: Nietzsche a filosofia dos extremos*, p. 92-95.

⁵ GIACOIA Jr, Oswaldo. *Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral*, p.21.

⁶ Cf. ARALDI, C. L. *Niilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*, p. 94.

A *décadence* consiste na negação da hierarquia dos valores que até então constituíram as condições de sustentação e incremento dessa mesma organização. A *décadence* tem então como meta, a aniquilação destas condições para afirmar e instituir a própria negatividade transformada em condição de conservação e crescimento das forças decadentes.

A vontade niilista manifesta na negação e por meio dela, sua condição de vontade de poder, conquistando ascendência sobre a positividade a que se contrapõe; a negatividade torna-se, pois, dominante, e, o vigor de uma vontade que anseia pela morte constitui, ao mesmo tempo, a energia que a mantém ferreamente apegada à vida, assegurando as condições do próprio crescimento e intensificação.⁷

A negação da hierarquia dominante e de sua expressão no nível dos valores implica afirmação e instituição da própria negatividade, transformada em condição de conservação e crescimento de forças decadentes. Como essas forças decadentes não são capazes de criar ou instituírem tábuas de valores, apenas reverterem os sentidos dos valores estabelecidos. Sua dinâmica consiste em inversão e oposição. Tudo o que era considerado bom passa a ser visto como mal e vice-versa. Esse processo é conduzido por uma vontade de aniquilamento, aqui entendido como “vontade de Nada”, visto que continua sendo uma vontade e prefere querer o nada a nada querer.

Se o mundo é visto como uma pluralidade de vontades de poder em combate umas com as outras, e a “vontade de Nada” assume superioridade sobre todas as outras, Nietzsche toma tal interpretação como expressão exata do sintoma de *décadence*.

Como a decadência é processo e não estado, esta vontade de nada se põe a serviço daquilo que restou dos “mais profundos instintos de vida”, de modo que o ascetismo é o esforço desesperado pelo qual uma forma degenerada de vida luta pela própria sobrevivência, negando e invertendo as estimativas de valor que eram “condições favoráveis” para um tipo fisiológico “sadio”, “não degenerado”.⁸

Essa inversão de valores será cuidadosamente apresentada na Genealogia da Moral, obra em que Nietzsche interpretará a origem dos valores como produto da criação humana frente às necessidades da vida, que hierarquizará os valores para o crescimento do homem e a virada moral dos escravos promovida pelo judaísmo. Uma rebelião “que hoje

⁷ GIACOIA Jr, Oswaldo. *Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral*, p.23.

⁸ Idem, p.27.

perdemos de vista, porque – foi vitoriosa...”⁹ Voltaremos a essa discussão sobre o cristianismo e *décadence* mais à frente, agora queremos entender como é que se dá esse processo na vida, pois para Nietzsche, *décadence* é um evento natural do mundo orgânico.

“Quero dizer que também a *inutilização* parcial, a atrofia, e degeneração, a perda de sentido e propósito, a morte, em suma, está entre as condições para o verdadeiro *progressus*; o qual sempre aparece em forma de vontade e via de *maior poder*, e é sempre imposto à custa de inúmeros poderes menores”.¹⁰

Pensando o processo de uma complexa formação orgânica como conflito entre forças (vontade de poder), a guerra entre forças ascendentes e decadentes sempre acontece, resultando no passar do tempo em vitória ora de uma, ora de outra, nesse complexo de forças; a decadência das forças estará sempre ligada à ascensão de outras com maior poder de organização e de domínio. Sendo assim entendido, enquanto movimento de destruição, dissolução, degeneração de determinada estrutura ou organismo, é um evento inerente a toda forma de vida, impossível de ser eliminado. Enquanto processo, a *décadence* dá margem para que cresçam os instintos contrários àqueles que, até então, gozavam naturalmente de supremacia, resultando na perda da capacidade de organização do todo que já não pode mais ser reunido num conjunto. Ao pensar o niilismo como a própria lógica da *décadence*, Nietzsche quer mostrar que o que move essas forças é uma “vontade de Nada”, uma vontade cansada, enfasiada da vida. Como vontade de poder está condenada a sustentar uma estrutura de relações de domínio que sistematiza condições mais favoráveis de existência para um tipo de homem *doentio*, *décadent*.

“Um típico *décadent*, que se sente necessário com seu gosto corrompido, que o reivindica como um gosto superior, que sabe pôr em relevo sua corrupção, como lei, como progresso, como realização”.¹¹

Compreender e se defender da *décadence*. Conforme já adiantamos, a dinâmica da *décadence* consiste em inverter e opor valores, sendo, portanto, “Bem e Mal” apenas variante desse problema. Investigar a origem dos valores, esta foi a fórmula para chegar à oposição mais estreita entre os valores morais. Aquela entre uma moral dos senhores e a moral cristã. “A primeira partilha a sua abundancia com as coisas – transfigura, embeleza,

⁹ GM I, 7, p.26.

¹⁰ GM, II, 12, p.67.

¹¹ CW/NW, 5, p.18.

traz razão ao mundo – a segunda empobrece, empalidece, enfeia o valor das coisas, nega o mundo”.¹² E é justamente na vitória dos valores cristãos sobre a moral dos senhores, no jeito de avaliar do escravo sobre a avaliação nobre, onde Nietzsche enxerga a *décadence*.

“Os juízos de valor cavalheiresco-aristocráticos têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo o que envolve uma atividade robusta, livre contente”.¹³

Uma complexa formação de domínio se constitui como um excesso de força, uma abundância de vontade que cria valores para se conservar e crescer. “A própria vida apresenta um instinto para o crescimento”.¹⁴ Na tentativa de encontrar o que querem os valores que essa humanidade elegeu para si, descobre o filólogo, como sinal de bom, homens de uma categoria superior, conforme a sua superioridade no poder. Algo que se pode dizer de alguém que é, que tem realidade, que é real, verdadeiro. O indivíduo soberano capaz de fazer promessas, que possui em sua vontade uma medida de valor – a partir de si ele honra ou despreza, pode dizer *sim a si mesmo*. Ele age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas para dizer sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão. Em oposição, nessa escala de valores, cria o conceito ruim, para designar o homem comum, mentiroso, covarde, baixo, simples, plebeu.¹⁵

Na forma de avaliar do escravo quem gera os valores é o ressentimento. Enquanto toda moral nobre diz *Sim* a si mesma, a moral do escravo diz *Não*, e esse *Não* é seu ato criador. “Ele concebeu o *inimigo mau*, o *mau*, e isto como conceito básico, a partir do qual ele elabora, como imagem equivalente, um *bom* – ele mesmo!...”¹⁶ Esta avaliação rancorosa opera uma inversão dos valores apontando como mau os valores prezados pelos senhores criando para si o valor bom em oposição a toda valoração nobre. Os valores opostos *bom* e *mau* mantiveram durante milhares de anos um combate largo e terrível que Nietzsche expressa como símbolo máximo no signo “Roma contra Judéia”, “Judéia contra Roma”.

Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do mais puro ódio impotente) se apegaram a

¹² CW/NW, Epílogo, p.43,44.

¹³ GM, I, 7, p. 25.

¹⁴ AC, V, p. 41.

¹⁵ Cf. GM, I, 5, p. 22.

¹⁶ BM, I,10, p.31.

esta inversão, a saber, “os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes, são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...”¹⁷

A negação da hierarquia dominante e de sua expressão no nível dos valores implica afirmação e instituição da própria negatividade como esforço desesperado pelo qual uma forma degenerada de vida luta pela própria sobrevivência. As inversões de valores promovidas pelos judeus denotam essas forças negativas querendo se contrapor à moral dos senhores, e tem sua origem no ressentimento dos seres aos quais é negada a ação e que somente com uma vingança imaginária podem se contentar. Contrariamente à força que avalia por si mesma, essa força necessita sempre de algo exterior para agir, uma ação que sempre é uma reação ao que vem de fora, um mundo que lhe é oposto e exterior. Os valores nos quais se empenham, aviltam e desprezam as ações que os próprios instintos nos compelem a realizar. “*Ter* de combater os instintos – eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida *ascende*, felicidade é igual a instinto”.¹⁸ Promovendo um desarranjo das relações entre os impulsos, o desenvolvimento da *décadence* tende a tornar a desagregação um evento dominante, afirmando e instituindo a própria negatividade como condição de conservação e crescimento das forças *décadents*.

Eles agora monopolizaram inteiramente a virtude, esses fracos e doentes sem cura, quanto a isso não há dúvida: “nós somente somos os bons, os justos”, dizem eles, “nós somente os *homines bonae voluntatis*”. Eles rondam entre nós como censuras vivas, como advertências dirigidas a nós – como se saúde, boa constituição, força, orgulho, sentimento de força fossem em si coisas viciosas, as quais um dia se devesse pagar, e pagar amargamente: oh, como anseiam ser *carrascos!*¹⁹

Quando a “vontade de Nada” assume superioridade sobre todas as outras, indica uma parcial inibição e exaustão fisiológica que vai conduzir a uma repulsa ao próprio domínio corporal, tentando suplantá-lo a partir de um mundo espiritual imaginário e incentivar um contramovimento defensivo frente à natureza que o envolve. Assim, o homem extraviado da natureza inaugura para si um outro mundo, um mundo interior. Mas o que expressa esse querer, originário da *vontade de Nada*? Essa afirmação de um mundo

¹⁷ GM, I, 7, p.26.

¹⁸ CI, II, 11, p. 22.

¹⁹ GM, III, 14, p.112.

interior? Nietzsche responde como sendo um “ódio ao que é humano, mais ainda ao que é animal, mais ainda ao que é matéria, esse horror aos sentidos, à razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, o anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte, devir, desejo, anseio”.²⁰ Uma luta fisiológica do homem com o desgosto da vida, com a exaustão, com o desejo de fim. O “*Não*” que ele diz à vida se configura como um “*Sim*” que o fere e é justamente essa ferida que o faz querer viver. Mesmo que seja uma outra vida, que não essa, onde todo o rancor e ressentimento para com *a vida* sejam justificados.

Quando alcançariam realmente o seu último, mais sutil, mais sublime triunfo da vingança? Indubitavelmente, quando lograssem introduzir na consciência dos felizes sua própria miséria, toda miséria, de modo que estes um dia começassem a se envergonhar da sua felicidade, e dissessem talvez uns aos outros: “é uma vergonha ser feliz! Existe muita miséria!”... Mas não poderia haver erro maior e mais fatal do que os felizes, os bem logrados, os poderosos de corpo e alma começarem a duvidar assim do seu direito à felicidade.²¹

Essa vontade de contradição e antinatureza assumem assim supremacia sobre as relações de poder. Como vontade de poder está condenado a sustentar uma estrutura de relações de domínio que desintegram toda a hierarquia de valores que conduziram o homem inseguro, inconstante, indeterminado como a vida, à ser superior sobre os demais. Para realizar tal inversão tiveram de utilizar como referencial um mundo interior, imaginário, que expressa a vingança e o rancor dos sofrendores contra os bem logrados e vitoriosos.

Eis a ambição dos enfermos, para representar sua superioridade sobre os sadios e fisiologicamente bem formados, colocaram o mundo às avessas e encarnaram o desejo de ser outro, de ser-estar em outro lugar, onde a exaustão e o desgosto da vida revelam a condição doentia do homem. Pelo temor da vida e da indeterminação e insegurança do homem, inventaram um mais alto ideal de humanidade que no fim do processo revelam um grande nojo e uma grande compaixão pelo homem.

²⁰ GM, III, 28. p.149.

²¹ GM, III, 14, p.114.

1) O niilismo como problema fisiológico

A *décadence*, como processo desagregador das forças que constituem uma complexa formação vital, implicará numa degeneração fisiológica dessa mesma formação vital, ao eleger valores que são prejudiciais ao aumento de força e privilegiar àqueles que provêm da fraqueza. A perspectiva de avaliação que assume superioridade sobre as outras visa a radicalizar o esgotamento vital, pretende colocar os instintos a serviço da própria doença.

Por toda parte em que, por qualquer forma, a vontade de poder se encontre em declínio, existirá igualmente uma regressão fisiológica, uma decadência. A divindade dessa decadência, castrada das suas virtudes e instintos viris, converter-se-á, forçosamente, no Deus dos que se encontram em retrocesso fisiológico, no Deus dos fracos. Estes não se chamam a si próprios “fracos”; dizem ser os “bons”...²²

O que Nietzsche quer demonstrar com essa *décadence* é a desvalorização da atividade instintiva decorrente do *dever* incondicional e generalizado, que conduz o processo civilizatório no ocidente. Os valores que determinam a *qualidade do querer* de nossa civilização se empenham em aviltar e desprezar as ações que os próprios instintos nos compelem a realizar. Conforme nos diz no Anticristo, uma ação provocada pelo instinto vital prova o seu *valor* pelo prazer que suscita; a presença de uma disposição moral que considera o prazer como objeção, expressa na noção de “dever”, “virtude”, “bem em si”, com o caráter de impessoalidade e da generosidade, como queria Kant, quer produzir *autômatos do dever*, que trabalham, pensam, sentem, sem nenhuma necessidade interior, sem uma escolha pessoal, sem *prazer*, e isso é prejudicial à vida, a receita da *décadence*.²³

Ao entender que cada interpretação está presa a uma perspectiva e que cada interpretação expressa uma certa “psicologia” e uma certa “saúde” em suas avaliações, Nietzsche entende os juízos de valor como *sintomas*. O caráter sintomático dos juízos de valor determina quais são as coisas que nos afetam e como somos afetados. Nossos juízos de valor são inspirados pela vontade de poder, são expressões de sua atividade. Para explicitar como se efetuem, o filósofo utiliza os termos *afeto*, *impulso* e *instinto*, tornando impossível descer ou subir a outro domínio que não fosse o formado por afetos, impulsos e instintos, pois fazer isso seria um movimento falsamente ilusório, onde se desloca o centro

²² AC, XVII, p. 50.

²³ Cf. AC, XI, p.45.

de interesse por este mundo para um outro mundo, imaginário, de forma a desvalorizar o viver esvaziando sua relevância. Cada sintoma corresponde a uma determinada atividade dos instintos que, enquanto interpretação, favorece ou obstrui a vida.

Aqui a vida é entendida como a luta visceral por mais potência, e desde que isso seja assegurado, os instintos podem até exprimir suas exigências a partir daquilo que representa sua total negação; tornando assim possível que toda configuração de domínio formada a partir do constante embate entre os impulsos seja capaz de expressar tanto o declínio quanto a ascensão vital. Tanto a configuração ascendente quanto a declinante expressariam uma hierarquia de relações de poder entre constelações de impulsos que se afrontam e se hostilizam continuamente, sendo que, no segundo caso, é a perspectiva instintual de autonegação da vida que termina por exercer a primazia e o domínio sobre as demais. Segue daí também que o homem não é considerado simplesmente como um *individuum*, mas como uma multiplicidade de impulsos que lutam incessantemente em busca de domínio, cada um desejando impor sua própria perspectiva como norma a todos os demais impulsos.

Por toda parte na natureza, em tudo o que é vivo, o autor de *Zaratustra* encontra o impulso para o pleno desenvolvimento do ser, para a incorporação e a subjugação dos outros seres; tudo o que é orgânico é no seu dinamismo, *crescimento e definhamento*, formação de um à custa do desaparecimento do outro, ou seja, na *luta pelo poder*. Compreende que a vontade de poder se apresenta de duas formas: *Poder e Impotência*. Daí existirem concepções de valor que provêm de uma vida transbordante, e outras que decorrem da necessidade e da miséria dos despojados da vida.

O que é bom? – Tudo aquilo que desperta no homem o sentimento de poder, o próprio poder.

O que é mau? – Tudo o que nasce da fraqueza.

O que é a felicidade? – A sensação de que o poder cresce, de que uma resistência foi vencida. (...)

O que é mais nocivo do que todos os vícios? – A compaixão que suporta a ação em benefício de todos os fracos, de todos os incapazes: o cristianismo...²⁴

Nietzsche fala do Poder e da Impotência da vida como categorias biológicas, como sintomas de uma vida que cresce ou que definha. O que ele encontra de comum em todas as avaliações, artísticas, científicas, religiosas, ou morais é que os instintos

²⁴ AC, II, p. 39.

dominantes em cada uma delas querem ser vistos como as supremas instâncias axiológicas em geral. Se os valores morais detiveram mais do que os outros sua atenção é pela convicção de que eles comandam todos os demais. Cabe agora encontrar um critério de avaliação acima de todo o mundo dos valores, para além de bem e mal!

Além de bem e mal, acima de todos os valores, está a vida. É a partir da vida, entendida como vontade de poder, que Nietzsche vê todas as interpretações como *sintoma*. Todas as avaliações são sintomas que indicam a saúde ou doença de um povo ou uma época, sintomas de determinada forma de vida e de cultura; por trás de toda avaliação, está a vida. É a inconsciente atividade produtora da vida que avalia e estabelece as tábuas de valores. O estabelecimento de valores da vida no homem e pelo homem é uma manifestação da vontade de poder.

Afirmo que todos os valores nos quais a humanidade deposita seus mais elevados anseios são *valeurs de décadence*.

Considero corrupto um animal, um indivíduo, uma espécie, quando despreza seus sentidos, quando faz uma opção ao que lhe é prejudicial. Uma análise a respeito dos “sentimentos elevados”, “dos ideais da humanidade” quase esclareceria por que o homem é tão degenerado. A própria vida apresenta um instinto para o crescimento, para o poder; sem isso, ocorre o desastre. Sucede, porém, que esses valores mais elevados da humanidade foram despojados de vontade; os valores de decadência, de niilismo superam os mais sagrados.²⁵

Buscar saber quais os fins que os valores nos propõem e os meios que utilizam para alcançar esses fins é investigar a *qualidade do seu querer*, que *sintomas* estão guiando essa vontade de poder. Sintoma de saúde ou doença, uma vida que cresce, ou uma vida que definha? Tal procedimento reconhece que o programa civilizatório do ocidente representa um lento processo de prostração e enfraquecimento do animal homem. Nietzsche vai nos apresentar a civilização, não como um indício de doença e mal-estar, mas como a própria doença. Isso porque surge da separação violenta da atividade originária do animal homem e a própria natureza.

Quando utiliza o termo civilização, Nietzsche se refere às condições práticas e materiais que distinguem a vida de uma sociedade; através da ciência e da técnica busca melhorar as suas condições de vida. E em oposição traz o termo cultura remetendo ao consagrado âmbito formado pela vida intelectual e espiritual. Não uma simples erudição, mas pelo contrário, o conjunto de todas as determinações da experiência humana

²⁵ AC, VI, p. 41.

consideradas como produto de uma determinada atividade vital. Daí sua tarefa de favorecer o aparecimento de uma nova escala de valores, de uma cultura capaz de fazer frente ao ideal civilizatório ocidental. Pois vê nesse projeto o homem moralmente determinado, que avaliou e criou os valores determinantes para a vida gregária ocidental, desdenhando o mundo e desprezando a natureza. Sua crítica à civilização irá considerar tal projeto como a execução gradual e triunfante do conteúdo normativo da moralidade cristã. Uma “tentativa de acomodar o material inflamável de nossos instintos pelo uso de esquemas paralisantes da energia vital”.²⁶

Se a crítica à civilização enquanto fenômeno da *décadence* revela a moral cristã como força central e motor desse processo, a virtude suprema dessa moralidade, o afeto da compaixão será considerado em oposição aos afetos tônicos que elevam a energia do sentimento vital.

A compaixão seria um sentimento por meio do qual eu sinto a dor do outro como minha dor; eu não posso sentir a dor do outro como minha, porque essa dor não dói em mim. No fenômeno psicológico da compaixão eu faço uma experiência imediata, vivencial, de algo que permite estabelecer uma correia de identidade entre o outro e eu mesmo, de tal maneira que a dor do outro, no outro, é sentida por mim.²⁷

A compaixão se coloca como uma força voltada contra o poder, mas também é uma vontade de poder, só que gerada pela fraqueza. Seu poder vem do sentimento de que na sua impotência ainda é capaz de fazer sofrer, de causar dor. E faz sofrer o forte que se compadece e perde sua força diante do fraco, impotente que obtém assim uma espécie de prazer com o sentimento de superioridade que a demonstração de piedade lhe traz à consciência.²⁸ A compaixão não é altruísmo, mas um egoísmo às avessas, no sentido de “a sede de compaixão ser uma sede de gozo de si mesmo, e isso à custa do próximo”.²⁹ É a vontade de poder que começa a querer poder na impotência do mais forte, resultando daí o *grande nojo* do homem. Esse *grande nojo do homem* nasce também deste afeto, que exige da força que ela não se expresse como força. Como isto é impossível, o temor que devia inspirar essa força se torna um *nojo* a tudo o que é forte, tudo o que provém da força. Este excesso doentio do sentimento, sobre a profunda corrupção de mente e coração que lhe é

²⁶ BARROS, F. M. Op. cit. p. 68.

²⁷ GIACÓIA, O. 5 aulas sobre Nietzsche, Rubedo.psc, Rio de Janeiro, 4ª aula, S/D, Disponível em <<http://www.rubedo.psc.br/artigosb/curniti4.htm>> acesso em 20 ago 2006.

²⁸ Cf. HDH, 50, p. 54.

²⁹ Idem.

necessária, surge de uma vontade que se volta contra a vida e contra si mesma, convertendo-se em enfraquecimento da vontade de poder, ou em outras palavras, numa vontade que declina até querer o nada.

Quando é que a vontade se nega? Na experiência da compaixão. Porque na experiência da compaixão a vontade toma consciência de si mesma como vontade, ou seja: como impulso assassino e se auto-renega. Como? Na ascese. O asceta se nega a si mesmo como corporeidade. Ou seja: ele obstrui as vias, as correntes mais poderosamente vitais da vontade, que são a sobrevivência e a sexualidade.³⁰

Uma vontade de poder que quer o nada é uma vontade doente. Nietzsche enxerga o advento desta doença na invenção da *má consciência*. “Vejo a *má consciência* como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu”.³¹ Quando o homem passa a viver em sociedade e esta requer paz entre os seus membros, tem que abrir mão daqueles instintos selvagens, de natureza errante, próprios para a guerra e aventuras. Ter que largar seus impulsos reguladores e certos para se reduzir à consciência, *seu órgão mais frágil e mais falível*, levou-o a reprimir seus instintos e à medida que precisava inibir seus instintos, os que não se descarregavam para fora se voltaram para dentro.

Todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante voltando-se *contra o homem mesmo*. A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição – tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: esta é a origem da má consciência... Com ela foi introduzida a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem *com o homem*, consigo.³²

A má consciência surge da organização de uma raça forte sobre uma população numericamente maior na qual se estrutura um domínio. Como um artista que molda uma massa disforme, dando um lugar e um sentido a tudo em relação ao todo. Por isso o artista não possui má consciência, mas é responsável pela sua formação naqueles a quem deve “amansar [e que] se fere nas barras da própria jaula”.³³ É esse homem da crueldade reprimida, com vontade de se torturar, acado dentro de si mesmo, que inventou a má consciência para se prejudicar, depois que a descarga para fora desse querer-fazer-mal foi

³⁰ GIACÓIA, O. 5 aulas sobre Nietzsche, Rubedo.psc, Rio de Janeiro, 4ª aula, S/D, Disponível em <<http://www.rubedo.psc.br/artigosb/curniti4.htm>> acesso em 20 ago 2006.

³¹ GM, II, 16, p. 72.

³² Idem.

³³ Idem.

bloqueada. Juntando essa má consciência com a evolução do sentimento de culpa – uma dívida para com os antepassados, que concedem vantagens e aumentam o poder de um povo tornando-o vitorioso, independente, venerado e temido – nasce essa doença que cresce e se torna a mais temível doença que já atingiu o homem. Pois essa dívida com os antepassados com o passar do tempo se transforma numa dívida para com a divindade, já que “o ancestral termina necessariamente transfigurado em *deus*”.³⁴ Assim, durante milênios, o sentimento de culpa em relação à divindade não pára de crescer, até se tornar uma dívida impagável.

Esse homem da má consciência se apoderou da suposição religiosa para levar seu automartírio à mais horrenda culminância. Uma dívida para com *Deus*: esse pensamento tornou-se para ele um instrumento de suplício. Ele apreende em “Deus” as últimas antíteses que chega a encontrar para seus autênticos insuprimíveis instintos animais, ele reinterpreta esses instintos como culpa em relação a Deus... Ele se retesa na contradição “Deus” e “Diabo”, todo o Não que diz a si, à natureza, naturalidade, realidade do seu ser, ele o projeta fora de si como um Sim, como algo existente, corpóreo, real, como Deus... como Além, como eternidade, como tormento sem fim, como inferno, como incomensurabilidade do castigo e da culpa. Há uma espécie de loucura da vontade, nessa crueldade psíquica, que é simplesmente sem igual: a *vontade* do homem de sentir-se culpado e desprezível, até ser impossível a expiação... Sua *vontade* de infectar e envenenar todo o fundo das coisas com o problema do castigo e da culpa... Aqui há *doença*, sem qualquer dúvida, a mais terrível doença que jamais devastou o homem.³⁵

Essa concepção de Deus que durante milênios formou-se na Europa, é o sintoma da doença, que de acordo com Nietzsche, não é a única interpretação possível: numa interpretação mais nobre, deus deveria tomar para si a culpa e não o castigo, isso seria um sintoma de saúde! Mas há muito tempo consideramos nossas “propensões naturais com *olhar ruim*, de tal modo que elas se irmanaram com a *má consciência*”,³⁶ donde toda a moralidade desenvolvida desta interpretação da vida se classifica como sintoma de doença.

Dessa luta da vida contra a vida, para curar a doença que se alastra, nasce o ideal ascético como o instinto de cura e proteção de uma vida que degenera. Como uma vontade de poder invertida, no ideal ascético a vida luta nele e através dele com a morte, contra a morte, o ideal ascético é um artifício para a preservação da vida. Essa luta fisiológica do homem com a morte é entendida como desgosto da vida, exaustão, desejo de fim.

³⁴ GM, II, 19, p. 78.

³⁵ GM, II, 22, p. 81.

³⁶ Cf. GM, II, 24, p. 84.

Aproveitam os instintos ruins dos sofedores para a autodisciplina, autovigilância e auto-superação. Neles os valores da vida, que afirmam o aqui e agora são colocados em relação com uma outra existência que se opõe a esta, voltando-se contra ela, negando-a mesmo. “No caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência. O asceta trata a vida como um caminho errado”³⁷ e se propõe a melhorar a humanidade, a corrigir a existência.

Aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte de força; aqui o olhar se volta rancoroso e pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza, a alegria; enquanto se experimenta e se busca a satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e autosacrifício.³⁸

Esse corrigir a existência para alcançar um “melhoramento” da humanidade, foi alcançado mediante a domesticação da besta humana, ela foi enfraquecida, tornou-se menos nociva, transformada numa besta doentia através do afeto depressivo do medo, através do sofrimento, das chagas e da fome.

O ressentimento como afeto que cria valores se descarrega contra todo “*não-eu*”, buscando uma causa para seu sofrimento. Essa descarga explosiva contra tudo e todos poderia destruir toda forma de organização, uma autodissolução do organismo. Um combate da vida contra a vida, um desejo de morte. “A descarga do afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de *entorpecimento*, seu involuntariamente ansiado narcótico para tormentos de qualquer espécie”.³⁹ O ideal ascético é o medicamento que muda a direção desse ressentimento. E o sacerdote, o médico capaz de operar essa mudança de direção. Quando o sofredor busca encontrar o culpado para seu sofrimento, o sacerdote ascético lhe dá uma indicação sobre a causa do seu sofrer: “Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: mas você mesma é esse alguém – *somente você é culpada de si!...*” Isto é ousado bastante, falso bastante: mas com isso se alcança uma coisa ao menos, com isto, como disse, a direção do ressentimento é – *mudada.*”⁴⁰

³⁷ GM, III, 11, p. 106.

³⁸ GM, III, 11, p. 107.

³⁹ GM, III, 15, p. 116.

⁴⁰ Idem.

Utilizando-se da culpa como medicamento, o ideal ascético não cura a doença, mas entorpece o doente. Aqui é combatido o desprazer do sofredor e não a doença mesma. Sua receita para tais estados de descontentamento consiste no alívio em que a mudança de interesse do sofredor é inteiramente desviada do sofrimento, deixando pouco espaço para este mesmo sofrimento: as atividades maquinais, chamadas de “benção do trabalho” – absoluta regularidade, obediência pontual e impensada, preenchimento do tempo, esquecimento de si – a prescrição de pequenas alegrias, que sejam de fácil obtenção – aqui tirada da felicidade da “*pequena superioridade*” (vontade de poder em prudentes dosagens) – beneficiar, presentear, servir, ajudar, convencer, consolar, distinguir. Esses meios usados pelo sacerdote asceta conduzem ao amortecimento geral do sentimento de vida. A força do afeto *culpa* como “causa”, alivia o sofrer ao interpretar esse mesmo sofrer como *punição*.

O doente foi transformado em pecador... e agora estamos condenados à visão desse novo doente, o “pecador”... O olhar hipnótico do pecador movendo-se na mesma direção... Em toda parte a má consciência, essa “*besta abominável*”, no dizer de Lutero; a incompreensão voluntária do sofrer tornada teor da vida, a reinterpretação do sofrer como sentimento de culpa, medo, castigo;⁴¹

Com o ideal ascético o homem já não foge do sofrer, pelo contrário, até mesmo o procura; “já não havia queixas contra a dor, ansiava-se por ela: *mais dor, mais dor!*”⁴²

Após entender e demonstrar a degeneração fisiológica provocada pelo ideal ascético na tentativa de melhorar a humanidade, e que esse ideal na verdade conseguiu foi domesticar, enfraquecer, desencorajar, refinar, embrandecer, tornar o homem mais doente, Nietzsche tentará encontrar seu contra-ideal, uma força antagônica que lhe possa fazer frente... E não encontrará.⁴³

Nem a ciência, nem a filosofia, os Estados Nacionais, as revoluções burguesas e proletárias; em todos os ídolos modernos ele encontrará esse mesmo ideal servindo de guia. “*Eles crêem ainda na verdade*”.⁴⁴ Sua conclusão para o problema da *significação* do ideal ascético é que ele foi o *único sentido* para o *animal homem* até hoje. Sem ele a existência sobre a terra não possui finalidade, sem ele a pergunta “para que o homem?” É uma

⁴¹ GM, III, 20, p. 130.

⁴² Idem.

⁴³ Irá propor então o Eterno Retorno, como uma nova perspectiva ético-cosmológica capaz de se contrapor ao Ideal ascético. “... sobretudo faltava um contra-ideal – até Zaratustra”. EH, Genealogia da Moral, p.98.

⁴⁴ GM, III, 24, p. 138.

pergunta sem resposta. E a doença do homem é essa carência de sentido, não é o sofrer que adoce, mas a falta de sentido no sofrer. E o ideal ascético foi o único sentido encontrado e é justamente isso que lhe confere todo valor e importância. Pela interpretação ascética, o sofrer não é eliminado, pelo contrário, ele traz um novo sofrimento, mais nocivo e venenoso à vida, mas nele a própria vontade estava salva, pode querer de novo, e enquanto vontade preferirá ainda querer o nada a nada querer.⁴⁵

2) *Décadence* e Cristianismo

O ideal ascético salva a vontade do homem. Mas o querer deste ideal aponta para outra vida, é necessário negar essa vida para querer a outra. O ideal ascético como remédio para a existência é o caminho da inversão de forças – *décadence* – tem como meta a aniquilação das condições fisiológicas sadias para afirmar e instituir, conservar e fazer crescer forças decadentes. Ocorre um movimento de inversão, de destruição de uma determinada estrutura hierarquizada de forças; a vontade que queria mais vida, agora quer o nada. Opera de forma a inverter os valores que antes apontavam uma condição saudável de vida, para domesticar, amansar, enfraquecer o homem nessa vida em busca de uma outra noutro lugar, no nada.

Um antimovimento em sua essência, a grande revolta contra a dominação dos valores *nobres*... De onde procede o tremendo poder do ideal ascético, do ideal sacerdotal, embora o mesmo seja o ideal *nocivo par excellence*, uma vontade de fim, um ideal de *décadence*? Resposta: Por falta de coisa melhor – porque foi até agora o único ideal, por que não tinha concorrentes.⁴⁶

Qualquer tentativa de interpretação ocidental é conseqüência de uma concepção do cristianismo que radicaliza e universaliza a interpretação ascética do existir, transformando as apreciações valorativas que constituem o ascetismo em referências absolutas para as formações gregárias e, conseqüentemente, para o tipo de homem que elas engendram. Por isso a crítica que Nietzsche dirige ao cristianismo não tem como objetivo refutar suas verdades, mas sim remontar a gênese dos valores morais da gregariedade e acompanhar as transformações pelas quais passaram. O que se quer, não é questioná-lo

⁴⁵ Cf. GM, III, 28, p. 148, 149.

⁴⁶ EH, Genealogia da Moral, p. 97,98.

enquanto doutrina religiosa, e sim compreendê-lo como fenômeno moral, expor tal fenômeno como o autêntico promotor do conjunto de fins e valores que modelaram e conduziram o projeto civilizatório ocidental.

O que me separa, o que me põe à parte de todo o resto da humanidade é ter *descoberto* a moral cristã... O cristão foi até aqui o “ser moral”... É a falta de natureza, é o fato terrível inteiramente de que a própria *antinatureza* recebeu as supremas honras como moral e como lei, como imperativo categórico, permaneceu suspensa sobre a humanidade!... Equivocar-se em tal medida *não* como indivíduo, *não* como povo, mas como humanidade!... Que se tenha ensinado o desprezo pelos primeiríssimos instintos da vida; que se tenha *inventado* uma “alma”, um “espírito”, para arruinar o corpo... Como?! Estaria a humanidade mesma em *décadence*? Sempre esteve? – Certo é que lhe ensinaram sempre os valores de *décadence* como os valores supremos.⁴⁷

O grande perigo que aqui se instaura, segundo Nietzsche é que para existir o *homem bom* da moral cristã é preciso combater o *homem-exceção*, rebaixado aqui a *homem mau*. A *décadence*, enquanto inversão de valores coloca na noção de *homem bom* a defesa de tudo que é fraco, doente, malogrado, que sofre de si mesmo, em oposição ao homem orgulhoso, que diz sim à vida, que é seguro de si, que é aqui encarado como o *homem mau*. Perigo maior ainda é essa moral de animal de rebanho que se coloca acima de todas as interpretações de bem e mal e que se diz: “Eu sou a moral mesma, e nada além disto é moral”.⁴⁸ Ora se cada povo cria sua moral própria para dizer o que para si é bom ou mau, útil ou pernicioso, crer numa “*ordem moral universal*” é uma contradição, a história inteira é a refutação prática dessa sentença. Mas esse foi o grande feito que o cristianismo conseguiu realizar no ocidente, a ponto de nosso autor concluir: “*Moral é, hoje na Europa, moral de animal de rebanho*”.⁴⁹

Onde quer que nos deparemos com uma moral, encontramos uma avaliação e hierarquização dos impulsos e atos humanos. Tais avaliações e hierarquizações sempre constituem expressão das necessidades de uma comunidade, de um rebanho: Aquilo que beneficia este em primeiro lugar – e em segundo e terceiro – é igualmente o critério máximo quanto ao valor de cada indivíduo. Com a moral o indivíduo é levado a ser função do rebanho e a se conferir valor apenas enquanto função. Dado que as condições para a preservação de uma comunidade eram muito diferentes daquelas de uma outra comunidade, houve morais bastante diferentes; e, tendo em vista futuras remodelações essenciais

⁴⁷ EH, Por que sou um destino, p. 115.

⁴⁸ BM, 202, p. 101.

⁴⁹ Idem.

dos rebanhos e comunidades, pode-se profetizar que ainda aparecerão morais muito divergentes. Moralidade é o instinto de rebanho no indivíduo.⁵⁰

O perigo de uma única lei de bem e mal para toda humanidade é considerá-la como portadora de um sentido unívoco e eterno que equivale a privilegiar uma maneira de ver, e querer impô-la como a única realidade para todos os valores. Sendo estes valores uma garantia da gregriedade, tende sempre a fazer os homens mais costumeiros, mais semelhantes, suprimindo os mais seletos, mais raros, mais difíceis de se compreender, que tendo de se isolar dificilmente se propagam. Tomando os valores morais não como uma suposta ordenação supra-sensível, mas sim como apreciações valorativas de nossos impulsos, instintos e afetos, Nietzsche enxerga na moral uma doença, um fenômeno que pode ser explicado em termos de fraqueza e embotamento vital. Um processo de *amansamento* mediante o *adoecimento* do animal homem causado pela permanente recusa da satisfação instintiva.

Tal recusa aos instintos na instituição de uma ordem moral de determinação divina, revela a falta de realidade desses valores, ou uma falsificação da realidade em prol de uma causa imaginária para estes valores.

No cristianismo, nem a moral nem a religião estão em contato com a realidade. Somente encontramos nele causas imaginárias (“Deus”, “alma”, “eu”, “espírito”, “livre arbítrio”, ou também o “não livre”); efeitos imaginários (“pecado”, “salvação”, “graça”, “castigo”, “remissão dos pecados”); um comércio entre seres imaginários (“Deus”, “espíritos”, “almas”); uma ciência natural imaginária (antropocentrismo, ausência do conceito de causa natural); uma psicologia imaginária (só erros sobre si próprio, interpretações de sentimentos gerais agradáveis ou desagradáveis, por exemplo dos estados do *nervus sympathicus*, com o auxílio da linguagem figurada da idiossincrasia religioso-moral – “arrepentimento”, “remorso”, “tentação do demônio”, presença de Deus”); uma teologia imaginária (“o reino de Deus”, “o juízo final”, “a vida eterna”). Este universo das *ficções puras* distingue-se, para sua grande desvantagem, do mundo dos sonhos, que pelo menos reflete a realidade, ao passo que este não faz mais que falseá-la, desprezá-la e negá-la. Depois de se ter criado o conceito “natureza” como oposição ao conceito “Deus”, “natural” tornou-se forçosamente sinônimo de “desprezível”, pois que todo esse mundo de ficções tem a sua origem no ódio contra o natural, contra a realidade!⁵¹

O cristianismo é entendido como um fenômeno moral, totalizante e que inverte o valorar humano substituindo os determinantes da natureza por construções fictícias para

⁵⁰ GC, 116. p. 142.

⁵¹ AC, XV p.48-49.

proteger os esgotados da vida. Sua maior vitória foi convencer o homem que o mundo dos impulsos, afetos e instintos é falso e que reside em outro lugar os valores superiores que devem guiar o agir moral. Mas se o mundo de nossos impulsos, afetos e instintos é o único mundo que existe, onde residem estes valores então? No nada. Com essa inversão de valores a vontade de poder deixa de querer mais vida para querer o nada. E este é o caminho para onde nos conduz o projeto civilizador do ocidente. Cristianismo, a negação da vontade de viver tornada religião!... Uma vontade que quer o nada... Tal caminho só poderia conduzir para o niilismo!

A concepção cristã de Deus – Deus como deus dos doentes, deus que tece como aranha, deus espírito – é uma das mais corruptas concepções de Deus a que a Terra se tem apresentado; representa até, possivelmente, o nível mais baixo da evolução declinante do tipo divino: deus degenerado em contradição da vida em vez de ser sua glorificação, e a sua afirmação! Declarar guerra em nome de Deus à vida, à natureza, à vontade de viver! Deus, essa fórmula para todas as calúnias contra o “aqui e agora” e para todas as mentiras do além! O nada divinizado em deus, a vontade do nada santificada!...⁵²

Somente quem sofre com a realidade precisa crer em um mundo melhor, mesmo que não seja esse aqui, que se encontre depois dessa vida de sofrimentos. De acordo com Nietzsche, essa é a fórmula da decadência e o sacerdote asceta se revela como formação típica da vontade de poder habitado pelo negativo, cujo paradoxo consiste em transformar essa negatividade em condição de triunfo e conservação da existência. O que essencialmente está em jogo na interpretação ascética do mundo e da vida é sua perspectiva de valor diante da “vida” e de tudo aquilo que faz parte da vida dos homens, a natureza, o mundo, o devir. Aqui, a vida vale como uma ponte para uma outra existência...

Essa tentativa de transformar “Deus” num conceito, oposto a tudo que é natural, à natureza mesmo, desprezando a tudo o que é matéria, que está na base de toda avaliação das formações gregárias da civilização ocidental, é o que faz o filósofo afirmar que “em uma *explicação bem determinada*, na moral cristã, reside o niilismo”.⁵³ Se o niilismo é visto como a desvalorização dos valores superiores, ao negar a vida, a natureza, nossos impulsos, instintos e afetos em prol de um outro mundo depois dessa vida, o cristianismo desvaloriza o único mundo que temos acesso em prol de outro mundo imaginário, incapaz de ser conhecido pelos impulsos, instintos e afetos, somente a fé pode alcançá-lo.

⁵² AC, XVIII, p. 51-52.

⁵³ FF, 2(127). p. 47.

Esse refugiar-se numa transcendentalidade, impossível de ser demonstrado a partir do mundo que conhecemos, é responsável pela redução do valor do mundo que somos. Destes pressupostos faz parte aquele que diz: Os valores morais são os valores superiores, de acordo com Nietzsche, esse tem sido o mais perigoso *atentado* contra a vida, pois neles os instintos de regressão apoderam-se dos instintos de progressão, a vontade voltada para o nada se apodera da vontade voltada para o viver.

A partir do mundo que conhecemos é impossível *demonstrar* o Deus humanitário... Mas que conclusão tirais vós disso? Ele não nos é demonstrável: ceticismo gnoseológico. Mas vós todos temeis a conclusão: “a partir do mundo que conhecemos seria *demonstrável* um Deus completamente distinto, um que no mínimo *não* seria humanitário” – e, curto e grosso, i.é, vós vos fixais em vosso Deus e inventais para ele um mundo que *não nos é conhecido*.⁵⁴

Aqui se revela o terrível perigo que Nietzsche reconhece no cristianismo. Se enquanto fenômeno moral o niilismo dos valores cristãos se revela enquanto um lugar no nada onde repousam estes valores, indicando um niilismo incompleto, já que acreditamos na verdade destes valores. Quando o ceticismo atinge de forma certa essa concepção de mundo, ela se esvazia deixando um vácuo. Acaba no niilismo do *nada tem sentido*. “Na impossibilidade de concretizar determinada visão de mundo considerada correta, à qual foram dedicadas imensas energias – desperta a desconfiança de que talvez todas as visões de mundo sejam falsas”.⁵⁵

De acordo com as formas de niilismo já anteriormente descritas, o niilismo incompleto desemboca num niilismo passivo que evidencia a exaustão e o cansaço do homem frente à vida. O niilismo se revela como uma seqüela da interpretação moralista do mundo. Daí a periculosidade do *ideal cristão* residir em seus sentimentos de valor, pois os valores morais cristãos têm por fundamento a vantagem do rebanho em detrimento dos homens raros, vigorosos e fortes, no dizer de Nietzsche, os homens superiores.

“Sujeitemo-nos aos fatos: o povo venceu – ou ‘os escravos’, ou ‘a plebe’, ou ‘o rebanho’, ou como quiser chamá-lo”.⁵⁶ O que pretende demonstrar com isso é que os valores do homem ocidental cristão são derivados dessa moral de escravos, que “Israel até agora sempre triunfou sobre todos os ideais, sobre todos os ideais *mais nobres*”.⁵⁷ O

⁵⁴ FF, 2(153), p. 49.

⁵⁵ FF, 2(127) 3. p. 47.

⁵⁶ GM, I, 9, p. 28.

⁵⁷ GM, I, 8, p. 27.

ressentimento e a compaixão são os afetos que movem a avaliação ocidental do mundo e da vida. O cristianismo, enquanto formação moral do ocidente, deve ser questionado enquanto alvo para onde dirige a humanidade: Seus valores indicam a doença e uma vontade que quer o nada. Em resposta, Nietzsche irá propor uma transvaloração de todos os valores. Não uma volta aos antigos valores nobres, pois essa volta seria impossível, mas concordando com Barros⁵⁸, essa transvaloração aponta para além do homem do ressentimento, mas também para além da violência aniquiladora, pois dureza e coragem não podem ser sinônimos de rudeza e inabilidade, se se quer ser o mais hábil dos artistas plásticos. Nietzsche privilegia a força pulverizadora do forte em detrimento do conformismo da moderna sociedade de massas, mas a força interessa apenas na medida em que, através dela, pode destruir os gestos metafísicos e abrir novas possibilidades para a elevação do valor humano. De um lado a exaltação da figura do criador, do outro a contemplação de um futuro para o devir humano.

⁵⁸ BARROS, F. M. Op. cit. p. 147-150.

CAPÍTULO 3 - O CRISTIANISMO É NILISMO

Para estudar uma crítica tão radical ao cristianismo, devemos primeiro nos perguntar, que cristianismo é esse? É o que tentaremos descrever no último capítulo deste trabalho. A realidade cristã, sua moral niilista, e pra onde nos leva seu projeto civilizatório. Investigar as origens dessa religião em seu caráter pagão e judaico, qual o papel de Jesus e a interpretação paulina do “Deus na cruz” como inversão dos valores e vingança contra a vida, e também a sua continuidade na modernidade é o caminho que pretendemos seguir para encontrar essa resposta.

Podemos notar que o alvo das críticas do autor de *O Anticristo* não são os dogmas e verdades contidas na interpretação religiosa do cristianismo, mas que o cristianismo aqui é atacado como a base moral das formações gregárias ocidentais, e a crítica nietzscheana pretende ser uma leitura do jogo de forças que estão presentes na origem e que permanecem na atualidade histórica do cristianismo, tomado aqui como o fenômeno moral norteador de todo o processo civilizatório do ocidente.

1- Moral cristã e ressentimento

O cristianismo é apresentado como um equívoco¹, uma grande ilusão psicológica que não possui nenhum ponto de contato com a realidade. Enquanto fenômeno moral é a morada do niilismo² e do ponto de vista fisiológico, a grande doença da humanidade, que se utiliza da *degeneração fisiológica* e do *amansamento* como prerrogativas para civilizar o homem.

¹ Cf. AC, XXXIX. p. 73-74.

² Cf. FF, 2(127). p. 47.

No seu *O Anticristo*³, Nietzsche trata o cristianismo como a grande ilusão das *ficções puras*, das causas e efeitos imaginários, da falta de realidade na moral e na religião, que cria um conceito de Deus como oposição ao conceito *natureza*. Fruto de um ódio ao que é natural, à própria realidade; transforma *natural* em sinônimo de *desprezível*. Um mundo de ficções onde a realidade é falseada, desprezada e negada. Com o objetivo de aperfeiçoar o homem, suprime as relações com o mundo, procurando desprender-se do “invólucro mortal”, que é o corpo, para que fique o *essencial*, o “puro espírito”. Aperfeiçoamento este que o autor compreende como um grande erro, pois, se retirar o sistema nervoso e os sentidos, o “invólucro mortal”, cometemos um erro – e nada mais!...

Todo esse mundo de ficções tem a sua origem no ódio contra o natural, contra a realidade! É a expressão de um profundo mal-estar perante o real... Mas eis que tudo se explica. Quem terá razões para fugir da realidade através da mentira? Só a quem ela fizer sofrer. Mas sofrer pela realidade significa que se é realmente falho... O predomínio do sentimento de pena sobre o de prazer é a causa desta moral e desta religião fictícias; mas um tal excesso estabelece bem a fórmula para a decadência...⁴

Toda essa fuga da realidade é produto de uma ficção frustrada que, na forma de conceito da maioria conquistou poder sobre os homens, revelando uma impotência da vontade em suportar essa mesma realidade. São aqueles a quem a vida só faz sofrer que precisam cultivar essa ilusão para continuar vivendo. Essa ilusão, que é o ressentimento de uma vida que declina, inventa uma interpretação moral da existência como forma de autojustificação transcendente, que deprecia o mundo terreno, real, em vistas de um outro mundo ideal, o “mundo verdadeiro”. Lembrando o que já dissemos no capítulo passado, o mundo de nossos impulsos, afetos e instintos é o único mundo que existe para nosso autor e, portanto, qualquer mundo que não pode ser conhecido por esses meios é uma ilusão.

E o que quer esse mundo ilusório, além da primazia sobre o mundo dos impulsos, afetos e instintos?

Condenar-lhes, como falsas interpretações da vida. Uma total inversão de valores, uma vingança contra a vida promovida pelos que sofrem e necessitam mais de pena que de prazer para suportar viver.

³ AC, XV, p. 48, 49.

⁴ AC, XV, p. 49.

“No fundo, é “cristão” todo aquele que leva adiante o ideal que outorga ao valorar humano substituir os determinantes da natureza por construtos fictícios e que cria, dessa forma, outros meios para os esgotados se protegerem reciprocamente.”⁵

A periculosidade do ideal cristão reside em seus sentimentos de valor. O juízo moral tende a tornar os fortes mais fracos, nivelando-os por baixo; é a luta dos muitos contra os poucos, dos comuns contra os raros, dos fracos contra os fortes, transformando a moral no maior perigo do homem.

Perigo porque essa moral é responsável pelo programa civilizatório e o principal promotor da vida em coletividade, que é considerado pelo autor como um lento processo de prostração, de enfraquecimento do animal homem a fim de amansá-lo. Perigo porque essa moral só faz depreciar a vida (uma vez que entende a vida como vontade de poder) percebe que toda moral se volta contra o exercício do poder, que a moral ensina a odiar a desprezar toda vontade voltada para o poder.

Daí seu diagnóstico de que a moral cristã é uma grave doença da vontade que sufoca o próprio desejo de viver juntamente com outros fatores que impulsionam e favorecem a vida.

Portanto a moral tem defendido a vida diante do desespero e do salto para o nada naquelas pessoas e naquelas classes que foram violentadas e oprimidas por *seres humanos*: pois é a impotência diante dos homens e *não* a impotência diante da natureza, que gera a amargura mais desesperada contra a existência. A moral tem tratado os donos do poder, os que usam a força, os “senhores” de um modo geral como os inimigos em relação aos quais o homem comum precisa ser protegido, isto é, *em primeiro lugar ser reanimado, revigorado*. A moral tem ensinado, por conseguinte, mais profundamente a odiar e a desprezar aquilo que é o traço básico do caráter dos senhores: *a sua vontade voltada para o poder*.⁶

Criada pelo ressentimento, a moral que aqui destacamos, a moral dos escravos, que tem como principal expoente o povo judeu⁷, inverte os juízos de valor nobre, aqueles que afirmam a vida, e transforma no *sentido de toda cultura* o *amestrar* o animal homem, “reduzi-lo a um animal manso e civilizado, domestico”.⁸ Essa inversão do olhar para estabelecer valores caracteriza a vingança do impotente contra o modo de valoração nobre. Exigir da força que ela não se expresse como força, que não seja um querer dominar, um

⁵ BARROS, F. M. Op. Cit., p. 50.

⁶ FF, 9, p. 50.

⁷ Cf. GM, I, 8-11. p. 26-33.

⁸ GM, I, 11. p. 33.

querer vencer, eis o que quer essa moral. Uma moral hostil à vida animada pelo afeto da compaixão. “O homem perde o poder quando é contagiado pelo sentimento de compaixão”.⁹

Essa moral da compaixão tem por objetivo rebaixar o forte para medianizar a humanidade. Considerada como virtude, a compaixão se coloca ao lado dos condenados pela vida, “pois enfraquece as paixões revigorantes que aumentam a sensação de viver”.¹⁰ O trabalho de esculpir o homem pela moralidade cristã criou no *animal homem* uma espécie de “segunda natureza” que de acordo com Barros, seria um “cabedal ilusório de impulsos criado para suprir as exigências altruístas, mas isso, antes de mais nada, por que transformou a própria economia vital numa função de estruturas imperativas”¹¹. Isso porque as manifestações dos instintos e impulsos que formam o corpo, não são naturalmente aptas a constituir o fundamento das virtudes compassivas, necessitando para amansar essas manifestações, de se transformar numa plataforma ético-religiosa de virtudes que se encontram em relação a um fim que não lhe é próprio, e se determina como um *instrumento* a serviço de um *mandamento*. O homem, como instrumento do *plano de Deus*, deve reprimir seus impulsos e instintos, também seus afetos e colocar-se a serviço destas estruturas imperativas, a moral cristã.

Para agir em conformidade com esse *mandamento*, é necessário inventar uma capacidade interna de determinação da própria vontade. O livre arbítrio. Uma espécie de dom natural ou centelha divina concedida ao homem para que tivesse a possibilidade de escolher seguir ou não este mandamento. Uma forma de torná-lo responsável por seus atos e inserir a culpa dentro de si. Graças à doutrina do livre-arbítrio e a crença no livre pensar¹², faz o homem acreditar que age e pensa livremente, mesmo quando se submete a normas preestabelecidas. A doutrina do livre-arbítrio consiste em atribuir ao indivíduo a possibilidade de escolha e a responsabilidade pelas conseqüências de seu ato, “como se por trás do forte houvesse um substrato indiferente que *fosse livre* para expressar ou não a

⁹ AC, VII. p. 41.

¹⁰ AC, VII. p. 41.

¹¹ BARROS, F. M. Op. Cit, p. 86.

¹² Aqui não se deve confundir com o Espírito Livre, que Nietzsche constrói em sua obra, mas sim aos livre pensadores tal qual compreendidos pelo Iluminismo.

força”.¹³ Como se o forte fosse livre para ser fraco e os fracos com esta astuta vingança da impotência, fossem os únicos *bons*.

Hoje não temos mais compaixão pelo conceito de "livre-arbítrio": sabemos bem demais o que é – O mais famigerado artifício dos teólogos que há, com o objetivo de fazer a humanidade "responsável" no sentido deles, isto é, de torná-la *deles dependente*... Os homens foram considerados "livres", para poderem ser julgados e punidos – ser *culpados*.¹⁴

Toda essa espécie de fantasia na interpretação dos motivos e vivências é o pressuposto necessário para que alguém se torne cristão e sinta necessidade de redenção. Conforme nos diz Biser¹⁵, no próprio caráter deste ficcionismo está a chave de superá-lo. Pois o cristianismo está dentro de uma situação espontânea de autodissolução. “Retire-se daqui uma só idéia, ponha-se no seu lugar uma só realidade – e todo o cristianismo girará no vácuo!”¹⁶

A moral cristã e seu universo imaginário, “Deus”, “alma”, “pecado”, “salvação”, “graça”, “castigo”, “remorso”, “tentação”, “arrependimento”, “juízo final”, “vida eterna”, “reino de Deus”, é a expressão de um profundo mal-estar perante o real, no qual Nietzsche detecta um tipo decadente de vontade de potência. Ao instituir-se como valor absoluto e submeter a si própria qualquer outra forma de valoração, esta moral promove o nivelamento e uniformidade do rebanho humano.

Elegendo a fé como superior ao conhecimento, “o caminho da verdade torna-se o caminho proibido”.¹⁷ Resultando, portanto, numa fé em um valor em si da verdade, um valor metafísico. Pela fé a verdade foi entronizada como ser, como Deus, como instância suprema. Deus é a verdade, a verdade é divina. A partir do momento que a fé no Deus do ideal ascético é negada, *passa a existir um novo problema*: o problema do valor da verdade.¹⁸

Podemos então entender por que para Nietzsche a morte de Deus é consequência do cristianismo. O sentido de veracidade, o “*Deus é a verdade*”, tão desenvolvido pelo cristianismo, se volta contra o deus cristão justamente pela sua “*verdade*”. Toda a falsidade

¹³ GM, I, 13. p. 36.

¹⁴ CI, VI, 7. p. 45. 46.

¹⁵ Cf. BISER, Eugen. *Relação de Nietzsche com Jesus: um confronto psico-literário*. p. 76, In : *Nietzsche e o Cristianismo*, Concilium/165: Teologia Fundamental, 1981.

¹⁶ AC, XXXIX, p. 74.

¹⁷ AC, XXIII, p. 56.

¹⁸ Cf. GM, III, 24. p. 140.

e hipocrisia existente na interpretação cristã do mundo e da história – “a apavorante catástrofe de uma educação para a verdade que dura dois milênios, que por fim se proíbe a mentira de crer em Deus”¹⁹ – acabando no niilismo do ‘nada tem sentido’; ao ruir tal avaliação do mundo e das coisas, deixa-nos com a sensação de que mais nenhuma avaliação seja possível.

Com sua moral de negação da vida, o cristianismo “elevou a ignorância à virtude, declarou a dúvida como pecado, deu ao *Eros* veneno a beber e cometeu com isso um único e grande pecado contra a vida”.²⁰ Por isso o cristianismo possui em si mesmo a fórmula para o seu desaparecimento, mediante a dissolução causada por aquilo que ele mesmo criou, primeiramente como dogma e depois como moral. Sua ordenação moral do mundo e o conceito de verdade são os grandes motores que movem a consciência contra si próprio, como o Édipo grego, sofre a lei que ele próprio criou.

O cristianismo, compreendido como formação cultural, é uma versão ético-religiosa da vontade de nada. O homem é um animal que sofre com a falta de sentido, sem uma resposta para a pergunta – Para que o homem? – ele sofria do problema do seu sentido. O animal homem não tinha sentido algum.²¹ E o cristianismo coloca esse sentido no nada – no depois da vida. Essa vontade de nada se põe a serviço daquilo que restou dos mais profundos instintos de vida, de modo que o ascetismo é o esforço desesperado pelo qual uma forma degenerada de vida luta pela sua própria sobrevivência, negando e invertendo as estimativas de valor que eram condições favoráveis para um tipo fisiológico sadio, não degenerado. Inverter essas estimativas de valor é colocar-se no processo de *décadence*: uma vontade que quer o nada ao invés de querer mais poder, ou melhor, a sua fonte de poder é o nada, o além, o depois da vida, o inalcançável. E o que é o niilismo senão isso? O homem cansado do homem, cansado da vida.

Se enquanto realidade o cristianismo se mostra uma grande ilusão, e enquanto moral caminha para o niilismo, para onde nos leva seu projeto civilizatório? Nascido do espírito do ressentimento, esse antimovimento é uma grande revolta contra a dominação

¹⁹ GM, III,27. p. 147.

²⁰ BISER, Eugen. Op. Cit. p. 76.

²¹ Cf. GM, III, 28. p. 148,149.

dos valores nobres.²² Nesse processo, o tipo desejado, criado é o animal de rebanho, doméstico, manso, cansado e enfermo.

O cristianismo travou uma guerra de morte contra esse tipo de homem superior, renegou todos os instintos fundamentais deste tipo e desses instintos destilou o mal, o negativo – o homem forte como tipo censurável, como *proscrito*. O cristianismo tomou o partido de tudo que é fraco, baixo, incapaz, e transformou em um ideal a oposição aos instintos de conservação da vida saudável;²³

Todo o projeto civilizatório encabeçado pelo cristianismo se baseia sobre o ideário altruísta. Tem por fundamento a vantagem do rebanho, todos medianos, vivendo como rebanho, sem muitos questionamentos e sem consciência - alegres. Nesse posicionamento se revela o triunfo das forças reativas sobre as positivas, pois buscam assegurar, antes de tudo, que todas manifestações egoístas, capazes de fazer ecoar aqueles instintos do homem selvagem, sejam tomadas como desvio e experimentadas sob a forma inflexível da consciência de culpa. O tipo de homem que vem à luz sob este projeto civilizatório se encontra visivelmente plasmado no fenômeno da *décadence*. E não só representa uma forma de vida declinante, mas compromete inclusive as forças positivas ao ensinar a senti-las como pecados, desvios e tentações.

A tendência civilizatória de selecionar apenas o que for da ordem do gregário possibilita uma degeneração geral do homem transmutando a fraqueza em mérito, a impotência em bondade, a baixeza medrosa em humildade, a submissão em obediência e assim em todas as suas “*virtudes*”. Sob o signo do *privilégio da maioria*, o ressentimento dirige a vontade de rebaixamento, de aviltamento, de nivelamento, de atraso e o caso do homem contra o homem raro, elevado, excepcional.

“Um ser humano virtuoso é uma espécie inferior já porque não é uma “pessoa”, pois passa a ter valor só por ser adequado a um esquema do humano que foi montado de-uma-vez-por-todas. Ele não tem o seu valor à parte, distinto: ele pode ser comparado, ele tem o seu igual, ele não deve ser singular...”²⁴

Esse nivelamento por baixo promovido pelo cristianismo acontece por sua origem entre as castas mais baixas, os servos e os oprimidos. E daí seu ódio mortal contra os

²² Cf. EH, Genealogia da moral, p. 97.

²³ AC, V, p. 40.

²⁴ FF, 10(85) p. 124.

senhores da terra, contra os *nobres*. O indivíduo singular²⁵ é algo a ser abolido, o rebanho humano, cada vez mais igual, torna-se o objetivo da civilização promovido pelo ideário cristão. Ao pensar qual tipo de homem que este projeto civilizatório quer criar, se é um tipo que quer promover ou obstruir a vida, é que nosso autor descobre por traz deste processo uma tendência hostil à vida.

O cristianismo, nascido entre *as castas inferiores*, faz da insatisfação consigo próprio e do sofrimento por si transformarem-se num certo instinto de crueldade para consigo mesmo e para com os outros. Necessita do ódio aos que pensam de maneira diferente, da vontade de perseguir, pois seus valores nascem do ressentimento contra a alegria dos sentidos, contra alegria em geral, contra tudo o que é nobre.²⁶

O cristianismo, assim que abandonou o seu primeiro terreno, as castas inferiores, o submundo da antiguidade, quando procurou o poder entre os povos bárbaros, não tinha mais, como primeira condição diante de si, homens fatigados, mas homens interiormente empobrecidos, que se destruíam entre si... O cristianismo pretende domar animais ferozes; o meio de o conseguir é torná-los doentes – o enfraquecimento é a receita cristã para a domesticação, para a “civilização”.²⁷

Para dominar os bárbaros, homens rudes e selvagens, e criar uma civilização, o cristianismo necessitava amansar seus instintos, dominar, oprimir, tiranizá-los, precisava dignificar o sofrer. Adotou conceitos como *culpa*, *pecado*, *pecaminosidade*, *corrupção*, *danação*, para tornar os doentes inofensivos até certo ponto. Para explicar o fato de sofrer, a palavra *diabo* torna-se a interpretação de um inimigo tão poderoso e terrível que não seria vergonhoso sofrer na mão de tal inimigo, um instrumento de poder para tornar indispensável o sentimento do pecado. Aproveitando-se do desprezo bárbaro pelo espírito e pela cultura, transforma a crença, a *fé*, em algo mais importante que o conhecimento. Não importa se uma coisa é verdadeira, mas sim que ela seja tomada como verdadeira. Ainda se aproveita do gosto bárbaro pela tortura em todas as suas formas e desenvolve seu sistema de crueldade inspirado nas noções de *além*, *juízo final*, *imortalidade da alma*, instrumentos de tortura para homens vigorosos que devem ser amansados.

²⁵ O indivíduo singular deve ser abolido para a formação do rebanho, mas em contra partida o valor do indivíduo se agiganta enquanto possuidor de uma alma imortal, digno até de Deus estar no céu apenas para olhar por ela. É a própria “vontade de Deus” que os indivíduos sejam todos iguais, e que não se desvirtuem do rebanho.

²⁶ Cf, AC, XXI. p. 54, 55.

²⁷ AC, XXII. p. 55.

Para amansar o homem, vale-se do afeto da compaixão que adoce o instinto vital e revela uma tendência hostil à vida, pois tenta estancar a fonte de força. É um afeto que se alimenta do sofrimento e triunfa à medida que diminui a vitalidade fisiológica. O cristianismo fez da compaixão uma virtude, “quando em todo o sistema moral superior ela é considerada como uma fraqueza”.²⁸

Assumindo-se enquanto a religião do amor, garante que a ilusão de suas estratégias consiga êxito, pois “o amor é o estado em que os homens têm mais probabilidades de ver as coisas como elas não são... No amor suporta-se mais que o habitual, tolera-se tudo”.²⁹ Através dele o cristianismo faz guerra a todo sentimento de distância entre um homem e outro com a doutrina dos direitos iguais para todos. O sentimento de *igualdade das almas* e a fé nos *direitos da maioria* é a fórmula da “insurreição de tudo que rasteja contra tudo quanto está elevado”.³⁰ Movido pela forte esperança que a realidade não pode contradizer: a esperança no além-túmulo.

Esse amor que brota do tronco do ódio judaico é um *novo* amor, um amor que busca “as mesmas metas daquele ódio, vitória, espólio, sedução, com o mesmo impulso com que as raízes daquele ódio mergulhavam, sempre mais profundas e ávidas, em tudo que possuía profundidade e era mau.”³¹ O amor é, de todos os sentimentos, o mais egoísta³², “eles acreditam ser desinteressados no amor, por querer o benefício de outro ser, às vezes contra o benefício próprio. Mas em troca desejam possuir o outro ser... Nisso nem mesmo Deus é exceção”.³³ O amor pelos pequeninos, pelos fracos e falhados faz com que o homem superior seja tido como tipo censurável, proscrito. O amor que deseja que todos sejam iguais promove o rebaixamento do homem e a uniformidade do rebanho.

O projeto civilizatório será assim, a execução gradual e triunfante do conteúdo normativo da moralidade cristã, o homem, moralmente determinado, concebido apenas enquanto criatura, cria os valores determinantes para a vida gregária ocidental rumo ao conforto e ao bem-estar paralisando a energia vital em favor do rebanho.

²⁸ AC, VII. p. 41.

²⁹ AC, XXIII. p. 57.

³⁰ AC, XLIII. p. 79.

³¹ GM, I, 8. p. 27.

³² CONSTANT, B. Apud CW/NW, 2. p. 13. – ³¹ CW/NW, 2. p. 13.

³³ CW/NW, 2. p. 13.

A concepção cristã de Deus é consequência do solo onde cresceram suas raízes. Enquanto religião é uma mescla de elementos pagãos e elementos judaicos. Segundo Valadier³⁴, a raiz pagã do cristianismo é o que conservou a antiguidade até nós, porém deformando-a. Da raiz judaica o instinto de ressentimento que fabrica para si um outro mundo, onde a afirmação da vida é considerada o mal, o reprovável em si. A mistura perigosa de duas culturas *decadentes*: O *homem teórico* socrático e o ressentimento judeu formarão o solo de onde se desenvolverá essa concepção de Deus – “uma das mais corruptas concepções de Deus a que sobre a Terra se tem apresentado”.³⁵

2 - As raízes do cristianismo

Para entender o cristianismo devemos buscá-lo no terreno onde este se origina como nos sugere o próprio Nietzsche³⁶. Investigar o solo grego onde essa semente se tornou possível na forma de um cristianismo preexistente como coloca Valadier³⁷, faz nosso autor distinguir um helenismo primitivo, oculto, e o helenismo tardio, socrático. Um auge e decadência da Grécia. O auge marcado pela tragédia, que foi a forma como os gregos inventaram para harmonizar o apolíneo e o dionisíaco, e a decadência que começa com Sócrates.

O grego conheceu e sentiu os temores e os horrores do existir: para que lhe fosse possível viver, teve que colocar ali, entre ele e a vida, a resplandecente criação onírica dos deuses olímpicos... Para poderem viver, tiveram os gregos, levados pela mais profunda necessidade, de criar tais deuses... De que maneira poderia aquele povo tão suscetível ao sensitivo, tão impetuoso no desejo, tão singularmente apto ao sofrimento, suportar a existência, se esta banhada de uma glória mais alta, não lhe fosse mostrada em suas divindades? Assim, os deuses legitimam a vida humana pelo fato de eles próprios a viverem.³⁸

Já na sua primeira obra se situa a “compreensão do socratismo” e a percepção de Sócrates como *instrumento* da dissolução grega³⁹. Sócrates não é considerado em sua individualidade empírica, mas como um modelo de homem superior que sentiu o problema de uma época e revelou sua solução, solução que não fez senão agravar o mal. Sócrates é

³⁴ VALADIER Paul, *Nietzsche Y La Critica Del Cristianismo*, p. 277.

³⁵ AC, XVIII. p. 52.

³⁶ Cf. AC, XXIV. p. 57.

³⁷ Cf. VALADIER, Paul. Op. Cit. p. 332.

³⁸ NT, 3. p. 36, 37.

³⁹ EH, Nascimento da Tragédia, p. 62.

um sintoma que remete a um mal profundo e que o revela. Isto por que Sócrates é o que afirma o primado do racional, do lógico, sobre o mito ou o instintivo. Sócrates condena a parte não teórica da existência e promove o exercício racional exclusivo da inteligência. É o nascimento do homem teórico.

Quando há necessidade de fazer da razão um tirano, como fez Sócrates, não deve ser pequeno o perigo de que uma outra coisa se faça de tirano. A racionalidade foi então percebida como *salvadora*, nem Sócrates nem seus “doentes” estavam livres para serem ou não racionais – isso era de *rigueur* [obrigatório], era seu último recurso. O fanatismo com que toda reflexão grega se lança à racionalidade mostra uma situação de emergência: estavam em perigo, tinham uma única escolha: sucumbir ou – ser *absurdamente racionais*...⁴⁰

Com Sócrates a razão se coloca acima dos instintos e se propõe a dominá-los. O meio para dominar sobre o instintivo e que desemboca na tirania do espírito é a dialética. A dialética é um *instrumento* porque tira de uma idéia errônea uma idéia verdadeira e dá assim acesso ao Bem: separa, escolhe, delibera, por conseqüência o racional como tal, independente de suas aderências tradicionais, ou sensíveis, ou místicas. Graças à dialética socrática se opera a distinção entre vida prática e vida contemplativa, uma distinção, que esconde a existência de dois domínios irreduzíveis, um “mundo verdadeiro” e um “mundo aparente”. A moral capaz de ser reconhecida pelo espírito, livre dos sentidos que sempre nos enganam, em nome de um ideal, nega à vida. A *pura espiritualidade* se apresenta por meio dela como o lugar privilegiado ou único do conhecimento e da metafísica. A razão converte-se em juiz e ao querer se valer por si própria é tirana.

A dialética considerada como caminho necessário da virtude, dissolve o instinto grego com o pretexto de sublimá-lo. A possibilidade de provar se converte no pressuposto da atitude pessoal para a virtude: deste modo, os conceitos *bem* e *mal* adquirem a figura de entidades que valem por si mesmas, sem seu solo político ou social que constituem o mundo. Deste ponto de vista Sócrates é um dos momentos mais profundos da perversidade na história dos valores.

Esta perversão se dá, segundo Valadier, por fazer prevalecer os valores do indivíduo⁴¹ sobre os valores da coletividade. Ou pior ainda, fazer o valor do indivíduo

⁴⁰ CI, II, 10, p. 22.

⁴¹ Os valores do indivíduo entendido aqui como cuidado da “alma” e valores coletivos como o processo histórico, ação de um povo na história. É melhor cuidar da “alma imortal” do que fazer imortal a História de um povo.

como valor último.⁴² O indivíduo passa a ser considerado como o mais importante, e a felicidade passa a ser o primeiro desejo do homem, resultando na equação socrática: conhecimento = virtude = felicidade. Quebra-se assim a harmonia trágica dos impulsos apolíneo e dionisíaco, a união do indivíduo com o grupo, sua comunidade, sua tradição histórica; o indivíduo toma o primeiro plano, uma obsessão por si mesmo, um cuidado com sua alma. O homem se torna o centro das coisas.

O homem lógico ao fazer-se centro trata de captar as coisas em relação com esse centro e, depois de reduzir a vida nas dimensões restritivas da sua lógica, e se coloca a julgar e justificar a vida, para corrigi-la. Tentando encerrar a totalidade das coisas sua rede de conceitos o homem lógico quer corrigir o mundo por meio do saber. Para corrigir a existência, a teoria socrático-platônica vai recorrer a um “*mundo verdadeiro*”, imutável, eterno, supra-sensível, de onde pode estimar a vida como injusta e impor sua vingança contra ela mesma numa luta para fazê-la justa. Prepara assim o terreno para que o cristianismo se desenvolva em solo grego.

Minha desconfiança de Platão vai fundo, afinal: acho-o tão desviado dos instintos fundamentais dos helenos, tão impregnado de moral, tão cristão anteriormente ao cristianismo – ele já adota o conceito "bom" como conceito supremo –, que eu utilizaria, para o fenômeno Platão, a dura expressão "embuste superior", ou, se soar melhor, idealismo, antes que qualquer outra palavra. Pagou-se caro pelo fato de este ateniense haver freqüentado a escola dos egípcios (– ou dos judeus no Egito?...) na grande fatalidade que foi o cristianismo, Platão é aquela ambigüidade e fascinação chamada de "ideal", que tornou possibilitou às naturezas mais nobres da Antigüidade entenderem mal a si próprias e tomarem a ponte que levou à "cruz"...⁴³

Definindo o platonismo como a doutrina dos dois mundos, um mundo sensível e mutante, que é o mundo da aparência, e o mundo supra-sensível, eterno e imutável, que é o mundo verdadeiro, Nietzsche considera então, que o cristianismo vulgarizou o platonismo, na medida em que popularizou o mundo verdadeiro da filosofia chamando-o de outro mundo, de mundo do além. É este o sentido da afirmação “o cristianismo é um platonismo para o povo”.⁴⁴ Ou Platão é cristão antecipadamente porque “– ele já adota o conceito ”Bom” como conceito supremo”.⁴⁵ Nos dois casos o niilismo significa a negação da vida

⁴² Cf. VALADIER, Paul. *Nietzsche Y La Critica Del Cristianismo*, p. 335.

⁴³ CI, X, 2. p. 102.

⁴⁴ BM, p. 8.

⁴⁵ CI, X, 2. p. 102.

em nome de uma outra vida, uma vida melhor; a negação do mundo em nome de outro mundo: o “*mundo verdadeiro*”.

a) A Raiz Judaica

Para compreender a origem do cristianismo no solo judaico, seguiremos o caminho indicado pelo próprio Nietzsche: “O cristianismo só pode ser entendido a partir do terreno em que se desenvolveu – não é de modo algum um movimento de reação contra o instinto judaico, mas a própria consequência dele...”⁴⁶ Por isso tentaremos aqui descrever como o autor entende este povo singular para entender como se dá a inversão na ordem dos valores, como o cristianismo nasce em seu seio e daqui se espalha para todo o ocidente enquanto formação moral responsável pelo processo civilizatório deste mesmo ocidente.

“Os judeus – um povo “nascido para a escravidão”, como diz Tácito, e com ele todo o mundo antigo, “o povo eleito entre as nações”, como eles mesmos dizem e crêem – os judeus realizaram esse milagre da inversão dos valores, graças ao qual a vida na terra adquiriu um novo e perigoso atrativo por alguns milênios”⁴⁷

Para compreender a inversão dos valores realizada por este povo é preciso responder o porquê um povo necessita de um Deus? A necessidade de criar tal Deus reflete o modo desse povo existir, legítima sua existência. No § XVI de *O Anticristo* Nietzsche desenvolve essa questão e nos responde assim:

Um povo que ainda acredita em si possui, além disso, um Deus que lhe é próprio. Venera nesse Deus as condições que o tornam vitorioso, as suas virtudes – projeta a sensação de prazer que a si próprio se causa, o seu sentimento de poder, num ser a quem por isso pode agradecer. Quem é rico, oferece-lhe o que tem; um povo orgulhoso necessita de um Deus a quem possa fazer *sacrifícios*. A religião é, nestas condições, uma forma de agradecimento. E um agradecimento a si mesmo; para isso se precisa de um Deus.⁴⁸

Se Deus é a expressão do orgulho de um povo consigo mesmo, tal Deus deve espelhar os ímpetus de vitória e destruição deste povo e para isso deve poder servir e prejudicar, ser admirável tanto no bem como no mal. Resplandece assim, todo o poder de um povo quando exalta o poder do seu Deus.

⁴⁶ AC, XXIV, p. 57.

⁴⁷ BM, 195, p. 95.

⁴⁸ AC, XVI, p. 49.

Já quando um povo não possui mais esse poder, vencido na guerra e feito escravo, quando já não confia mais em seu futuro, as características de seu Deus também se transforma. Não é mais um Deus onde se agradece o poder que tem, mas sim, um Deus moralizador, que ao indicar como agir, lhe garante sua condição de existência.

Quando um povo perece; quando sente desaparecer para sempre sua fé no futuro, a sua esperança na liberdade; quando a submissão lhe parece ser necessária; quando as virtudes dos servos entram na sua consciência como imperativos de sobrevivência, então é preciso que este Deus se transforme. Torna-se hipócrita, medroso, humilde; aconselha a “paz da alma”, a ausência de ódio, o respeito, até o “amor” tanto para com os amigos como para os inimigos. Não faz mais que moralizar; insinua-se em cada virtude privada; torna-se o Deus de cada homem; particulariza-se, torna-se cosmopolita... Em outros tempos, Ele representava um povo, a força de um povo, tudo o que na alma de um povo existe de agressivo e sedento de poder; a partir de agora Ele nada mais será que o bom Deus... De fato, não há para os deuses outra alternativa: ou são a vontade de poder – e enquanto o forem serão deuses de um povo – ou são a impotência do poder – e então tornar-se-ão, forçosamente, *bons*.⁴⁹

Essa transformação no conceito de Deus, Nietzsche irá verificar no povo judeu, que um dia foi senhor de si e tinha em Javé sua expressão de força, sua vontade de poder. Pelos diversos nomes que davam a seu Deus, El Benith (Senhor das Alianças), El Sabbaot (Senhor dos Exércitos), El Shaddai (Senhor das Alturas), Eloim (Deus dos Deuses), YHWH (Javé – Adonai – o Senhor) expressam o sentimento de poder, de prazer, e esperança em si próprios.⁵⁰

Dele esperavam a vitória e a salvação, com ele se confiava na natureza e em que ela daria o que é necessário ao povo – principalmente a chuva. Yahweh é o deus de Israel e, por conseguinte, o deus da justiça: lógica de todo o povo que possui o poder e a consciência tranqüila. É no culto solene que se manifestam esses dois aspectos da afirmação própria de um povo: mostra-se agradecido pelos grandes destinos que o elevaram à dominação, sente gratidão pela regularidade do ciclo das estações e por qualquer êxito na criação de animais e na agricultura.⁵¹

Nietzsche verá no início da história deste povo uma relação natural com o mundo e com a vida. Durante muito tempo foi assim, mas a desorganização interna e a pressão dos inimigos colocam a sobrevivência deste povo em condição difícilíssima. Com a derrota para os Assírios e a diáspora babilônica o povo judeu teve que escolher: “colocados perante o dilema de ser ou não ser, preferiram com uma lucidez extraordinária o ser *por qualquer*

⁴⁹ Ibidem. p. 50.

⁵⁰ Cf. PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*, p. 7-11.

⁵¹ AC, XXV, p. 59.

preço: esse preço era a falsificação radical de toda a natureza, de toda a realidade, tanto do mundo interior como do exterior.”⁵² O ressentimento fabrica um outro mundo pervertendo as noções de “bem” e “mal” “verdadeiro” e “falso” numa forma de se afirmar contra o mundo. “O Deus de Israel fora vencido. Os exilados experimentavam simplesmente nada mais nada menos do que o fim do mundo deles. Para o historiador, é o fim do antigo Israel”.⁵³

O deus antigo nada mais podia fazer do que o fizera em outros tempos. Deviam tê-lo deixado sucumbir. Em vez disso, que aconteceu? Modificaram a noção que dele tinham – deformaram essa noção: e por esse preço o conservaram. Yahweh, o deus da “Justiça”, já não mantém a sua unidade com Israel, já não é a expressão do orgulho de um povo: não passa agora de um deus condicionado...”⁵⁴

Após a diáspora o conjunto do mundo judaico já enfatiza a importância do sumo sacerdote. Foi na Babilônia que os sacerdotes exilados construíram esse código sacerdotal, que realiza a inversão de valores e faz Nietzsche afirmar que “com ele começa a rebelião dos escravos na moral”.⁵⁵

Se o que unia e mantinha esse povo era sua confiança em Javé, se ele foi a expressão de seu poder, esse Deus que lhe construiu sua história, agora passa a ser impossível servir-se dessa história. Que fizeram então? Desfizeram-se dela.

Esses sacerdotes realizaram o prodígio da falsificação de que permanece como documento comprovativo uma grande parte da Bíblia. Com um desprezo ímpar por toda a tradição, afrontando toda a realidade histórica, *transcreveram em sentido religioso* o seu próprio passado nacional, isto é, fizeram dele um estúpido mecanismo de salvação: a ofensa contra Yahweh merece punição; o amor por Yahweh recompensa. Muito mais dolorosamente sentiríamos essa escandalosa falsificação da história se a milenar interpretação eclesiástica não nos houvesse tornado quase insensíveis às exigências da probabilidade *in historicis*... Que o valor de um povo ou de um indivíduo se gradua segundo sua maior ou menor obediência à vontade de Deus; que nos destinos de um povo ou de um indivíduo mostra-se dominante a vontade divina que castiga ou recompensa segundo o grau de obediência.⁵⁶

A fidelidade à Lei de Deus, uma “vontade de Deus”, com essa inversão o sacerdote assume o poder; só ele é capaz de reconhecer essa vontade que decide o destino do homem, o valor de um povo. Deus aqui já não é a continuidade de um povo, mas é

⁵² AC, XXIV. p. 57.

⁵³ TASSIN, Claude. *O Judaísmo do exílio ao tempo de Jesus*, p. 7.

⁵⁴ AC, XXV, p. 59.

⁵⁵ BM, 195. p. 95.

⁵⁶ AC, XXVI, p. 60.

elevado tão distante deste povo, tão acima, para que seja superior a todos os deuses de seus dominantes, que se torna necessário a mediação sacerdotal para chegar até ele, conhecer sua vontade. A deportação aconteceu como castigo pela infidelidade aos mandamentos divinos e o futuro só se edificaria com uma fidelidade nova às leis e costumes de Deus. Javé, o Deus verdadeiro, garante a justiça àquele que observa a lei. Surge aqui uma ordem moral que vale mais que tudo. Graças a ela toda realidade é falseada – o povo já não perdura graças a seus recursos sociais e políticos próprios, mas graças aos gestos de ordem cultural, quer dizer, graças a Deus, segundo o sacerdote – uma reação e ressentimento contra as estirpes nobres e seus ideais, possibilitando aos impotentes interpretar sua fraqueza como mérito.

Neles existe a confiança de que a sociedade é regida por uma ordem moral que premia o homem honesto e trabalhador e penaliza o que vive de forma contrária. Embora a evidencia de que tudo corre bem para o justo nem sempre seja clara, os sábios podem confiadamente pedir-lhe paciência, pois logo o perverso cairá das alturas precárias onde está montado.⁵⁷

Invertendo o modo de valorar aristocrático, que afirma a vida e o mundo natural, começa a falsificação de toda a realidade em termos de que a “vontade de Deus” é que o mundo seja de outra forma. O mundo natural deixa de ter valor, Deus se torna a antítese dos valores naturais, a palavra “mundo” ganha um cunho vergonhoso, a avaliação aqui parte de uma hostilidade de morte contra a realidade.

Desde então, todas as coisas da vida estão de tal modo ordenadas, que o sacerdote se torna por toda parte indispensável; em todos os acontecimentos naturais da vida, nos momentos do nascimento, do casamento, da doença, da morte, pra não falar do “sacrifício” (a ceia), aparece o santo parasita para os desnaturalizar – na sua linguagem: para os “santificar”... Porque é necessário compreender isso: todo o costume natural, toda a instituição natural (o Estado, a Justiça, o casamento, os cuidados que se devem prestar aos pobres e aos doentes), toda a exigência inspirada pelo instinto da vida, numa palavra, tudo o que tem o seu valor por si é desprezado por princípio, tornado contrário ao seu valor pelo parasitismo do sacerdote (ou da “ordem moral universal”); necessita-se de uma sanção, deve encontrar-se um poder que, conferindo-lhe valor, negue nele a natureza, criando por esse fato um valor...⁵⁸

Assim como falsearam o valor do mundo exterior com sua inversão de olhar, os sacerdotes também tiveram que olhar pra si mesmos, para o povo que representam e lhe

⁵⁷ PIXLEY, Op. Cit. p. 106.

⁵⁸ AC, XXVI, p. 61.

conferir um novo valor. Toda sua antiga história de glórias e poder foi falseada em obediência ou desobediência a Deus e foi necessário reescrever toda sua história.

Nas mãos dos sacerdotes judeus a grande época da história de Israel converteu-se numa época de decadência; a Diáspora, a longa calamidade, transformou-se num castigo eterno pela grande época – pela época que o sacerdote ainda não tinha poder algum. Transformaram, conforme as necessidades, as figuras poderosas e heróicas totalmente livres da história de Israel em beatos e hipócritas miseráveis, ou então “ímpios”; simplificaram a psicologia de todos os grandes acontecimentos na fórmula idiota de “obediência ou desobediência a Deus”. Mais ainda: a “vontade de Deus” (isto é, as condições de conservação do poder dos sacerdotes) deve ser conhecida; para alcançar tal objetivo, é necessária uma “revelação”. Dito de outra forma: na necessidade de uma grande falsificação literária, descobrem-se umas “sagradas escrituras” – tornam-se públicas com grande pompa hierática, com jejuns e lamentações por causa do longo estado de “pecado”. A “vontade de Deus” já estava há muito tempo determinada: o mal fora terem-se afastado da “sagrada escritura”... Já a Moisés havia sido revelada a “vontade de Deus”.⁵⁹

A figura do Sumo Sacerdote, por causa de seu zelo pela Lei e pela integridade do povo é agora o centro do poder deste povo, é ele quem recebe agora a unção com óleo (“o ungido”, “o messias”), outrora praticados sobre o rei para lhe comunicar o “Espírito do Senhor”. É o corpo sacerdotal que os conquistadores encontrarão como representantes da organização do povo judeu. Com essa nova forma de organização o povo judeu escapou de desaparecer quando conquistado e permaneceu enquanto “povo eleito”. “Ser judeu deixou de significar pertença ao povo de Israel para converter-se em pertença a uma comunidade que vive de acordo com as leis e costumes dados por Deus a Moisés”.⁶⁰ O sacerdote zela pela Lei e todo desobedecer transforma-se em pecado, a culpa é o mais perigoso e fatal artifício da interpretação religiosa. Deus lá do alto está contabilizando toda culpa, e virá cobrar. O tormento do não cumprimento da Lei não pode ser superado. O pecado é uma ofensa a Deus, assim todo ato deve ser examinado em vista de suas conseqüências sobrenaturais e não daquelas naturais, já que o que é natural é a indignidade em si.

É no meio deste povo, que inventou o pecado e que sofre por ser pecador, que aparece Jesus, aquele que vem tirar o pecado do mundo.

A insurreição da qual Jesus passou, *erroneamente* talvez, por ser o promotor... Era uma insurreição contra “os bons e os justos”, contra os “santos de Israel”, contra a hierarquia da sociedade; não contra a corrupção da sociedade, mas contra a casta, o privilégio, a ordem, a fórmula; foi a descrença nos “homens

⁵⁹ AC, XXVI, p. 60, 61.

⁶⁰ *Ibidem*, 134.

superiores”, um não pronunciado contra tudo o que era sacerdote e teólogo; mas a hierarquia que desse modo era posta em causa, ainda que momentaneamente, era a jangada em que ainda se sustentava o povo judaico no meio “da água” – a última possibilidade de sobreviver, dificilmente adquirida, o último resíduo da sua existência política autônoma;⁶¹

Jesus, de acordo com Nietzsche, será um opositor do ideário sacerdotal e da necessidade de mediação entre o homem e Deus. Só não percebeu que lutar contra a hierarquia estabelecida era lutar contra a possibilidade deste povo continuar existindo. Entre este homem *Jesus* e a religião nascida de seus seguidores, existem muitas diferenças. Se Jesus se opõe ao judaísmo, o judaísmo vence Jesus.⁶²

Os cristãos, movimento surgido da revolta de Jesus o nazareno, conseguiram se infiltrar no Império Romano e de lá produzir uma inversão dos valores daquela cultura, a ponto de os valores pregados por eles conseguirem se impor aos valores da cultura romana. Na visão de Nietzsche, a Judéia venceu Roma.⁶³ Os valores dos escravos triunfam sobre os valores dos nobres.

b) O papel de Jesus

O cristianismo desenvolveu-se num terreno como este, completamente *falso*, onde toda a natureza, todo o valor natural, toda a *realidade* tinham contra si os mais profundos instintos da classe governante, uma forma de hostilidade de morte contra a realidade, que desde então não foi ultrapassada. O “povo eleito” que em tudo adotara valores sacerdotais, palavras sacerdotais, e que havia considerado, com uma lógica assustadora, como “ímpio”, como “mundo”, como “pecado”, tudo o que ainda estava no poder sobre a Terra – esse povo criou, como instinto próprio uma última fórmula que era conseqüente até à negação de si mesmo; até negou, no *cristianismo*, a última forma de realidade, o “povo sagrado”, o “povo dos eleitos”, a própria realidade *judaica*.⁶⁴

O povo judeu, para persistir na existência teve que tornar indigno tudo aquilo que se afirma de modo natural. Para não ser eliminado, o povo vencido faz da falsificação da realidade sua principal estratégia na tentativa de se impor contra o outro. Um engenhoso estado teocrático foi erguido entre o povo hebreu e seu Deus movido por um mecanismo de

⁶¹ AC, XXVII, p. 62.

⁶² Cf. VALADIER, P. *Nietzsche Y La Critica Del Cristianismo*, p. 291.

⁶³ Cf. GM, I, 16. p. 44.

⁶⁴ AC, XXVII, p.61, 62.

salvação. O fato de a casta mais elevada ser a casta sacerdotal, leva a uma valoração da vida em relação a uma existência inteiramente outra, envenenando e questionando nossa confiança na vida. Com grande habilidade conspiraram contra os bem logrados e vitoriosos a favor dos sofredores. Assim inventam o pecado e a cólera de Deus contra os pecadores.

“Um Jesus Cristo era possível somente numa paisagem judia – quero dizer, numa em que pairasse continuamente a sombria e sublime nuvem da ira de Jeová”.⁶⁵ O lugar da sua mensagem é o da crença em um Deus temível, de uma grande separação entre Deus e o homem. Daí sua aparição sob o signo de salvador, redentor. Mas, fazer de Jesus um salvador, conforme nos revela Nietzsche,⁶⁶ é uma grande desfiguração do *tipo Jesus*. O filósofo não consegue adequá-lo nem no tipo salvador, nem moralista, nem gênio, nem herói. Para Nietzsche o tipo Salvador foi enriquecido com traços que não podem ser interpretados, para fins de propaganda, também tornando-o mais grosseiro. Os primeiros discípulos é que moldaram este tipo por ser por eles já conhecido e esperado.⁶⁷

Também não consegue adequá-lo ao tipo moralista por não poder contar com a distinção entre *moral de escravos* e *moral de senhores*. Jesus não fixou valores, nem prescreveu um bem e nem um mal. Não se pode dizer que seu combate à “hierarquia da sociedade”, “os santos de Israel” provem de uma perspectiva senhoril dos valores, nem que provenha de uma moral de escravos, visto que “ele próprio é estranho à vingança e a toda sorte de aversão”.⁶⁸

O tipo gênio também não se aplica, pois como afirma Ramos, “apesar de recorrer unicamente à sua interioridade, Jesus tampouco é um “gênio” que tentasse cultivar uma espécie de espírito interno por meio do qual pudesse se converter num reservatório de grandes inspirações ou pensamentos”.⁶⁹ Tampouco se pode considerá-lo como herói, pois como o próprio Nietzsche descreve em seu Anticristo, “se há algo que não é evangélico é a idéia de herói. Precisamente o contrário de toda luta, de toda disposição belicosa, converteu-se ali em instinto”.⁷⁰

⁶⁵ GC, 137. p. 154.

⁶⁶ Cf. AC, XXXI, p. 65.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ BARROS, F. M. Op. Cit. p.60.

⁶⁹ Ibidem, p. 61, 62.

⁷⁰ AC, XXIX, p. 63.

De acordo com Nietzsche, Jesus era apenas um idiota⁷¹, vivia apenas em unidade consigo mesmo, uma “mescla do sublime, do doentio e do infantil”.⁷² A sua “*Boa Nova*” consiste em uma fé que “não se irrita, não acusa, não se defende; não usa “espada”;... vive e recusa as fórmulas”.⁷³ Em toda sua doutrina “falta a noção de culpa e de castigo, assim como a idéia de recompensa. O “pecado”, toda a relação de distancia entre Deus e o homem, fica suprimido – *essa é precisamente a boa-nova.*”⁷⁴ Em sua mensagem o “Reino de Deus” é um *estado do coração* que já está presente, está em toda parte e em lugar nenhum. A bem-aventurança não é uma promessa, ela se oferece a que se disponha a dizer sim a vida presente, a única realidade que existe.⁷⁵ E justamente essa bem-aventurança que se equivale ao sentimento de filiação divina, um sentimento que anula toda a distancia entre Deus e o homem. E mais ainda, segundo Valadier⁷⁶, pressupõe o esquecimento de si, a desapareção do indivíduo⁷⁷, pois quando se ama se é um só com o outro. Essa prática foi a sua vida e também a sua morte, pois o que ela nega é justamente a dogmática judaica de “pecado”, “arrependimento”, “fé”, “salvação pela fé”, o que se ensina é uma vida nova e não uma nova fé.⁷⁸ Se o que distingue o cristão é o seu modo de agir acerta Nietzsche ao dizer – “no fundo só existiu um cristão, e esse morreu na cruz”.⁷⁹

Sobre sua morte na cruz, afirma Nietzsche que foi pelos seus pecados, e não como pretenderam mostrar, pelos pecados dos outros. Ao se insurgir contra a ordem estabelecida, contra “os bons e os justos” de Israel, com sua prática negadora de toda dogmática judaica, o cristianismo de Jesus é completamente nihilista para aquele povo. Revela uma descrença nos “homens superiores”, um não pronunciado contra tudo o que era sacerdote e teólogo – colocar-se dessa maneira no mundo judaico é ruir com a última possibilidade de

⁷¹ FF, 14 (38). P. 204.

⁷² AC, XXXI, p. 66.

⁷³ AC, XXXII, p. 67.

⁷⁴ AC, XXXIII, p. 68.

⁷⁵ Cf. VALADIER, Op. Cit. p. 390.

⁷⁶ Ibidem, 391.

⁷⁷ A boa nova de Jesus é o contrário do que o cristianismo absorveu dela. O combate que se dá à importância da pessoa, ao indivíduo, na forma de ausência de acusação contra a realidade e o sentimento de amizade universal revelada na relação filial com a totalidade, faz nascer o sentimento de eternidade, não uma eternidade prometida, mas aí, dentro de vós. O que o cristianismo fez depois foi exagerar na importância do indivíduo até à enfermidade: O homem como centro do universo.

⁷⁸ Cf. AC, XXXIII, p. 69.

⁷⁹ AC, XXXIX, p. 73.

sobrevivência deste povo, seu modo de existir politicamente autônomo. Tal posicionamento faz de Jesus um criminoso político e justifica sua crucificação.⁸⁰

c) A invenção do cristianismo

Se a morte de Jesus foi o coroamento de sua prática de vida – não lutar, não se defender, amar até aqueles que lhe faz sofrer – essa morte não foi assim interpretada pelos seus discípulos. Uma realidade brutal e insensata, resultado de uma condenação judicial, na expiação cruel e ignóbil, a morte na cruz que geralmente estava reservada à canalha. Seus discípulos, homens de ressentimento que eram (sentimento coerente com o judaísmo do qual faziam parte), rapidamente procuraram encontrar uma explicação, um culpado para tal acontecimento, estavam longe de poder perdoar essa morte.

Aqui o ressentimento se mostra como impossibilidade de aceitar a crueldade dos acontecimentos, ainda na busca de um sentido para este fato, mas exatamente na busca de um culpado por tal fato. E ainda mais fundo e ferido: Poderia ter sido esta morte a refutação da sua causa? De acordo com Valadier, o ressentimento forma um círculo impulsionado por um sujeito que se desvaloriza a seus próprios olhos.⁸¹ Incapaz de perdoar, o ressentimento busca razões para encontrar um culpado.

É evidente que a pequena comunidade não havia compreendido o essencial, o exemplo dado por essa morte, a liberdade, a superioridade sobre toda idéia de ressentimento: isto prova quão pouco o compreendiam! Com a sua morte, Jesus não podia querer outra coisa senão dar publicamente a prova mais firme, a demonstração da sua doutrina... Mas os seus discípulos não podiam perdoar essa morte... O sentimento menos evangélico, a vingança, foi precisamente o que se sobrepôs de novo a tudo.⁸²

O ressentimento, como descrito na Genealogia da Moral, se dá nos “seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtém reparação”.⁸³ Assim vão criar uma interpretação na qual triunfará a justiça do fraco e que destruirá a “falsa” superioridade do forte. O ressentimento se faz criador operando a

⁸⁰ Cf. AC, XXVII, p. 62.

⁸¹ Cf. VALADIER, Op. Cit. p. 293.

⁸² AC, XL, p. 75.

⁸³ GM, I, 10. p. 29.

reação como saída, já que a ação é impossível: cria uma interpretação que troca o sentido dos fatos, por não poder trocar os fatos mesmos.⁸⁴

Ao identificar o culpado com “o judaísmo reinante, a sua classe dirigente”,⁸⁵ interpreta o “reino de Deus” como vingança para com os culpados. Jesus sucumbiu vítima do poder da classe dominante, um sublevado contra a ordem estabelecida, a vingança toma o “reino de Deus” que deixa de ser a vida presente para se tornar a promessa do “juízo”, um estado final onde serão julgados os poderosos e restabelecida a justa relação das coisas, onde os fracos serão recompensados pelo caráter decisivo deste reino.

“A sua vingança consistia em elevar Jesus exageradamente, em separá-lo deles, como noutra tempo os judeus por ódio aos seus inimigos, se haviam separado do seu Deus para o elevar às alturas. Este Deus *único*, e este filho *único* de Deus, ambos são produtos do *ressentimento*”.⁸⁶

O evangelho termina, nessa interpretação ressentida, se convertendo no oposto do que Jesus viveu e ensinou.⁸⁷ O sacrifício do inocente pela falta dos pecadores, a morte como sacrifício, a ressurreição como idéia de salvação, a imortalidade pessoal como recompensa!... Entra em cena Paulo, o judeu obcecado pela lei⁸⁸, herdeiro daquele *odium generis humanis*⁸⁹, que irá tratar o problema da morte de Jesus transformando-o no destruidor da lei. “Nunca Deus teria decidido a morte do Cristo se o cumprimento da Lei fosse possível sem essa morte... agora a Lei morreu, agora o desejo carnal em que ela habitava morreu”.⁹⁰ Para suprimir a lei, Paulo necessitava mais dessa morte que da prática de vida de Jesus, e assim sua dialética e sua retórica salvam o cristianismo de ser apenas um movimento de sectários judeus, dando-lhe alcance universal e por isso Nietzsche lhe concebe o título de inventor da cristandade.⁹¹ “É preciso registrar isso: ele [Jesus] é um idiota em meio a um povo muito inteligente... Só que seus discípulos não o eram – Paulo não era de maneira nenhuma um idiota! Disso depende a história do cristianismo”.⁹²

⁸⁴ Cf. VALADIER, Op. Cit. p. 294.

⁸⁵ AC, XL. p. 75.

⁸⁶ AC, XL. p. 76.

⁸⁷ Se Jesus ensinou a viver a eternidade, trazendo-a dentro de si e esquecendo-se do indivíduo, o cristianismo quer a imortalidade do indivíduo pela eternidade.

⁸⁸ Cf. A, 68. p. 53-55.

⁸⁹ Cf. A, 63. p. 51.

⁹⁰ A, 68. p. 55.

⁹¹ Cf. A, 68. p. 55.

⁹² FF, 14 (38). P. 205.

Com a fórmula “Deus na cruz” o instinto sacerdotal judeu comete outra vez um crime contra a história –

Suprimiu pura e simplesmente o ontem e o anteontem do cristianismo, criou para seu uso uma história do cristianismo primitivo. Mais ainda: Paulo falsificou de novo a história de Israel, para a apresentar como a pré-história dos seus atos: todos os profetas anunciaram o seu “salvador”... A igreja por sua vez falseou mais tarde a história da humanidade, para a tornar a pré-história do cristianismo...⁹³

Essa fórmula é a própria transvalorização dos valores antigos. Ela troca o eixo da vida para o depois da vida, mudando todo o centro de gravidade da existência. Servindo-se de idéias, símbolos e doutrinas, para tiranizar multidões e formar rebanhos, traz de volta o sacerdote ao poder. Colocar o centro de gravidade da vida não na vida, mas no além é colocá-lo no *nada!* A alma imortal que faz de todos *iguais*, que dá a salvação a *qualquer um*, é uma lastimável bajulação da vaidade pessoal – “por esse meio atraiu tudo quanto estava falido, instintos sediciosos, mal equilibrados, aqueles sucumbidos pelo mal e a escória da humanidade. A ”salvação da alma”, ou por outras palavras, *o mundo gravita ao meu redor*”.⁹⁴ Com isso se fez guerra contra tudo que é nobre, alegre, magnânimo sobre a Terra. Este cristianismo inventado é a negação do cristianismo vivido por Jesus e também é niilista, pois não está neste mundo o sentido e sim no além... No *nada!*

“Isto foi a sua entrada de Damasco: compreendeu que havia *necessidade da fé* na imortalidade para desprezar o “mundo”, que a idéia do “inferno” podia tornar-se senhora de Roma, que com o “mais além” *se mata a vida*. Nihilista e cristão: ambas as coisas concordam, e não só concordam...”⁹⁵

3- Modernidade e valores cristãos

A modernidade pode-se dizer que inicia com o empreendimento cartesiano de fundamentar um ponto seguro para o conhecimento. A dúvida metódica, a empiria, o ceticismo marcam a época em que os deuses fugiram. O homem se coloca no centro do processo universal e a razão se converte na forma de acesso à totalidade do mundo. O Estado vem para substituir os povos, eliminando as hierarquias aristocráticas, substituindo-

⁹³ AC, XLII. p. 77.

⁹⁴ AC, XLIII. p. 78.

⁹⁵ AC, LVIII. P. 103.

a pelo nivelamento expresso na vontade de igualdade. E a ciência no combate aos dogmas da fé rompe com os antigos fundamentos tradicionais, deixando uma sensação de incômodo, o niilismo que bate à porta.

O cogito cartesiano dará as bases para a construção de edifícios dogmáticos valendo-se da superstição da alma, do sujeito e do eu. O empirismo, com a certeza da percepção simples, indica que o conhecimento pode “arrancar-se pelos cabelos do pântano do nada em direção à existência”.⁹⁶ O desenvolvimento e aperfeiçoamento do ceticismo se convertem num dogmatismo desencorajado. “O cético persevera na denúncia de que o dogmatismo jamais atingiu a verdade, de que a verdade é inatingível; mas, resignado a essa inacessibilidade, o cético não realizou a crítica do valor da verdade – ele permanece aferrado a ela como valor”.⁹⁷

Essa ruptura que o pensamento moderno começa a ensaiar com a tradição ocidental é o que Nietzsche chamará de alienação do homem moderno, “vivemos demasiado no meio, chegamos demasiado tarde para a fé e ainda demasiado cedo para o saber”.⁹⁸ Esse saber que quer fundamentar-se necessita destruir os fundamentos da fé, que tradicionalmente fundamentou as ações e pensamentos do homem. O niilismo se impõe como a característica mais universal da modernidade. A queda dos fundamentos é conseqüência dessa radicalização da necessidade de um fundamento seguro. Em *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche vai demonstrar como até mesmo os fundamentos seguros que inauguraram a modernidade não se sustentam, são produtos da gramática e de determinada forma de pensar, sem realidade para além da linguagem. O niilismo se propaga como a doença do século.

O cristianismo que fundamentou toda avaliação da cultura européia, que definiu seu horizonte de sentido, sua orientação existencial e o critério supremo de valor, caminha para sua dissolução e perda de eficácia frente à ciência e a filosofia moderna que lhe esvazia a autoridade.⁹⁹

⁹⁶ BM, 21, p. 27.

⁹⁷ GIACÓIA JR, Oswaldo. *Nietzsche e para além de bem e mal*, p. 12.

⁹⁸ FERREIRA, M. C. *Hegel e Nietzsche, hermenêuticas da modernidade*. In: Friedrich Nietzsche: Cem anos após o projeto “Vontade de Poder – Transmutação de todos os valores”, Antonio Marques org., Lisboa: Ed. Veja, S/D, p. 118.

⁹⁹ Cf. FERREIRA, M. C. Op. Cit. p. 121.

a) A filosofia moderna

Para nosso autor, o cristianismo já havia sido atingido em seu poder de avaliação do mundo antes. O renascimento das culturas clássicas foi a “tentativa empreendida com todos os meios, com todos os instintos, com todo o gênio, para dar vitória aos valores contrários, aos valores nobres... introduzir esses valores nos instintos, nas necessidades e nos desejos mais baixos daqueles que estavam no poder...”¹⁰⁰ A Renascença foi um ataque frontal ao cristianismo por colocar em Roma, bem no seio da cristandade, a beleza requintada, resplandecente, o triunfo da vida, substituindo o cristianismo pela vida, “o grande sim com respeito a todas as coisas elevadas, belas e audazes!”¹⁰¹ Nietzsche acredita que isso teria suprimido o cristianismo, mas que Lutero restabeleceu a igreja.

“Esse frade sobrecarregado com todos os instintos de vingança de um sacerdote... o seu ódio soube tirar daí seu próprio alimento”.¹⁰²

A reforma de Lutero fez do renascimento uma “primavera precoce, quase apagada pela neve novamente”.¹⁰³ Lutero trás de volta à vida o espírito judaico de vingança que sempre existiu no cristianismo, mas se encontrava latente sob a influência do catolicismo medieval. Neste período que a arte e a ciência voltam a florescer, o protestantismo vem lhe opor a fé, a salvação pela fé, a salvação prometida no além, por toda eternidade... No nada! “Não duvidemos do que realmente acontece: a vontade do fim, a vontade niilista, aspira ao poder...”¹⁰⁴

Entre os alemães é fácil compreender-me quando digo que a filosofia está corrompida pelo sangue teológico. O pastor protestante é o avô da filosofia alemã, e o próprio protestantismo, o seu *peccatum originale*. Definição do protestantismo: hemiplegia do cristianismo – e da razão... Basta pronunciar o nome Tübingen Stift para entender o que é no fundo a filosofia alemã: uma teologia *fraudulenta*.¹⁰⁵

A necessidade da fé faz o homem não ver certas coisas, não ser independente e ter em toda parte um olhar severo e necessário: necessita da moral para se fazer valer. Num

¹⁰⁰ AC, LXI. p. 105.

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ HDH, I, 26, p. 34.

¹⁰⁴ AC, IX. p. 43.

¹⁰⁵ AC, X. p. 44.

tempo onde os construtos dogmáticos da religião andavam em baixa como na modernidade¹⁰⁶, fez-se necessário o aparecimento de Kant para trazer o antigo ideal de volta. A noção moral como essência do mundo. Ao ter de suprimir a razão para dar lugar à fé, o “mundo verdadeiro” se torna indemonstrável, mas pelo menos, impossível de refutar. A realidade continua sendo uma aparência, fazendo a essência apresentar-se como a realidade.¹⁰⁷ O idealismo pós-kantiano aprofundará a destruição das evidências e certezas do senso comum por parte da especulação em torno do Absoluto acabando por negar a realidade das coisas, chegando ao niilismo que significará a destruição filosófica de qualquer pressuposto como pressuposto metodológico do qual até mesmo Hegel será defensor.¹⁰⁸

A tentativa filosófica de fundamentar a moral termina com a submissão a uma determinada espécie de moral, a saber, a moral vigente. No sentimento da compaixão que Schopenhauer acredita encontrar o fundamento único da moral, verifica-se que este “*ateu intransigente*”¹⁰⁹ acaba por consagrar a moral cristã como o mais refinado sentimento moral.

A necessidade metafísica de submeter o todo a um princípio único de explicação, levará Schopenhauer a submeter o todo unicamente à vontade, e ao perceber que vontade é sempre violentação, irá perceber que a única maneira de romper com essa violentação é o tomar consciência desta violentação e eleger, no plano da ética, que ela se renegue a si mesma como violentação. Porque, se ela não se negar a si mesma, reproduzirá os horrores e mazelas de uma vontade que nunca se satisfaz. A negação da vontade é encarada como negação da vida, razão pela qual Nietzsche irá considerá-lo hostil à vida.

Uma a uma, Nietzsche consegue perceber que toda tentativa de ruptura moderna com a tradição ocidental termina por consagrar uma versão secularizada do cristianismo, por não colocar o essencial como problema, os valores mais venerados pela moralidade. Eis a tarefa do filósofo do futuro.

“Nietzsche pretende por em evidência que as “idéias modernas” – e os valores nelas sacralizados – são derivações leigas da religião e da moral cristã, especialmente a moderna noção de

¹⁰⁶ Podemos perceber esse contraste de visões na modernidade com a citação do autor ao falar de Kant como contemporâneo de Goethe, AC, XI. p.45, a diversidade de espíritos numa mesma época.

¹⁰⁷ Cf. AC, X. p. 44.

¹⁰⁸ Cf. VOLPI, Franco, *O Nihilismo*, p. 18-25.

¹⁰⁹ Cf. GIACÓIA. Op Cit. p. 45.

justiça como igualdade democrática, admitida unanimemente como padrão absoluto de legitimação”.¹¹⁰

Assim ele irá se considerar uma fatalidade e um destino¹¹¹ já que a empreitada de questionar o valor destes valores foi exposta pela primeira vez por sua pena.

b) Movimentos revolucionários

Outra característica da modernidade é o Estado, que aqui se quer separado da religião. O Estado moderno não tem sua origem na religião e nem é a religião que ordena sua finalidade. Mas ele necessita da religião para garantir a idéia de uma identidade entre governo e providência divina, uma vez que a religião pode constituir um apoio extrínseco ao promover as virtudes morais de docilidade e de resignação entre os cidadãos.¹¹² A democracia como forma política de organização destes estados se funda na interpretação da igualdade entre os homens, e irá trazer uma significativa mudança nas formas do poder político que não mais se organizarão no jogo de forças sociais e econômicas para se transformar em *instrumento da vontade popular*.

Para Nietzsche, o projeto político da modernidade, sob a forma da extensão planetária da igualdade democrática como *única* maneira de legitimação ético-política, constitui não apenas um modo decadente da organização social, mas, mais profundamente, um modo de rebaixamento e mediocrização da humanidade, de autodiminuição de valor do homem.¹¹³

O que se pretende com essa igualdade e mediocrização é a construção de grandes rebanhos humanos. Se Nietzsche mede as formas de avaliação da existência em moral nobre e moral de escravos, a relação de senhor e escravo não se mede pelo antagonismo de classes sociais, mas provem de uma atitude fundamental ante o todo da vida, que aparece também nas relações sociais. Descartar os conceitos de senhores e escravos, entendidos como aqui os descrevemos, constituem os pontos comuns entre anarquistas, democratas e socialistas.

¹¹⁰ GIACÓIA. Op. Cit. p. 47.

¹¹¹ Cf. EH, Porque sou um destino. p. 109.

¹¹² Cf. VALADIER. Op. Cit. p.165.

¹¹³ GIACÓIA. Op. Cit. p. 49.

A “igualdade das almas perante Deus”, essa falsidade, esse pretexto para os mais baixos rancores de todos os espíritos inferiores, idéia-explosivo que acabou por se transformar em Revolução, idéia moderna, princípio de degenerescência de toda ordem social – é a dinamite cristã...¹¹⁴

A Revolução Francesa e outros movimentos revolucionários da modernidade serão encarados pelo nosso autor como mais uma manifestação dos valores cristãos, provenientes da crença na igualdade de todos os homens devido à filiação divina e à *imortalidade da alma*. Um levante dos fracos e infelizes contra os detentores do poder.

Segundo Valadier¹¹⁵, a doutrina da imortalidade da alma estabelece um corte entre um elemento essencial (a alma) e um elemento não essencial (o imenso não-eu). A alma tem sua verdadeira morada em outro lugar que não aqui e sua presença aqui não modifica sua essência. Por esse mesmo fato as relações históricas e as instituições humanas são marginalizadas como coisas exteriores à vida da alma. A história acontece na vertente do não essencial e não é compreendida como obra da alma.

Ao desvalorizar a história e sua condição, essa doutrina permite ao indivíduo *atribuir-se uma importância insensata*. Distinto das instituições sociais e da história a salvação da alma individual não tem nada a ver com a duração da humanidade.¹¹⁶ Essa idéia da igualdade expressa para Nietzsche a vontade de fim, pois ela expressa um cansaço de todas as lutas, e se a vida é um combate constante, suprimir a luta é suprimir a vida.

A democracia constitui a forma política e social do individualismo moderno. A revolta dos escravos tende aqui à supressão da oposição senhores e escravos, reduzindo e extinguindo toda espécie de hierarquia e de superioridade de qualquer forma que ela se apresente. Também encontramos esse ressentimento à hierarquia nas doutrinas socialistas e anarquistas correntes no século XIX.

O anarquismo, tanto no modo de ação como em suas justificações, remete sempre à lei e ao espírito de vingança. Também é um fruto tardio do cristianismo, posto que a impaciência ante a ação e o caráter confuso e puramente reivindicativo do protesto testemunha uma vontade niilista. Como o cristão, o anarquista é um insatisfeito que ignora a causa de sua insatisfação; reage a partir do ressentimento do qual desconhece a origem.

¹¹⁴ AC, LXII, p. 107.

¹¹⁵ VALADIER. Op. Cit. p. 152, 153.

¹¹⁶ Idem.

Por isso, busca um responsável pelo seu sofrimento e o encontra na sociedade. Incapaz de sentir-se confiante em sua força, o anarquista tende a rebaixar a sociedade a seu próprio nível, por isto, não faz outra coisa senão estender sua enfermidade ao conjunto do corpo social. Como ele não quer nada, nada tem valor: este é o seu lema e o princípio de sua ação reativa. Incapaz de sair do círculo do seu próprio ressentimento tende a incorporá-lo todo nesse círculo. Tal qual o sacerdote, o anarquista faz do seu ressentimento, a avaliação dominante, sua doutrina se funda no mesmo ódio e ressentimento contra a realidade.¹¹⁷

“Se a fé nos “direitos da maioria” promove e promoverá revoluções, é o cristianismo, não duvidemos, são as apreciações cristãs que transformam toda a revolução em sangue e em crime! O cristianismo é uma insurreição de tudo o que rasteja contra tudo quanto está elevado: o evangelho dos pequenos torna-se ainda menor...”¹¹⁸

O socialismo também prolonga a enfermidade cristã na modernidade. Um movimento decadente que visa à inversão das forças em relação num determinado organismo. Ao denunciar as condições de trabalho e a dominação dos operários, não se tem em vista criar algo diferente, mas apenas inverter essa organização, onde os oprimidos passem a comandá-la. Uma conseqüência da megalomania do indivíduo criada pelo cristianismo, devido à imortalidade da alma, que pressupõe a possibilidade de se colocar acima da história para julgá-la e condená-la.¹¹⁹

Nietzsche atacará o socialismo em relação aos seus meios e a seus fins. Em relação a seus meios por ser o ressentimento que gera esse movimento, um ressentimento que culpa os poderosos pela miséria dos infelizes e se vinga ao reclamar para os infelizes o lugar dos poderosos. Já vimos como essa lógica é característica do ressentimento cristão e, para Nietzsche, não seria exagero chamar o socialismo de cristianismo secularizado. Quanto a seu fim, de criar um *Estado perfeito* na Terra, é uma enorme semelhança com o *Reino dos Céus* cristão. A realização de um estado de bem estar permanente corresponde a um estado em que o homem já não tem que querer, e já não pode querer, e que, portanto, já não é mais criador. Tal realização extinguiria a energia que produziria sua realização. A vitória deste ideal seria a vitória do niilismo: a vontade que quer o nada. Se o Estado que os socialistas ambicionam criar, o *Estado Perfeito* fosse realmente alcançado, então seria

¹¹⁷ Cf. VALADIER. Op. Cit. p. 154.

¹¹⁸ AC, XLIII. p. 79.

¹¹⁹ Cf. VALADIER. Op. Cit. p. 145.

destruído por essa boa vida, o solo em que cresce a grande inteligência e, sobretudo, a poderosa individualidade: quer dizer a forte energia. A humanidade ter-se-ia tornado demasiado débil, se esse estado fosse alcançado, para ainda poder produzir o gênio.

c) A ciência

Os valores morais cristãos sobrevivem também nas ciências modernas. Tendo em vista que uma vontade incondicional de verdade constitui o pressuposto fundamental da ciência, essa se revela como sucessora e caudatária da virtude cristã por excelência: a crença no valor absoluto e no parentesco entre a verdade e a divindade. A cientificidade moderna não é a negação, mas a realização do cristianismo. Aqui se busca uma espécie de solução terrestre, porém no mesmo sentido do cristianismo, o do triunfo a verdade, do amor e da justiça.

Essa ciência moderna que, como verdadeira filosofia da realidade, evidentemente crê apenas em si mesma, evidentemente possui a coragem, a vontade de ser ela mesma, e até agora saiu-se bastante bem sem Deus, sem além, e sem virtudes negadoras... a verdade é precisamente o oposto do que se afirma: a ciência hoje não tem absolutamente nenhuma fé em si, e tampouco um ideal acima de si – e onde é ainda paixão, amor, ardor, sofrer, não é o oposto desse ideal ascético, mas antes *a sua forma mais recente e mais nobre*.

¹²⁰

A ciência está banhada de antropomorfismos: concebe o mundo à imagem e semelhança do homem e, por isso, é incapaz de apreendê-lo. Ela conseguiu livrar-se de várias crenças: Deus, o além, a morte, a vida depois da morte, as verdades últimas e definitivas. Mas não escapou de uma delas: a crença na verdade.

Além de renunciar às crenças religiosas, é preciso abandonar a crença na verdade. A busca da ciência é pela única interpretação verdadeira do mundo. Diante dela, tudo deve ser relegado a segundo plano, posto que não existe nada tão necessário quanto à verdade. Ela se esquece que “entre as condições para a vida poderia estar o erro”.¹²¹

¹²⁰ GM, III, 23. p. 136.

¹²¹ GC, 121. p. 145.

“A ciência é hoje um esconderijo para toda espécie de desânimo, descrença, remorso, desprezo de si, má consciência – ela é a inquietude da ausência de ideal, o sofrimento pela falta do grande amor, a insatisfação por uma frugalidade involuntária. Ah, o que não esconde hoje a ciência!”¹²²

O que se está a denunciar aqui é que enquanto os homens de ciência se acreditam livres e contrários ao ideal ascético, eles são o “rebento mais espiritualizado deste ideal... *eles ainda crêem na verdade*”¹²³ precisamente na fé na verdade eles são os mais irredutíveis e firmes. Sem se preocupar com a questão do valor da verdade, nossos homens de ciência se põem ao sacrifício do trabalho científico, o ascetismo da virtude, e negam a sensualidade por que crêem no *valor em si* da verdade.

A moderna consciência científica já não deve poder mais acreditar numa teleologia da natureza, num sentido providencial para a história, numa significação ética da existência, em nada que escape à autodeterminação da vontade... Ou o homem moderno assume o ônus de determinar-se, enquanto homem, ou terá que renunciar à sua autonomia e ser determinado por outrem, pelos deuses ou pelos outros homens. Nos termos de Zaratustra: comandado deve ser aquele que não é capaz de obedecer a si próprio.¹²⁴

O grande problema da ciência e do ideal de verdade é um problema de linguagem. “A ciência requer um ideal de valor, um poder criador de valores, a cujo *serviço* ela possa acreditar em si mesma – ela mesma jamais cria valores”.¹²⁵ Contra o ideal de verdade, Nietzsche irá propor seu perspectivismo que sabe que não existe nenhum texto, somente interpretação. Ao questionar o valor da verdade, a pergunta: quem (ou o que em nós) prefere a verdade à ilusão? Revela a origem da vontade de verdade. A verdade é tida como valor e como instância de avaliação ela não pode ser absoluta.

“A “*razão*” na linguagem: oh, que velha e enganadora senhora! Receio que não nos livraremos de Deus, pois ainda cremos na gramática...”¹²⁶

A ciência ao acreditar na verdade e não que é apenas uma avaliação, uma interpretação perspectiva de determinada realidade, “pisa no mesmo solo do ideal ascético: as emoções são tornadas frias, o ritmo tornado lento, a dialética no lugar do instinto, a

¹²² GM, III, 23. p. 137.

¹²³ Cf. GM, III, 24. p. 138.

¹²⁴ GIACÓIA. Op. Cit. p. 51.

¹²⁵ GM, III, 25. p. 141.

¹²⁶ CI, III, 5. p. 28.

seriedade impressa nos rostos e nos gestos...”¹²⁷ e se faz dogmática como toda verdade que Nietzsche não se cansa de martelar para mostrar-lhes seus pés de barro.

Com a morte de Deus, o fim da metafísica, a perda de fundamentos e da verdade absoluta, abre-se diante de nós uma multiplicidade tão grande que a imensidade do devir obriga-nos ao esquecimento para conferir nova ingenuidade no olhar. “Esta é a época em que é preciso aprender a esquecer para que tudo retorne como novo, mas para isso é preciso ter medido a profundidade da quebra dos fundamentos, i.é., os que se apresentam como verdadeiros”.¹²⁸

Podemos assegurar assim que mesmo se querendo uma ruptura com o pensamento tradicional do ocidente, a modernidade não foi tão radical nessa ruptura. Mesmo aparentando uma virada, o fez apenas superficialmente, e essa virada resultou no niilismo que Nietzsche diagnostica como a doença do século. Os antigos fundamentos foram substituídos por construções tão dogmáticas quanto aquela que deveriam substituir o que deixa a sensação de falta de fundamentos, como se nenhuma outra interpretação fosse possível. Nietzsche ao radicalizar sua suspeita quanto a esses fundamentos percebe que somente uma virada no modo de avaliar a vida seria realmente eficaz e poderia salvar a modernidade da passividade do tudo é vão, que cresce a medida que desmoronam os novos fundamentos modernos. Sua proposta de transvaloração de todos os valores se apresenta como uma saída para que este niilismo, que insiste em rondar à porta, seja superado numa atitude de afirmação da vida em toda sua plenitude e desgraça. Uma afirmação de toda realidade trágica, um dizer sim à vida. De novo!

¹²⁷ GM, III, 25. p. 141.

¹²⁸ MIRANDA, J. A. Bragança de. *Nietzsche e a modernidade: Considerações em torno da II Intempestiva*. In : Friedrich Nietzsche: Cem anos após o projeto “Vontade de Poder – Transmutação de todos os valores”, Antonio Marques org., Lisboa: Ed. Veja, S/D, p. 187.

CONCLUSÃO

O niilismo, considerado a doença do século XIX, é uma consequência da falta de fundamentação segura dos valores ditos “superiores”, que nortearam a interpretação da existência do homem na cultura ocidental. Se os “valores superiores” foram criados para dar um sentido à existência e ao sofrimento, uma vez que sofrer é o preço de existir, a falência destes valores leva à crença da impossibilidade de qualquer valor e que toda avaliação é vã.

Nietzsche busca a origem deste fenômeno, não onde ele é perceptível, no século XIX, mas na *qualidade do querer* que instaura estes valores. Que tipo de avaliação é essa que necessita de uma segurança permanente, eterna e imutável para controlar o caótico devir que nos apresenta a natureza, o mundo, a existência, a vida? Não se revelaria aí uma vontade cansada de tanto vir a ser sem sentido, criando e aniquilando povos, interpretações, esperanças, valores, heróis, virtudes e deuses? É essa avaliação cansada de todo vir a ser (movimento, disputa, máscaras, mudanças, a própria realidade) que cria a *vontade de verdade* que quer encontrar um ponto fixo, capaz de falsificar a realidade conferindo-lhe unidade, finalidade e imutabilidade. A “Verdade”, o supremo valor que, por não ter lugar nesse mundo, cria para si um “mundo verdadeiro”, seu reino, capaz de dar a este mundo que existe, um *não*, pois ele apenas representa a aparência, o engano, a superfície.

Com isso, o filósofo aponta a origem do niilismo na teoria socrático-platônica, sendo esta compreendida como aquela que estabelece a “verdade divina” e acredita poder, através do “puro espírito”, ter acesso a ela em seu “mundo verdadeiro”. A trajetória do niilismo segue as formas de se relacionar com este “mundo verdadeiro”, até a tomada de consciência de que tudo o que acreditamos como “verdade” era ilusão.

O niilismo, portanto, provém da negação deste mundo – que existe – para afirmar um outro, incognoscível, indemonstrável, mas capaz de garantir sentido e legitimar uma *ordem moral universal*. Quando este outro mundo, o “mundo verdadeiro”, é colocado em

questão, desmonta-se uma interpretação de mundo aceita por milênios, deixando a suspeita de que mais nenhuma interpretação é possível. De acordo com Nietzsche, o niilismo se completa quando o “mundo verdadeiro” é abolido.

Abolir o “mundo verdadeiro” é tirar o lugar dos valores superiores, que sempre foram tomados como dados efetivos e além de qualquer questionamento. Desse modo, entendidos como *mera avaliação*, é possível questionar tais valores quanto à qualidade de seu querer: O que querem estes valores? Que tipo de homem eles querem criar? Pretendem obstruir ou promover o crescimento do homem?

Se o niilismo completo abre a questão do valor desses valores imutáveis, ele se desdobra em duas possibilidades distintas: o niilismo passivo e o niilismo ativo.

No niilismo passivo, o esgotamento do poder do espírito e a aspiração ao nada. No niilismo ativo, a intensificação do poder enquanto força de destruição: aniquilar e ultrapassar o mundo dos valores arruinados. Essas duas formas, encaradas por Nietzsche como o *último homem* e o *super homem*, respectivamente, indicam os grandes afetos que guiarão o espírito na superação do niilismo.

Enquanto niilismo passivo, guiado pelos afetos do desprezo e da compaixão, o homem se encontra sozinho, com a vida depreciada, num mundo sem sentido. Estando esgotado, desiludido, sem força, desprezível, terá perdido toda esperança de elevação da humanidade. O desprezo por tudo o que é forte e elevado encontra suporte no *em vão*, no *nada vale tanto sacrifício e sofrimento*, já que a verdade é algo que não pode ser conhecida e a falta de sentido e finalidade é tudo que o espírito é capaz de reconhecer. A compaixão por tudo o que sofre e se apequena é elevada como virtude suprema, capaz de proporcionar o máximo de brandura, paz, bondade, tanto no pensar como no agir. Produz a degeneração e diminuição do homem, até torná-lo o perfeito animal de rebanho. A mediocrização e rebaixamento de valor, onde o *dizer não* e o *fazer não* são tidos como instintos mais valiosos e fortes que a vontade de afirmar a vida, representa uma impotência para se colocar novamente uma meta, um porquê.

Ao contrário, o niilismo ativo abre espaço para criar novos valores, novas formas de avaliação, onde a vida, enquanto vontade de poder, é o critério de avaliação para a qualidade do querer que expressa esses valores. Guiado pelo afeto da destruição, em que predomina o *não*, mas um não ativo, alcança uma superação: um *sim à vida*, aprofundando

o declínio dos valores que sustentam uma existência esgotada até sua destruição. Esse niilismo ativo que quer destruir caminha para a radicalização do niilismo, o niilismo extremo que vê na falta de sentido e finalidade para o existir a fonte de poder para criar o novo. Esse niilismo extremo é o que Nietzsche chama de O Eterno Retorno.

Com o eterno retorno, o *mundo* é pensado como algo entregue ao jogo infinito do tempo e à sucessão caótica de suas forças na luta por sua afirmação, radicalizando o niilismo como movimento necessário de negação/destruição radical, para, a partir dele, engendrar um novo sentido de criação. A criação de valores capazes de afirmar a vida, ao invés de corrigi-la, quer que ela se repita, eternamente.

Tomando como raiz do niilismo as apreciações valorativas da vida por homens cansados e esgotados dessa mesma vida, Nietzsche tomará o conceito de *décadence* de Paul Bourget, para denunciar, enquanto sintoma de uma vida que degenera, os juízos morais que aviltam e desprezam as ações que os próprios instintos nos compelem a realizar. O mais inequívoco sintoma de *décadence* aparece como vontade obstinada de negação das positivities e valores, aos quais se opõem às forças culturais decadentes, como aquelas que se expressam na metafísica tradicional e na moral cristã.

Entendendo a vida como vontade de poder, uma luta infindável dos instintos por supremacia sobre os outros, Nietzsche percebe que a *décadence* dá margem para que cresçam os instintos contrários àqueles que, até então, gozavam naturalmente de supremacia, resultando na perda da capacidade de organização do todo que já não pode mais ser reunido num conjunto.

Uma *complexa formação de domínio* se constitui como um excesso de força, uma abundância de vontade que cria valores para se conservar e crescer, mas a *décadence* se apresenta como uma inversão e oposição a esses valores afirmando e instituindo a própria negatividade como condição de conservação e crescimento de forças decadentes. Sendo a vida entendida como a luta visceral por mais potência, e desde que isso seja assegurado, os instintos podem até exprimir suas exigências a partir daquilo que representa sua total negação. Assim, torna-se possível que toda configuração de domínio formada a partir do constante embate entre os impulsos seja capaz de expressar tanto o declínio quanto a ascensão vital. Tanto a configuração ascendente, quanto a declinante, expressariam uma hierarquia de relações de poder entre constelações de impulsos que se afrontam e se

hostilizam continuamente, sendo que, no caso da *décadence*, é a perspectiva instintual de autonegação da vida que termina por exercer a primazia e o domínio sobre as demais.

Ao fazer da filosofia uma negação da vida concebendo a oposição corpo/alma, natureza/espírito, e privilegiando um destes pólos em detrimento do outro, Platão introduz o germe do niilismo na filosofia e uma abertura para a *décadence*. Nietzsche enxergará Sócrates e Platão como sintomas de *décadence*¹ por fazer *tarifa da filosofia* o julgar e condenar a vida em relação ao “mundo verdadeiro” e, também, o cristianismo por vulgarizar este “mundo verdadeiro” transformando-o em “Reino de Deus” prometido ao pecador que faz penitência² ao colocar o valor da vida em outro lugar que não nela mesma.

Quando o cristianismo transforma os valores ascéticos em valores absolutos, estes passam a dominar todas as formações e ramificações da cultura, e a partir daí o valor do não-egoísmo, dos instintos de compaixão, abnegação, sacrifício, com base nos quais se diz não à vida e a si mesmo, passam a ser *A Moral*, não se aceitando mais nada além disto como moral.

Gerada pelo ressentimento, que não é capaz de criar, mas apenas inverter as avaliações poderosas, a moral cristã caminha para o niilismo por falsificar toda a natureza e toda a realidade em construções fictícias como: Deus, alma, imortalidade da alma, pecado, salvação, livre arbítrio, remorso, tentação do demônio, juízo final, reino de Deus, vida eterna, entre outras, revelando uma impotência da vontade em suportar essa mesma realidade.

Impotente quanto a essa realidade, a vontade precisa criar um outro mundo, mesmo que não seja nessa vida, que seja no nada, para continuar querendo. Mas o que quer essa vontade? Se vingar dessa mesma realidade que ela falsificou, sendo, portanto, uma vontade hostil à vida. O cristianismo então, compreendido como formação cultural, é interpretado por Nietzsche como uma versão ético-religiosa da vontade de nada. O homem prefere querer o nada a não querer. Dessa forma pode o autor identificar o cristianismo ao niilismo.

Ao rever as raízes de onde nasce o cristianismo, Nietzsche identificará a inversão dos valores, característica da *décadence*, na racionalidade socrática e na doutrina dos dois

¹ Cf. CI, II, 2. p. 18.

² Cf. CI – IV. p. 31, 32.

mundos de Platão. Também na transformação do Deus de Israel nas mãos do sacerdote judeu, que com espantosa lógica modifica toda a história deste povo: de uma relação natural com o mundo e com a vida, para uma ordem moral que falsifica toda realidade, que inverte toda avaliação em termos de obediência ou desobediência à lei de Deus. Uma inversão dos valores que determina o poder de um povo é o preço pago para continuar existindo enquanto povo. Tiveram que fabricar para si próprios “um outro mundo, onde a afirmação da vida fosse considerada o mal, o reprovável em si”.³

A conclusão de Nietzsche, de que os judeus tiveram de representar o papel de decadentes até a perfeita ilusão⁴ para continuar existindo e afirmar-se contra o “mundo”, colocará Jesus como um niilista; aquele que não mais acredita nos “valores superiores”, nos “homens superiores” e promove uma insurreição contra os “santos de Israel”, contra “os bons e os justos”, contra a hierarquia da sociedade. Jesus ao dar seu *não* a tudo o que era sacerdote, coloca em questão toda a hierarquia da sociedade, a própria realidade judaica, sua última possibilidade de sobrevivência.⁵

Quando os discípulos, ressentidos com sua morte, buscam um culpado pra o fato, criam um niilismo ao colocar a “justiça divina” e o “reino de Deus” no nada. Com essa interpretação ressentida reduzem a *boa-nova* de Jesus a nada. Principalmente Paulo, que ao invés de entender o evangelho enquanto a vida de Jesus, se vale é de sua morte para criar uma religião impregnada de valores sacerdotais, tal como tudo que Jesus quis combater. Transferindo o eixo da vida para o depois da vida, o cristianismo coloca seus valores superiores no nada e, portanto, é niilismo.

Com o símbolo Deus na cruz, Paulo opera a grande vingança contra tudo o que é elevado sobre a terra. O símbolo maior de potência que o homem foi capaz de criar: Deus – na cruz: o símbolo para marcar tudo o que é de reprovável, baixo e desprezível na vida; uma união capaz de inverter todos os valores dos poderosos e garantir que somente os fracos são os favoritos de Deus. Essa virada acabou tornando-se a coroa da vingança judaica contra todos os adversários de Israel.

O judaísmo, ao negar e pregar na cruz, como um inimigo mortal, o portador da vitória e da bem-aventurança aos pobres, aos doentes e aos pecadores – para que seus

³ AC, XXIV. p. 58.

⁴ Cf. AC, XXIV. p. 58.

⁵ Cf. AC, XXVII. p. 62.

adversários mordessem a isca – conseguiu fazer do ressentimento e da vingança a base de todos os valores superiores e espalhá-los pelo “mundo inteiro”.⁶ O símbolo “Deus na Cruz” é o golpe mortal da avaliação escrava sobre a avaliação nobre.

A sobrevivência do cristianismo nas idéias modernas – seja na filosofia, nos movimentos revolucionários ou na ciência – mesmo camuflado como uma ruptura para com esses mesmos valores, traz esse hóspede inoportuno, o niilismo, como falta de fundamento para todos os valores superiores. Um niilismo incompleto que busca uma nova fundamentação para ocupar o lugar daquela que se desvalorizou. A “ordem moral universal”, a “igualdade de todos os homens” e a “verdade” são tentativas de fundamentar um mundo sem Deus, sem se perceber que são esses, os mesmos fundamentos do Deus que querem substituir.

Nietzsche se considera o primeiro niilista completo da história por perceber que a falta de fundamentos é o mais real que existe e que insistir em encontrar um sentido e finalidade para a existência leva ao niilismo passivo, ao grande cansaço do *tudo é vão*. A modernidade ao tomar consciência da morte de Deus, se perde no *tudo é vão*, ou pode ser vista como uma aurora de um novo dia: que se abre para novas possibilidades. Por isso o filósofo se sente como um destino, uma fatalidade.

O niilismo cristão é revelado na terceira dissertação da *Genealogia da Moral*⁷ como a apavorante *catástrofe* de uma educação para a verdade que dura dois milênios e termina por proibir *a mentira de crer em Deus*. Ao se completar nos homens mais espirituais dessa época, só é capaz de se desenvolver como niilismo passivo: o pessimismo filosófico percebe que o mundo, como existe, não deveria ser e o mundo, que deveria ser, não existe. Quando Nietzsche denuncia que a *verdade* é um valor moral, pode seguir mais à frente e dizer que a moral cristã aniquila o dogma, e, por fim afirma ser o cristianismo um niilismo, porque levado às últimas conseqüências, se auto-aniquila.

Desta maneira pereceu o cristianismo como *dogma*, por obra de sua própria moral; desta maneira, também o cristianismo *como moral* deve ainda perecer – estamos no limiar deste acontecimento. Depois que a veracidade cristã tirou uma conclusão após outra, tira enfim sua *mais forte conclusão*, aquela *contra si mesma*; mas isso ocorre quando coloca a questão: “*que significa toda vontade de verdade?*”⁸

⁶ Cf. GM, I, 8. p. 27.

⁷ GM, III, 27. p. 147.

⁸ Ibidem, p. 148.

A modernidade enquanto casa que hospeda esse niilismo completo é uma época de desagregação e decadência crescente, mas também época de experimentação, onde o destruir esses valores de negação da vida pode trazer a afirmação desta mesma vida, desde que se esteja disposto a entrar no “sem fim” da existência e começar a senti-lo como a superabundância da realidade. Esta realidade não existe nem “em ordem a”, nem “em função de”, nem “a partir de”. Justifica-se em si e por sua própria riqueza.⁹ Assim a radicalização deste niilismo ativo leva à conclusão de que a existência não pode ser medida por nenhum sentido, nem ordenada a nenhum fim, devendo apenas ser afirmada tal como é. Nesse sentido Nietzsche irá desenvolver a idéia do Eterno Retorno, em contraposição ao cristianismo, para a criação de valores que afirmam a vida.

A sua proposta de transvaloração de todos os valores, convida a afirmar a superabundância da vida e não a possuir a verdade. Visa educar para receber a vida como um presente, para viver em estado de recepção e reconhecimento, impedindo o aprisionamento em crenças e obrigando cada um a situar-se de novo e de forma renovada frente a sua verdade ou a sua própria afirmação da verdade. Um dizer sim absoluto ao “mundo”, precisamente onde antigamente se dizia não: um sim que inclui nele “o mal”, o azar, o incerto, o imprevisto.¹⁰

Ao reconhecer no fenômeno dionisíaco¹¹ “o triunfante Sim à vida, acima da morte e da mudança”¹² o filósofo encontra o antípoda do ideal cristão. Dionísio versus O Crucificado. Com essa fórmula ele pretende conduzir sua transvaloração, pois reconhece em Dionísio – e nisso ele afirma ser o primeiro a compreender – “a vida eterna, o eterno retorno da vida”¹³ presente nos mistérios da sexualidade, onde a vida é abençoada desde a procriação e a dor é santificada: “Para que haja o eterno prazer da criação, para que a vontade de vida afirme eternamente a si própria, tem de haver também eternamente a ‘dor da mulher que pare’...”.¹⁴ A partir da compreensão do dionisíaco, pode Nietzsche assegurar:

⁹ Cf. VALADIER, Paul. *Nietzsche Y La Critica Del Cristianismo*, p. 494.

¹⁰ *Ibidem*. p. 498, 504.

¹¹ Pretendemos, no presente trabalho, apenas apontar a afirmação nietzscheana relativa ao “fenômeno dionisíaco”. Tal afirmação merecerá maior aprofundamento em nossos trabalhos posteriores.

¹² CI, X, 4. p. 105.

¹³ *Idem*.

¹⁴ *Ibidem*. p. 106.

“todo vir-a-ser e crescer, tudo o que garante o futuro implica a dor...”.¹⁵ E expressou todo esse sentimento de vida e força no seu conceito de trágico: “O dizer sim à vida mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos”.¹⁶

Podemos assim distinguir o niilismo contido na idéia de “morte de Deus” na oposição Dionísio versus O Crucificado: “Se Cristo não ressuscitou dos mortos então é vã a nossa fé”¹⁷ - o niilismo passivo, tudo é vão. Já Dionísio morre diversas vezes e renasce revigorado para mostrar que a vida retorna triunfante. A morte de Dionísio não é uma objeção à vida, mas uma afirmação das condições internas da vida: “Dionísio enfrenta a morte com a certeza da superabundância da vida e de seu poder (re) criador”.¹⁸ Dionísio morre para que nele se afirme a vida, pois o martírio, o sofrimento e a morte também fazem parte da vida.

Por isso, Nietzsche, o primeiro a compreender o fenômeno dionisíaco, pode ser o primeiro a querer a transvaloração de todos os valores, o discípulo do deus-filósofo, Dionísio, é o mestre do eterno retorno.¹⁹

Devemos nos despedir da vida
como Ulisses de Nausícaa –
bendizendo mais que amando.
(Além do Bem e do Mal, 96)

¹⁵ Idem.

¹⁶ CI, X, 5. p. 106.

¹⁷ AC, XLI. p. 77.

¹⁸ Cf. VALADIER, Paul. Op. Cit. p. 535.

¹⁹ Cf. CI, X, 5. p. 107.

BIBLIOGRAFIA

A) Fontes principais:

- NIETZSCHE, F. W. Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro, trad.: Paulo César de Souza, 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. Genealogia da moral: uma polêmica, tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. Crepúsculo dos ídolos, tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. O anticristo, tradução Pietro Nasseti, São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- _____. Fragmentos finais, trad. Flávio Kothe, Brasília: editora UNB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- _____. Nietzsche: Fragmentos do espólio, trad. Flávio Kothe, Brasília: editora UNB, 2004.

B) Outras obras do autor:

- NIETZSCHE, F.W. A gaia ciência tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. Assim falava Zaratustra, coleção A Obra Prima de Cada Autor, São Paulo: editora Martin Claret, 2002.
- _____. Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. Considerações intempestivas, tradução Lemos de Azevedo, Lisboa: Editorial Presença, 1976.
- _____. Despojos de uma tragédia, tradução de Ferreira da Costa, Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- _____. Ecce homo: como alguém se torna o que é, tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres, tradução de Paulo César de Souza, São Paulo: Cia das letras, 2004.
- _____. Obras incompletas, coleção Os Pensadores, seleção de textos Gerard Lebrun, tradução Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Nova Cultural, 1996.

- _____. O caso Wagner / Nietzsche contra Wagner, tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. O livro do filósofo, São Paulo: Ed. Moraes Ltda., 1987.
- _____. O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo, tradução de J. Guinsburg, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

C) Obras de referência:

C.1) sobre Nietzsche

- ARAUDI, Claudemir Luis, Nilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos, São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: UNIJUÍ, 2004.
- BALEN, Regina Maria Lopes van. Sujeito e identidade em Nietzsche, Rio de Janeiro: UAPÊ, 1999.
- BARROS, Fernando de Moraes. A maldição transvalorada: o problema da civilização em “O Anticristo” de Nietzsche, São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: UNIJUÍ, 2002.
- BOEIRA, Nelson. Nietzsche, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- COPLESTON, Frederick. A History of Philosophy, volume VII, New York : Image, 1994.
- CONCILIUM: Nietzsche e o cristianismo, Petrópolis, v. 5 nº 165, 2 sem. 1981.
- DIAS, Rosa Maria. Nietzsche educador, São Paulo: editora Scipione, 1991.
- FINK, Eugen. A filosofia de Nietzsche, tradução Joaquim Lourenço Duarte Peixoto, Lisboa: Editorial Presença Ltda, s.d.
- GIACOIA Jr, Oswaldo. Fato, Texto, Interpretação: sobre vontade de poder e perspectivismo, Fenômeno & Sentido, Salvador: Quarteto, 2003.
- _____. Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral, Campinas SP: editora da UNICAMP, 1997.
- _____. Nietzsche como psicólogo, São Leopoldo RS: UNISINOS, 2001.
- _____. Nietzsche & Para além de bem e mal, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- HÉBER-SUFFRIN, Pierre. O Zarathustra de Nietzsche, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- LEFEBVRE, Henri. Nietzsche, San Lorenzo México: Impresora Progreso S.A., 1993.
- MACHADO, Roberto. Zarathustra tragédia nietzschiana, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997.
- _____. Nietzsche e a verdade, São Paulo : Paz e Terra, 1999.
- MARTON, Scarlett. Nietzsche, 3ª edição, São Paulo : Brasiliense, 1984.
- _____. O pensamento vivo de Nietzsche, São Paulo: Martin Claret Editores, 1985.
- NUNES, Benito. O Nietzsche de Heidegger, Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.
- RIBEIRO, Mario Sérgio. Vida e liberdade: a psicofisiologia de Nietzsche, Londrina: Ed. UEL, 1999.
- VALADIER, Paul. Nietzsche Y La Critica Del Cristianismo, Madri: Ediciones Crisandad, 1982.
- VELHO, Otávio. Considerações (In)tempestivas sobre Nietzsche e Weber, In: Besta-Fera: recriação do mundo, Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1995.

C.2) Referencias Gerais

- ELIADE, Mircea. Tratado de história das religiões, São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SOUZA, J. C. Os pré-socráticos, coleção Os Pensadores, vários tradutores, São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- VOLPI, Franco. O niilismo, tradução Aldo Vannucchi, São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- EAGLETON, Terry A ideologia da estética, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- WIEBE, Donald. Religião e verdade, São Leopoldo RS: Sinodal, 1998.
- DOSTOIÉVSKI, F. Crime e castigo, São Paulo: Martin Claret, 2004.
- PIXLEY, Jorge. A história de Israel a partir dos pobres, Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2002.
- TASSIN, Claude. O Judaísmo do exílio ao tempo de Jesus, São Paulo: Edições Paulinas, 1988.